

**Universidade Federal de Ouro Preto**

Programa de Pós-Graduação em História

---

**Dissertação**

---

**A emergência da cordialidade  
como conceito histórico-social  
no Brasil**

*Mariana Cunha Fontes*

Mariana  
2023



MARIANA CUNHA FONTES

## **A emergência da cordialidade como conceito histórico-social no Brasil**

Dissertação apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais - ICHS da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP como requisito parcial à obtenção de título de Mestra em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens

Linha de Pesquisa: Ideias, Linguagens e Historiografia

Orientador: Sérgio Ricardo da Mata

Mariana - MG

2023

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F683e Fontes, Mariana Cunha.

A emergência da cordialidade como conceito histórico-social no Brasil. [manuscrito] / Mariana Cunha Fontes. - 2023.  
103 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientador: Prof. Dr. Sérgio da Mata.

Dissertação (Mestrado Acadêmico), Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Historiografia - Brasil. 2. Conceitos - História. 3. "Raízes do Brasil".  
I. Mata, Sérgio da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 930(81)(043.3)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Mariana Cunha Fontes**

### **A emergência da cordialidade como conceito histórico-social no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História

Aprovada em 23 de março de 2023

#### Membros da banca

Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Universidade de Campinas)

Sérgio Ricardo da Mata, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 11/05/2023



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Ricardo da Mata**, COORDENADOR(A) DE CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA, em 11/05/2023, às 19:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0523775** e o código CRC **414A6BBE**.

## AGRADECIMENTOS

Quero expressar a minha profunda gratidão a Deus por ter me concedido saúde, sabedoria e força para concluir esta dissertação. Sinto-me extremamente agradecida pela oportunidade de adentrar a vida acadêmica e me dedicar a uma área que tanto me fascina.

Gostaria também de expressar minha imensa gratidão às mulheres corajosas e determinadas que me precederam e abriram caminhos para que eu pudesse chegar onde estou hoje. Àquelas que lutaram pelos direitos das mulheres, como a autonomia sobre suas vidas e decisões, acesso à educação em todos os níveis, igualdade de voz e oportunidades, independência e a realização de seus sonhos: eu agradeço imensamente por suas conquistas incríveis.

Também gostaria de agradecer a todos os professores que contribuíram para a minha formação, bem como às escolas que frequentei durante minha educação básica: a Escola Municipal "Francisco Claudino de Oliveira" e a Escola Estadual "Coronel Nicolau Sampaio". Essas instituições me mostraram o poder transformador da educação. Em especial à minha antiga professora de História, Ilma Artuzo, por despertar em mim a paixão pela disciplina.

Gostaria de agradecer ainda à minha querida amiga Letícia Basílio, pela ajuda sem a qual não teria ingressado na UFOP; e a toda a equipe de professores e alunos do pré-vestibular Coopvest, que foram fundamentais em minha escolha pela UFOP, em especial ao professor Gustavo Fechus, que me mostrou a importância da educação pública e cuja conversa foi decisiva para a minha escolha.

Agradeço também aos meus familiares e amigos por todo o apoio e incentivo que me deram durante esta jornada. Em particular, gostaria de agradecer à minha irmã Marília, por sua força e leitura carinhosa; à minha tia Marta, por todo o seu apoio e estímulo; aos meus amigos Jussara Souza, Aniele Almeida, Mateus Maritan, Erivelton Gregório e Floriza Beatriz, pela companhia e apoio durante toda trajetória acadêmica; à Ariane Dianes, que se tornou minha grande amiga e incentivadora; e a meu marido Valdeir Araujo, por estar sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis e por me dar o apoio e incentivo necessários para continuar.

Agradeço, sobretudo, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, por acreditar em meu trabalho e me proporcionar a dedicação necessária

para escrever minha pesquisa, e a meu querido orientador e amigo Sérgio da Mata, por todo o aprendizado e pela confiança que depositou em mim.

Também gostaria de expressar minha sincera gratidão aos docentes que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, em especial aos que participaram da minha qualificação e defesa. Seus comentários, sugestões e críticas foram extremamente valiosos para o aprimoramento do meu trabalho e contribuíram significativamente para a sua qualidade. Agradeço em especial a professora Luisa Rauter, pela sua análise detalhada e cuidadosa, que apontou importantes questões teóricas e metodológicas que eu não havia considerado e por todas as provocações feitas ao meu objeto de estudo, que desde o início me possibilitaram ir além. Suas observações e recomendações foram essenciais para que eu pudesse refinar meu argumento e aprofundar minha pesquisa, trazendo densidade e credibilidade à minha pesquisa.

Também gostaria de agradecer ao professor Mateus Pereira, cujas contribuições foram fundamentais para que eu pudesse entender melhor alguns aspectos históricos importantes do meu objeto de estudo. Sua ampla experiência em pesquisa histórica foi fundamental para que eu pudesse aprimorar algumas das minhas ideias e conceitos, tornando minha pesquisa mais robusta e precisa.

E por fim, agradeço ao professor Thiago Lima Nicodemo, que apresentou uma série de questões críticas e desafiadoras que me ajudaram a pensar de forma mais ampla sobre o meu trabalho. Seus comentários me incentivaram a revisar e repensar minha análise e contextualização dos dados. Não poderia deixar de expressar ainda minha gratidão ao professor Marcelo Abreu, que se tornou um grande amigo e por quem tenho enorme respeito.

Agradeço especialmente ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais e à Universidade Federal de Ouro Preto, por oferecer um ensino público, gratuito e de qualidade, que me permitiu realizar meu sonho de ser historiadora e proporcionou alguns dos melhores momentos da minha vida. Sou grata por tudo que aprendi e por todas as oportunidades que essa instituição me concedeu.

Também sou grata a mim mesma por nunca ter desistido, mesmo quando as dificuldades pareciam insuperáveis. Agradeço por me permitir mudar, desconstruir e reconstruir, aprender, desaprender e reaprender e, principalmente, por me exigir evoluir sempre e por me aceitar como sou.

*"Os conceitos são como ferramentas, que nos permitem manipular e compreender a realidade."*

*Bertrand Russell*

## RESUMO

A cordialidade surge na historiografia brasileira derivada da expressão "homem cordial", cunhada por Ribeiro Couto e celebrizada por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Nesses usos, o emprego de cordialidade objetivou caracterizar o homem americano e, posteriormente, em um recorte mais específico, o homem brasileiro. Mas, muito além dos textos e discussões acadêmicas acerca da cordialidade, o presente trabalho faz uma história conceitual da cordialidade. Abordam-se desde dicionários de Língua Portuguesa até resenhas e reflexões sobre o texto de Ribeiro Couto e da obra *Raízes do Brasil*. Aprofundamos e ampliamos o estudo sobre o conceito de cordialidade adentrando suas inúmeras possibilidades de significado, formatos e veículos de circulação. Neste intento, utilizamos como fontes dicionários, a partir dos quais foi feita uma análise dos significados e das mudanças lexicais ocorridas ao longo do tempo na definição de cordialidade e a coleção de periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Analisam-se artigos de jornais em que a expressão "homem cordial" e o verbete cordialidade aparecem, fazendo-se um contraponto entre a conceitualização e discussão acadêmica e os usos cotidianos do termo.

A hipótese aqui desenvolvida argumenta que a emergência do conceito de cordialidade nos anos 30 condensa um conjunto de experiências históricas que se enraizaram na sociedade brasileira, passando a ser uma das estruturas de representação social de um ser brasileiro. Em suma, este estudo demonstra que a cordialidade se tornou um conceito à medida que circunstâncias político-sociais se agregaram a ela, e sua significação extrapolou os planos linguísticos, retratando e formatando a realidade no decorrer deste processo de caracterização social do ser brasileiro.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - (CAPES).

**Palavras-Chave:** Cordialidade; História dos Conceitos; Historiografia Brasileira; *Raízes do Brasil*.



## ABSTRACT

Cordiality arises in Brazilian historiography derived from the expression "homem cordial" coined by Ribeiro Couto and celebrated by Sérgio Buarque de Holanda in *Raízes do Brasil*. In these uses, the employment of cordiality aimed to characterize the American man and, later, in a more specific context, the Brazilian man. But far beyond academic texts and discussions about cordiality, this work presents a conceptual history of cordiality. We address everything from Portuguese language dictionaries to reviews and reflections on the texts of Ribeiro Couto and *Raízes do Brasil*. We deepen and expand the study of the concept of cordiality by delving into its numerous possibilities of meaning, formats, and vehicles of circulation. To this end, we use dictionaries as sources, from which an analysis of the meanings and lexical changes that occurred over time in the definition of cordiality was made, as well as the collection of periodicals from the Digital Hemeroteca of the National Library of Brazil. Newspaper articles are analyzed in which the expression "homem cordial" and the entry cordiality appear, making a counterpoint between the conceptualization and academic discussion and the everyday uses of the term.

The hypothesis developed here argues that the emergence of the concept of cordiality in the 1930s condenses a set of historical experiences that took root in Brazilian society, becoming one of the structures of social representation of a Brazilian being. In summary, this study demonstrates that cordiality became a concept as political and social circumstances were added to it, and its significance exceeded linguistic plans, portraying and formatting reality during this process of social characterization of the Brazilian being.

This work was supported by the Minas Gerais Research Support Foundation (FAPEMIG) and the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES).

**Keywords:** Cordiality; History of Concepts; Brazilian Historiography; *Raízes do Brasil*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA I</b> - Nuvem de Palavras relacionadas a <i>Cordial</i> .....	74
<b>GRÁFICO I</b> - Proporção de Ocorrências por Páginas da Expressão "Homem Cordial" nos Jornais Brasileiros Entre 1880 a 1969 .....	86

## LISTA DE TABELAS

**TABELA I** - As definições de cordial e seus derivados em alguns dos principais dicionários de Língua Portuguesa publicados entre 1712 e 1986 ..... 68

**TABELA II** - Proporção de Ocorrências por Páginas de Cordialidade nos Jornais Brasileiros entre 1880 a 1969 ..... 88

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
Para uma história conceitual da cordialidade	17
<b>1. MÉTODO E HISTORIOGRAFIA: A QUESTÃO DA CORDIALIDADE</b>	<b>22</b>
1.1. A história lexical da cordialidade: Algumas considerações sobre o método	22
1.2. Semântica em disputa: interpretações da cordialidade na historiografia atual	26
1.2.1. A cordialidade enquanto “mito nacional”	28
1.2.2. Cordialidade à brasileira: mito ou realidade? - Uma análise por João Cezar de Castro Rocha	32
<b>2. A CORDIALIDADE NO DEBATE INTELECTUAL</b>	<b>38</b>
2.1. As múltiplas facetas do “Homem Cordial”: Uma análise historiográfica da cordialidade	38
2.1.1. Buarque de Holanda e as primeiras mudanças no significado e valor da Cordialidade	41
2.1.2. “Variações sobre o ‘homem cordial’” - Uma interpretação da cordialidade por Cassiano Ricardo	46
2.1.3. “Carta a Cassiano Ricardo”	54
2.2. Raízes do Brasil e seu impacto na difusão do conceito de cordialidade	56
<b>3. DE PALAVRA A CONCEITO HISTÓRICO-SOCIAL</b>	<b>67</b>
3.1. Etimologia e cronologia dicionarística da cordialidade	67
3.2. O que é ser cordial? Usos da palavra 'cordialidade' no debate público e buscas por uma identificação nacional	78
3.3. Análise quantitativa da cordialidade na imprensa periódica no século XX	85
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>	<b>95</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

Segundo Reinhart Koselleck (2020), atualmente compreendemos a História embasados no seu conceito moderno, em que se tem a ideia de que a História é singular e que possui sua própria essência, podendo ser “modelada” pelos homens. Entretanto, nem sempre a história foi compreendida como algo que estivesse disponível para ser modificado e que se adaptasse às questões de grupos, classes sociais ou do Estado.

Até metade do século XVIII, a história era concebida de forma heterogênea, ou seja, não existia ainda a concepção de “a História”, mas histórias, no plural, em um conjunto que não se restringia a um movimento único e global do homem sobre a Terra. Foi através do processo de singularização que as histórias, anteriormente plurais, encaminharam-se para uma só História coletiva singular: a História Universal, a História da Humanidade.

Com tais mudanças, a história passa a ser compreendida, em simultâneo, como acontecimento e relato. E é a partir dessa nova significação dos métodos históricos, advinda da modernidade, que surge a inserção dos conceitos como método investigativo de se compreender o acontecer histórico, através de uma História dos Conceitos. Todavia, vale ressaltar que a história dos conceitos não surge com os pensamentos de Koselleck. Ao contrário, segundo Assis e Da Mata (2013): “assim como sublinhou Gunter Scholtz, [...] a história dos conceitos se coloca como projeto e mesmo como uma incipiente prática disciplinar antes do surgimento do conceito ‘história dos conceitos’” (ASSIS e DA MATA, 2013, p. 23).

Assim, ainda de acordo com Assis e Da Mata, os primórdios da história dos conceitos deram-se a partir do impulso de se compreender mais amplamente o significado do léxico dos conceitos (políticos). De acordo com eles, apesar de algumas iniciativas do século XVIII e XIX, somente no século XX a história dos conceitos emancipa-se como subdisciplina, compreendendo-se “como um instrumento heurístico necessário ao desenvolvimento de uma teoria filosófica” (ASSIS e DA MATA, 2013, p. 23).

A história dos conceitos se inicia então como tentativa de se compreender as mudanças históricas no plano linguístico, através de um aprofundamento na semântica dos conceitos históricos que buscavam a construção linguística de experiências do tempo na realidade passada. Ou seja, a história dos conceitos

manifesta-se com o objetivo de analisar e expressar linguisticamente o acontecer histórico, unindo seus aspectos linguísticos (que podem ser descritos semanticamente) e extralinguísticos (que possuem mais experiências do que a linguagem pode expressar), em um processo de aproximação e expressão da realidade.

Nesse sentido, a história dos conceitos surge como:

[...] crítica à tradução descontextualizada de expressões cronologicamente relacionadas ao campo semântico constitucional; em seguida, essa especialização pretendeu uma crítica à história das ideias, compreendida como um conjunto de grandezas constantes, capaz de se articular em diferentes formas históricas sem qualquer alteração essencial. Ambos os impulsos conduziram a uma delimitação metodológica mais precisa, pois, ao longo da investigação de um conceito, tornou-se possível investigar também o espaço da experiência e o horizonte de expectativa associados a um determinado período, ao mesmo tempo em que se investigava também a função política e social desse mesmo conceito. (KOSELLECK, 2006. p. 104).

Desse modo, ao caracterizarmos um conceito, é necessário que façamos uma análise que vai muito além da mera significação das palavras. Para Koselleck, a representação da realidade estruturada através da utilização de um conceito histórico se faz possível à medida em que este engloba um conjunto de significados que, mesmo distintos em alguma medida, giram em torno de um eixo central e se unem à sua própria estrutura, a qual abarca a natureza variável dos acontecimentos históricos e suas temporalidades.

Um conceito não se restringe a ser um fenômeno linguístico apenas, mas, ao contrário, a representação do acontecer que se estabelece para além da língua, em uma relação entre fato linguístico e realidade extra-linguística. Nessa perspectiva, a teorização destes conceitos está intrinsecamente relacionada a conteúdos que extrapolam a dimensão linguística. Assim, de acordo com Assis e da Mata, a história dos conceitos abriria um “acesso novo ao estudo da dinâmica histórico-social; ela possibilita um controle lexical que, com o auxílio da hermenêutica, deveria fundamentar historicamente a análise científico-social” (2013, p. 18).

Ademais, para compreendermos a História dos Conceitos, é necessário entender ainda as diversas nuances presentes em sua estrutura. É preciso, primeiramente, entendermos que é sobretudo através da linguagem que

conseguimos expressar o acontecer histórico e através dela que damos significados às experiências vividas. Nesse sentido, um conceito não pode existir sem que tenha havido aquela experiência que ele estrutura e da qual se ele torna parte. Ao mesmo tempo, no acontecer histórico, haverá sempre mais do que conseguimos expressar através da linguagem. Nas palavras do próprio Koselleck, “Sem conceitos não há experiência e sem experiência não há conceitos” (KOSELLECK, 2020, p. 69).

Segundo Koselleck, um conceito precisaria ainda, para ser caracterizado como tal, ser fundamental para a percepção da realidade histórica. Para ele, os conceitos fundamentais — como ele mesmo os denomina — seriam aqueles imprescindíveis para a compreensão dos estados das coisas, sob o qual as estruturas baseariam nossas ações. Por conseguinte, estes conceitos fundamentais estariam dotados de temporalidades e abarcariam “parcelas de significados passados, assim como expectativas de futuro” (KOSELLECK, 2020, p. 76).

Assim, outro fator essencial para a compreensão da História dos Conceitos é entender sua concepção temporal. Para Koselleck (2020), a mudança temporal entre as experiências vividas e os conceitos difere, isto é, um conceito pode sofrer alterações em seu significado sem que o acontecimento que ele representa mude concretamente, ao mesmo tempo em que uma experiência pode mudar sem que sua conceitualização sofra alterações. De tal modo, para ele, um autor, ao mobilizar determinado conceito, precisa contrapor os significados passados presentes no conceito com suas intenções políticas para que, assim, eles sejam compreendidos e empregados em sua totalidade.

Ainda segundo Koselleck (2020), “toda vida humana é constituída de experiências” (p. 65). Nesse sentido, um conceito teria como objetivo constituir linguisticamente essas experiências que nos são relevantes no âmbito social e político, pautados em uma significação histórico-social que vai muito além de uma grafia utilizada para caracterizar uma “expressão histórica”. Para ele, precisaríamos dos conceitos para:

Fazer ou reunir experiências e integrá-las à vida [...] para fixar as experiências fugidias, para saber o que aconteceu e para conservar o passado em nossa linguagem. Precisamos, então, dos conceitos para integrar passados tanto à nossa faculdade de linguagem quanto ao nosso comportamento. (KOSELLECK, 2020. p. 65 – 6).

Em suma, os conceitos se tornam essenciais para representar e experienciar linguisticamente o acontecer histórico. E é, em alguma medida, através dos conceitos que conseguimos estruturar nossas experiências e, a partir dessas experiências, podemos pautar nossas expectativas futuras. Desse modo, a História dos Conceitos integra ainda uma metodologia histórica, onde os conceitos seriam chave fundamental no processo de embasamento teórico, proporcionando maior fundamentação e credibilidade aos discursos históricos. De acordo com Júlio César Bentivoglio (2010), Koselleck, ao trazer essa nova teoria histórica:

valorizou a dinâmica e a existência de significados aparentemente diversos dentro de uma mesma época e até em um mesmo grupo social e, de igual modo, explicitou o caráter formativo e pragmático da constituição e do uso das ideias na história. (BENTIVOGLIO, 2010. p. 115).

Ainda segundo Bentivoglio (2010), ao longo desse processo de consolidação da história dos conceitos, percebeu-se que, diferentemente do pensamento marxista, os conceitos não deveriam ser abordados unicamente como expressões da ideologia, tampouco deveriam ser compreendidos como resultado de determinadas relações discursivas, como almejou Foucault.

Em última instância, a história dos conceitos pode ser entendida como esse processo que nos possibilita compreender o complexo movimento de emergência e ressignificação dos conceitos ao decorrer do tempo. Para além de um método a ser empregado, ou uma subdisciplina histórica, a História dos Conceitos seria uma ferramenta complementar e indispensável para a representação e elucidação histórica.

Desse modo, a partir da tese de Koselleck de que os conceitos histórico-sociais são utilizados para representar linguisticamente e estruturar o acontecer histórico, e que estes, no que lhe concerne, não são estáticos e se modificam e se ampliam conforme a realidade em que estão inseridos, é possível postular que os conceitos se adaptaram às novas realidades e aos novos significados sociais.



## Para uma história conceitual da cordialidade

Ao estudarmos a historiografia brasileira a partir da década de 1930, apesar de nos deparamos com essa forma de representar os acontecimentos históricos semanticamente através do surgimento e utilização do conceito de cordialidade, ainda há uma lacuna no que tange ao estudo conceitual da cordialidade.

É preciso lembrarmos que o conceito de cordialidade ganha destaque e se populariza enquanto forma de caracterização social a partir do final da década de 1920, em especial, após as discussões feitas por Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda, quando o Brasil passa por um processo de mudanças sociais e atualiza sua busca por uma identidade nacional.

Assim, partimos da hipótese de que o maior foco no conceito de cordialidade nos anos 30 condensa um conjunto de experiências históricas que se enraizaram em nossa sociedade, que passa a ser uma das estruturas de representação social do brasileiro. Desse modo, pretendemos mostrar como, a partir da década de 1930, as mudanças sociais, históricas e linguísticas que ocorreram na sociedade brasileira, bem como o debate historiográfico que passou a incorporá-lo, contribuíram para a expansão estrutural e lexical do conceito de cordialidade. Pretende-se identificar, em última instância, como a palavra cordialidade deixa de pertencer apenas ao vocabulário das boas maneiras e da sociabilidade e se torna um conceito histórico-social de caracterização do homem brasileiro.

Com um recorte que vai desde 1932, quando a expressão “homem cordial” é, supostamente, utilizada pela primeira vez para caracterizar o “homem americano”, até 1969, com a publicação da quinta e definitiva edição da obra *Raízes do Brasil*, a presente pesquisa pretende investigar o surgimento e caminho percorrido pela cordialidade em seu processo de consolidação enquanto conceito histórico-social, desmistificando principalmente, sua relação intrínseca ao nome de Sérgio Buarque de Holanda. A proposta é expandir e conhecer novas perspectivas de investigação, as quais, muitas vezes, não estão no enfoque dos estudos historiográficos sobre o “homem cordial”.

Propõe-se, desse modo, uma abordagem um pouco diferente quanto a este mapeamento do conceito em nossas ciências humanas, recorrendo tanto à análise de dicionários, artigos de jornais e textos historiográficos, quanto à utilização de nuvem de palavras, tabelas e gráficos que nos permitam fazer uma análise

qualitativa e quantitativa dos usos de cordial, cordialidade e “homem cordial”. Nesse sentido, ao fazermos essa história conceitual da cordialidade, analisaremos tanto a figura do homem cordial, quanto o conceito de cordialidade.

Para tal, utilizamos como fontes primárias e base desta investigação Dicionários etimológicos e de Língua Portuguesa, a partir dos quais foi feita uma breve análise dos significados e das mudanças ocorridas ao longo dos anos na definição da palavra cordialidade; o site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - RJ, no qual exploramos artigos de jornais em que a expressão “homem cordial” aparece publicamente e o livro *Raízes do Brasil*, em que o conceito de cordialidade se expande e ganha conotações de “categoria histórico-cultural nativa”<sup>1</sup>. Buscando alcançar tais objetivos, o trabalho está estruturado em três capítulos, os quais variam entre uma análise mais comparativa e empírica entre as principais definições e empregos atribuídos à cordialidade e uma análise mais teórica, onde será discutido como a cordialidade passa a integrar a caracterização do brasileiro e se torna um conceito histórico-social.

O primeiro capítulo será dividido em dois subtítulos. No primeiro deles, intitulado “A história lexical da cordialidade: Algumas considerações sobre o método”, trataremos uma breve discussão a respeito da importância do léxico no estudo do conceito de cordialidade, para introduzirmos o leitor à discussão lexical que virá a partir da análise dos significados atribuídos aos verbetes cordial e cordialidade.

A seguir, trataremos alguns dos debates recentes acerca do conceito de cordialidade, para que o leitor consiga dimensionar como a discussão acerca da cordialidade não esteve restrita a discussões ocorridas em meados do século XX e não se restringiu aos escritos de Sérgio Buarque de Holanda. A utilização de tais trabalhos ainda demonstra como o conceito de cordialidade sempre esteve cercado por disputas semânticas e sociais, as quais englobam desde a caracterização social do homem brasileiro, até a perspectiva de que a cordialidade se trataria, antes de tudo, de um mito nacional.

---

<sup>1</sup>A teoria de Clifford Geertz sobre a “categoria histórico-cultural nativa” afirma que as culturas são concebidas como sistemas simbólicos, em que as crenças, valores e práticas sociais são entendidos como signos inter-relacionados. Geertz argumenta que as categorias culturais nativas, ou seja, as categorias internas de uma cultura, são fundamentais para compreender a experiência humana e as ações sociais, e que essas categorias devem ser analisadas com base em suas próprias bases simbólicas.

Já no segundo capítulo partiremos para uma análise da cordialidade no debate intelectual, chegando ao texto “O Homem Cordial, produto americano” de Ribeiro Couto, no qual é provavelmente usado pela primeira vez a expressão “homem cordial” para caracterizar o povo latino-americano e, conseqüentemente, brasileiro.

Logo em seguida faremos a análise do conceito de cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda, abrangendo uma breve comparação entre os significados imputados à cordialidade ao longo das edições de *Raízes do Brasil*. Após este contato com os textos de Buarque de Holanda, apresentaremos ao leitor as interpretações e críticas feitas por Cassiano Ricardo, inicialmente, através da análise do seu texto “Variações sobre o ‘Homem Cordial’”. Tal texto aborda outra perspectiva de investigação do conceito, empregado em *Raízes*, nos fazendo refletir sobre o significado apresentado por Buarque de Holanda e, principalmente, sobre as suas mudanças de sentido.

Além destes, será analisada a edição crítica e comemorativa de 80 anos de *Raízes do Brasil*, que não apenas faz uma cronologia de edições da obra, como também traz alguns dos importantes textos anexos e sobre *Raízes do Brasil*. Será feita também uma breve exposição da utilização da cordialidade em outros autores para contrapor às ideias apresentadas por Sérgio Buarque de Holanda. Assim, utilizarei os livros *A queda do Aventureiro*, de Pedro Meira Monteiro; *Cordialidade à Brasileira Mito ou Realidade?* de João Cezar de Castro Rocha; *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*, de Jessé Souza e *Clássico por amadurecimento: estudo sobre Raízes do Brasil*, de Luiz Feldman.

Além dos importantes livros citados acima, utilizarei também como bibliografia, alguns importantes artigos escritos sobre o tema, como “Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em *Raízes do Brasil*”, de Sérgio da Mata; “A década de 1930, entre a memória e a história da historiografia brasileira”, de Fábio Franzini e “Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda”, de Thiago Lima Nicodemo, os quais são ricos em elementos analíticos que nos ajudam compreender quão abrangente a cordialidade pode se apresentar.

Também será analisada a influência dos escritos acadêmicos sobre a caracterização do brasileiro como cordial. Investigando como, após a publicação do texto de Ribeiro Couto e de *Raízes do Brasil*, o entendimento sobre a cordialidade passou a englobar também uma caracterização social do brasileiro.

No terceiro capítulo, após termos analisado as discussões histórico-conceituais da cordialidade e como ela se inseriu no cenário intelectual brasileiro, partiremos para a análise do seu processo de expansão e consolidação como conceito histórico-social. Assim, inicialmente investigaremos os aspectos semânticos e lexicais da cordialidade, fazendo um balanço acerca da etimologia e das definições dicionarísticas atribuídas ao campo lexical da cordialidade. Nesse ponto o objetivo será mostrar ao leitor como se deu o surgimento e a evolução do verbete cordial/cordialidade nos dicionários de Língua Portuguesa. A ideia é entender como a palavra cordialidade emerge no linguajar brasileiro e como vai evoluindo, para que, deste modo, possamos compreender melhor seu processo de transformação semântica até sua emergência enquanto conceito histórico-social. Para tal, analisaremos algumas das principais mudanças de sentido ocorridas com a cordialidade a partir da perspectiva de Antoine Meillet, trabalhada em seu livro *Como as palavras mudam de Sentido*.

Além destes, investigaremos ainda os usos mais cotidianos da expressão “homem cordial”. Visando mostrar outra perspectiva que atravessava a conceitualização da cordialidade a qual estava presente na sociedade

de brasileira e que não estava necessariamente embasada nas discussões acadêmicas, buscamos por artigos e textos de jornais publicados ao longo da década de 1930 que empregavam a expressão “homem cordial” de forma corriqueira.

Desse modo, buscaremos mostrar como a palavra foi inicialmente utilizada antes de sua configuração enquanto categoria do debate historiográfico, bem como o processo de expansão da cordialidade através da análise tanto qualitativa como quantitativa dos usos da expressão “homem cordial” desde 1930 até 1969 em jornais brasileiros através da utilização do site da Hemeroteca digital.

Além destes, também serão analisadas quantitativamente as ocorrências de *cordialidade* nos jornais desde 1880 até 1969. Tal recorte se justifica pois foi constatado que já a partir da década de 1960 o acervo da Hemeroteca não tem a mesma capacidade de fornecer as fontes necessárias para esta análise, uma vez que não contempla importantes jornais como *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo* e *Estado de Minas*. Assim, seguir a análise de dados sem as informações presentes em tais fontes certamente alteraria os resultados da pesquisa.

Para tal, os artigos foram separados por décadas e analisados em quais circunstâncias a palavra cordialidade está sendo empregada: de forma corriqueira, como o uso indicado pelos dicionários; historiograficamente através de críticas literárias e/ou sociologicamente, fazendo uma caracterização do cidadão brasileiro. Além desta análise, buscamos encontrar o momento de ápice da sua expansão, para investigarmos o que impulsionou e em qual momento a palavra cordialidade se tornou um conceito histórico-social intrinsecamente relacionado ao imaginário do que é ser brasileiro.

Por último, analisaremos o processo de ampliação da expressão “homem cordial” de um simples termo presente no vocabulário cotidiano brasileiro até a consolidação da cordialidade enquanto conceito, refletindo como ela passou de um verbete que se referia ao coração, a uma característica estereotipadamente enraizada no brasileiro. Em suma, tal estudo procura mostrar que a cordialidade pode ser descrita como um conceito abrangente, repleto de nuances, o qual foi amplamente disseminado no vocabulário cotidiano brasileiro, ganhando múltiplas significações e se tornando herança comum à sociedade.

Contudo, é importante ressaltar que este trata-se de um estudo de história conceitual e, desse modo, nosso objetivo é evidenciar que a cordialidade, assim como outros conceitos, tal como proposto por Koselleck, buscou representar e estruturar linguisticamente uma realidade social que estava além de uma compreensão superficial e seus significados passaram a fazer parte, ao mesmo tempo, de uma expressão e todo o estado de coisas ao qual ela pretendia caracterizar, tornando-se assim, fundamental para a compreensão histórica de seu objeto de estudo.

## **1. MÉTODO E HISTORIOGRAFIA: A QUESTÃO DA CORDIALIDADE**

O capítulo aborda a questão da cordialidade no contexto da história da historiografia brasileira. A partir de uma reflexão sobre o método e a história lexical da cordialidade, são apresentadas as diversas interpretações sobre o significado desse conceito tão debatido na historiografia. Dentre as recentes interpretações analisadas, destacam-se as discussões propostas por João Cezar de Castro Rocha e Jessé Souza. Assim, o capítulo oferece ao leitor uma reflexão crítica acerca das disputas semânticas e sociais, as quais englobam a caracterização social do homem brasileiro, apresentando um panorama geral sobre esse tema tão presente no imaginário nacional.

### **1.1. A história lexical da cordialidade: Algumas considerações sobre o método**

Ao iniciarmos uma pesquisa acerca de um conceito, alguns fundamentos linguísticos, sociais e históricos precisam ser considerados. Primeiramente é importante ressaltar que a língua, enquanto ferramenta de comunicação, é viva e, desse modo, flexível. Assim, é imprescindível que, ao estudarmos o conceito de cordialidade, analisemos desde sua formação até os acontecimentos políticos e histórico-sociais que contribuíram para sua transformação, para conseguirmos, então, concebê-lo em sua totalidade. Neste contexto, a análise lexical torna-se fundamental para compreendermos o processo de construção e consolidação da cordialidade, bem como dos elementos que a integram.

O léxico está intrinsecamente relacionado à forma de se comunicar e de expressar das sociedades. Ele traduz e representa a experiência cultural de determinada comunidade através da língua. De tal forma, o léxico se torna um mecanismo fundamental de análise da linguagem, visto que ele engloba não apenas a história e o estudo das palavras em si, mas também a construção histórica das sociedades que as utilizavam e as modificam.

Desse modo, o emprego do léxico surge enquanto ferramenta de investigação e se torna primordial no estudo do conceito de cordialidade, dado que ela é analisada aqui como um conceito repleto de significados, os quais se transformaram

e se adaptaram aos diferentes contextos políticos e sociais. A cordialidade, assim como outros conceitos, tal como proposto por Koselleck:

[...] reúne en sí las características de un estado de cosas previamente dado, su significado puede definirse, si bien también de otras formas, atendiendo al hecho o a la perspectiva teórica. Sólo hay un concepto cuando, más allá de su simple función descriptiva, los respectivos significados de términos individuales que describen un mismo estado de cosas se agrupan y se reflexiona sobre ellos en su contexto.

En la historia de un concepto no sólo un significado de la palabra desplaza a otro, sino que todo el complejo que pasó a formar parte de la palabra se modifica en su combinación y referencia. (KOSELLECK, 2009, p. 102).

Ou seja, os conceitos são marcados por sua pluralidade de significados que possuem estruturas muito maiores do que aquelas capazes de serem expressas por uma palavra. Assim, para conseguirmos compreendê-los é preciso investigar toda a carga semântica que eles carregam, bem como o estado de coisas ao qual ele se refere, visto que eles não abarcam apenas definições simplificadas, mas signos sociais e políticos que regem nossas ações.

De acordo com o linguista francês Antoine Meillet<sup>2</sup>, o meio social é um dos principais componentes de mudanças no sentido das palavras e, conseqüentemente, dos conceitos. Segundo ele, do ponto de vista semântico, as mudanças linguísticas entre os grupos falantes de determinada língua influenciam seu sentido. Assim:

[...] se o meio no qual evolui a linguagem é um meio social, se o objetivo da linguagem é permitir as relações sociais, se a linguagem é apenas mantida e conservada por essas relações, se, enfim, os limites das linguagens tendem a coincidir com os dos grupos sociais, é evidente que as causas das quais dependem os fatos linguísticos devem ser de natureza social, e que apenas a consideração dos fatos sociais permitirá substituir, na linguística, o exame dos fatos brutos pela determinação do processo — ou seja, o exame das coisas pelo exame das ações, a pura constatação de relações entre fenômenos complexos pela análise de fatos relativamente simples considerados cada qual em seu desenvolvimento particular. (MEILLET, 2016, p. 33)

---

<sup>2</sup> Utilizamos aqui dois importantes livros de Meillet para embasar sua teoria linguística e semântica: *Como as palavras mudam de sentido*, - Edição Crítica e Bilingue, de 2016 e *A evolução das formas gramaticais*, - Edição em Português, de 2020.

Segundo Meillet, é então a partir das relações históricas, políticas e sociais que pautamos nossas ações e a forma como agimos em sociedade e, conseqüentemente, a forma que nos comunicamos. Assim, sempre que ocorrem grandes transformações coletivas, a linguagem se transforma também, de modo a representar os novos signos sociais. Ele ainda discorre que:

a linguagem é eminentemente um fato social. Tem-se repetido frequentemente que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam e que, por conseguinte, não tem cabimento atribuir a elas uma existência autônoma, um ser próprio. É uma constatação evidente, mas sem alcance, como a maioria das proposições evidentes. Pois se a realidade da língua não é algo substancial, nem por isso ela deixa de existir. Esta é a realidade é ao mesmo tempo linguística e social (MEILLET, 2020, p. 50)

Assim, utilizando a teoria do fato social proposta por Émile Durkheim, (a qual postula que seria a esfera do coletivo que determina a maneira de agir, pensar e sentir na vida de um indivíduo) Meillet, aponta que a linguagem é indissociável das relações histórico-sociais. Nesse sentido é preciso que compreendamos não apenas as estruturas linguísticas de determinada palavra ou conceito, mas também a sua evolução junto às transformações pelas quais passam as sociedades em que estão inseridos. Segundo ele:

As mudanças das coisas não se traduzem unicamente por mudanças nas palavras, pois estas, estando associadas a representações sempre muito complexas, associam-se facilmente a representações que têm traços comuns com aquelas de uma geração anterior. É assim que a variação de sentido de muitas palavras, ou seja, no fundo, a variação das noções às quais determinado nome está associado, traduz mudanças sociais mais profundas [...] (MEILLET, 2016, p. 49)

Fica evidente, desse modo, que o estudo dos conceitos não integra apenas uma análise dos aspectos linguísticos, mas todo o conjunto linguístico e extralinguístico que estão presentes em seu processo formativo. Ou seja, o estudo de uma língua, ou mais especificamente, um conceito não se faz isoladamente. Ao contrário, é preciso que elementos externos que estão presentes em nossa sociedade e que transformam de alguma forma nosso modo de se relacionar sejam também analisados. De acordo com Koselleck:



Para investigar los conceptos que se refieren a estados de cosas sociales y políticos y a su transformación, se registran tanto los estratos de significado de una misma palabra como los procesos de denominación mediante diferentes palabras. (KOSELLECK, 2009, p. 101)

De tal forma, o léxico, mais do que uma estrutura presente na língua que busca estudar a formação das palavras, atua como um mecanismo de consolidação e interpretação dos conceitos. Segundo ele, na história dos conceitos:

[...] nuestro método oscila continuamente entre planteamientos semasiológicos y onomasiológicos, así como entre los relativos a la historia del espíritu y a la historia factual: todos son necesarios para captar el contenido histórico de un concepto. Es posible que falte un concepto adecuado y que se esté buscando a tientas; puede estar disponible desde hace mucho tiempo, pero ya no ser válido; aparecen nuevas palabras, se acumulan construcciones léxicas mediante el uso de guiones (por ejemplo social-democracia) porque nuevas experiencias o expectativas pretenden ser formuladas. Justamente la insuficiencia de determinados conceptos en relación con determinados acontecimientos o situaciones se hace perceptible lingüísticamente [...]. (KOSELLECK, 2009, p. 102).

Assim, para analisarmos o conceito de cordialidade é preciso que compreendamos tanto as relações sociais que envolvem a definição do que é ser cordial, quanto a estrutura lexical na qual se buscou formular tais ações e suas transformações. Ademais, é possível apontar que o conceito de cordialidade surge como uma expansão e complexificação da expressão “homem cordial”, visto que essa passa a não dar conta de representar e integrar linguisticamente todos os aspectos extraconceituais que ele vai ganhando com o decorrer do tempo, bem como suas mudanças histórico-sociais.

Nesse sentido, a utilização do léxico enquanto uma forma de se fazer uma história conceitual da cordialidade nos possibilita aprofundar em suas raízes semânticas e expandir nossas interpretações acerca do que representa ser cordial, analisando-a no contexto social brasileiro. Paralelamente, é possível fazer tal investigação através da análise das fontes conforme proposto por Koselleck. Segundo ele, as fontes, ao se fazer uma história conceitual, se classificam em três grupos/níveis. São eles:

3.1. La lectura de escritores representativos forma parte de todos los artículos. Es el nivel de los «clásicos» —a menudo citados

por las obras completas—, de los filósofos, economistas, juristas, en definitiva, de los autores de manuales o de poetas y teólogos.

3.2. En correspondencia con los campos semánticos, el repertorio de fuentes profundiza en el día a día. Incluye revistas, periódicos, panfletos, así como actas de los estamentos y parlamentos, de la administración y de la política; también, en fin, cartas y diarios, por no mencionar los hallazgos aparentemente casuales de la bibliografía secundaria.

3.3. En tercer lugar, en cada artículo se ha incluido la lectura mínima de los grandes diccionarios. En cualquier caso, también en el caso de resultados negativos, se ha consultado el campo de los léxicos y enciclopedias que ya forman parte de la historia. En este nivel se ha recogido el conocimiento y la autocomprensión de las distintas generaciones, primero de los eruditos, después del mundo culto, finalmente del público al alcance de la publicística. La comprensión de la diferencia entre los tres niveles o tipos de fuentes siempre es reveladora en lo relativo a la formación de conceptos y a sus efectos. (KOSELLECK, 2009, p. 103).

Assim, o léxico se tornará ferramenta de estudo indispensável para compreendermos melhor o processo de formação e os significados relacionados ao conceito de cordialidade. Nesse sentido, primeiramente o utilizaremos para compreender os significados e fazer uma reconstituição dessa memória histórico-social da cordialidade através de uma análise lexicográfica e lexicológica, estudando a etimologia e parte da sua evolução linguística e semântica, bem como uma análise de sua transformação conceitual e extraconceitual.

## **1.2. Semântica em disputa: interpretações da cordialidade na historiografia atual**

Imagino o que pensaria Sérgio Buarque de Holanda, que na ocasião de sua terceira edição de *Raízes do Brasil*, (ao responder às críticas feitas por Cassiano Ricardo) nos disse que a cordialidade tenderia a desaparecer e que o tão discutido homem cordial seria um “pobre defunto” (1956, p. 314) se visse que mesmo hoje, quase 90 anos após a publicação da primeira edição da obra, a cordialidade ainda seria tema de discussão e até mesmo de trabalhos acadêmicos como este.

É fato que *Raízes do Brasil* ganhou proporções inimagináveis e ocupou, segundo autores como Antônio Candido, durante muitos anos, o cargo de clássico — pertencente ao panteão da historiografia nacional. Todavia, ao longo dos anos, a análise da cordialidade e, por conseguinte, de *Raízes do Brasil* foi se modificando e

ganhando novas perspectivas de análise. Se na década de 1930 e nos anos seguintes a cordialidade foi tratada como um elemento de representação de uma unidade social precisa e exclusivamente brasileira; nos debates atuais essa já não é, em sua maioria, o centro da discussão. Quando analisamos, por exemplo, a bibliografia recente que deseja abordar a cordialidade, seja como conceito ou mesmo uma palavra, encontramos inúmeras vertentes, as quais citarei brevemente.

No artigo da doutoranda Iara Andrade Senra (2021), publicado na revista *Contemporâneos*, ela analisa como a cordialidade foi utilizada como parte fundamental das diretrizes políticas desenvolvidas pelo ideólogo do Estado Novo, Almir de Andrade. Em seu texto ela discorre que o autor acreditava que “o espírito cordial” seria um de nossos principais traços culturais e, portanto, deveria ser mais bem aproveitado. Assim vemos que a cordialidade foi tratada não apenas como uma característica social do brasileiro, mas também essa ideia foi usada para respaldar os argumentos acerca da implementação do Estado Novo.

Já no artigo intitulado “Cordialidade e banalidade do mal no Brasil autoritário”, de Diego dos Anjos Azizi (2021), o conceito de cordialidade é analisado junto ao conceito de “banalidade do mal” da filósofa Hannah Arendt como “chaves interpretativas possíveis para a análise do caráter autoritário da sociedade brasileira”.

Numa perspectiva jurídica, podemos citar, por exemplo, o artigo Daniela Muradas e Victor Hugo Criscuolo Boson (2022), que analisa como o conceito de cordialidade, como entendido por Cassiano Ricardo, foi utilizado por juristas brasileiros para se “afirmar traços psicossociais do povo brasileiro - conciliação, passividade, pacificidade e benevolência” e assim “legitimar o ideário de negação à luta social, à resistência política e ao conflito trabalhista”. Segundo eles, “a reprodução dessa noção como mito e instrumental ideológico-argumentativo mobilizado por políticos e por juristas” foi utilizado como meio para impor traços autoritários nas relações de trabalho no Brasil.

No campo filosófico, o artigo de John Karley Sousa Aquino (2021), intitulado “O que Hegel diria da nossa cordialidade?”, o autor utiliza o homem cordial como exemplo de um tipo de sociabilidade avesso às regras e tenta entender “como e por quais motivos desenvolvemos um tipo de sociabilidade avesso a normatividade impessoal, priorizando o contato pessoal direto e a intimidade”, tendo como chave de leitura a tese de Hegel sobre as relações intersubjetivas.

Também não podemos deixar de citar as contribuições feitas ao longo dos últimos anos por autores como Lilia Schwarcz, Pedro Meira Moreira, Thiago Lima Nicodemo e Luiz Feldman; o dossiê da Revista Brasileira de História sobre os 80 anos de *Raízes do Brasil* e a tese de Rafael Pereira da Silva intitulada *A queda do homem cordial*. Além destes, as discussões feitas por Jessé Souza e João Cezar de Castro Rocha nos ajudam a refletir importantes aspectos da cordialidade, os quais analisaremos abaixo.

### **1.2.1. A cordialidade enquanto “mito nacional”**

Para Jessé Souza, em seu livro *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*, publicado em 2015, essa “tese da ‘singularidade cultural’ brasileira, pensada de modo absoluto como um povo com características únicas e incomparáveis” (2015, p.15) é entendida como um mito o qual a sociedade brasileira celebra e que, para ele, é transformada “em ‘ciência’ conservadora com toda a ‘aparência de ciência crítica’”. (2015, p.16). Para ele, esse caráter singular do cidadão brasileiro não se fundamenta; ao contrário, é tido como uma “‘ideia-força’ (ideia articulada a interesses poderosos que permite mascará-los e justificá-los)” (2015, p.16). Ou seja, Souza não acredita que possa haver características especiais e exclusivas do brasileiro, as quais conseguiriam formar um tipo único que representasse todo o Brasil. Para ele, a tentativa de fazer tal representação se consolida em argumentos mascarados de ciência na tentativa de dar mais credibilidade a esses discursos.

Segundo Jessé Souza, Sérgio Buarque de Holanda, foi o “grande sistematizador dessa ideia” ao caracterizar o “tipo humano” brasileiro como o “homem cordial” (2015, p. 16). Todavia, segundo Souza, essa caracterização segue a “tese de uma sociedade pré-moderna e dominada pela emotividade e personalidade como formulada por [Gilberto] Freyre” (2015, p.16). Segundo ele, todas essas qualidades ambigualmente “pré-modernas” como “calor humano”, hospitalidade, sensualidade e cordialidade se tornaram patrimônio afetivo de todo brasileiro.

Para Souza, o que Buarque de Holanda traz de “(aparentemente) novo” ao fazer essa caracterização social do brasileiro é a “ênfase no aspecto institucional e político, ou seja, supostamente patrimonial”. (p.16). Segundo ele:

O interessante no argumento de Buarque é que, apesar de o “homem cordial” estar presente em todas as dimensões da vida, sua atenção se concentra apenas na ação do “homem cordial” no Estado. É o Estado dominado pelo homem cordial e particularista que se tornará o conceito mais importante da vida intelectual e política brasileira até hoje: o “patrimonialismo” do Estado [...]. (SOUZA, 2015, p.17).

Para Souza, Buarque de Holanda se utiliza do patrimonialismo quase como um argumento coringa para justificar toda sua tese acerca da cordialidade brasileira, cujo foco estava nas relações públicas entre o “homem cordial” e o Estado. Assim, além da crítica à ideia da cordialidade como parte integrante da vida social e política do brasileiro, Souza insinua que as ideias desenvolvidas ao longo de *Raízes do Brasil* seriam uma espécie de imitação das ideias de Freyre, colocando-o como “espécie de ‘filho bastardo’ de Gilberto Freyre” (2015, p. 20).

Jessé Souza não acredita que o homem cordial representaria o brasileiro e critica o fato de Sérgio Buarque ter se tornado uma figura supostamente intocada pela “academia”. Ademais, para ele, a tese do caráter nacional desenvolvida por Freyre e seguida por Buarque de Holanda seria prejudicial ao Brasil à medida que se torna base para o discurso intelectual acerca da formação do Brasil. Em suas próprias palavras:

Freyre inventa de fato a “pré-modernidade” como virtude, ainda que ambígua, e permite, com isso, o nascimento do “orgulho brasileiro”. [...] Não existe nenhum grande problema nessa saga nacional. [...]. Problemático mesmo é quando o “mito nacional”, como ocorre no caso brasileiro, passa a ser a base da própria concepção pretensamente científica da sociedade como um todo. (SOUZA, 2015, p. 23-4)

Tal visão de Jessé Souza evidencia que, diferentemente de outros intelectuais que se debruçaram na análise de *Raízes do Brasil* e conseqüentemente na figura do homem cordial, é que ele não nega que os brasileiros possam, sim, em alguma medida, ser cordiais, guiados pela emoção. Todavia, ele não crê que esta por si só seria justificativa plausível para colocarmos-nos como uma unidade nacional e que tal

discurso não passa de um mito, o qual é superficial e prejudicial para um entendimento mais amplo da sociedade brasileira. Em sua concepção, essa ideia atuaria como um “conto de fadas para adultos”, dado que ela é trazida para se inverter um imaginário de inferioridade brasileira em um contraponto com outras sociedades (tais como os Estados Unidos) que repreendem as demonstrações explícitas de afetos e emoções.

Para Souza, Buarque de Holanda cria o “homem cordial” como uma oposição ao “protestante ascético” norte-americano. Segundo ele:

O homem cordial é simplesmente o corolário do mito nacional que viemos debatendo até aqui: um indivíduo emotivo que guia as escolhas por preferências afetivas e pessoais. O protestante ascético é percebido como seu contrário especular: um indivíduo “racional” guiado por considerações impessoais e comunitárias. (SOUZA, 2015, p. 24).

Assim, Souza reforça seu argumento de que a construção do homem cordial se deu como uma inversão dos valores brasileiros em comparação aos Estados Unidos. Ou seja, para ele, Buarque de Holanda usa a *cordialidade* como uma forma de unificar e valorizar essa emotividade dos brasileiros, criando assim uma sensação — um mito — de que esta seria uma singularidade do cidadão brasileiro. Nesse caso, mesmo que complexificada e com acepções negativas, essa forma de brasilidade seria exaltada pela população, por supostamente nos representar e fazer de nós uma civilização única.

Ademais, Souza faz uma crítica ao “homem cordial” alegando que este seria uma superficialização da caracterização social e que, por sua vez, acredita que ele se tornou uma generalização e condensação do brasileiro. Para ele, Buarque de Holanda, ao caracterizar o homem cordial, não faz sequer uma distinção entre classes sociais ao descrever o cidadão brasileiro, o que esconderia “conflitos sociais de toda espécie e cria um ser ‘genérico’”. (SOUZA, 2015, p. 24).

Nesse sentido, ele discorre que:

Buarque está, portanto, confrontando duas abstrações com pouco ou nenhum ancoramento na realidade concreta: “homem cordial” e “protestante ascético” são maneiras simplistas e superficiais de não fazer o trabalho do sociólogo, que é reconstruir as precondições militares, políticas, econômicas, tecnológicas e também culturais

(sem idealizações que não se aplicam à realidade) das relações desiguais entre classes e entre sociedades. (SOUZA, 2015, p. 24).

Tal crítica demonstra que Jessé Souza não acredita na tese da singularidade brasileira e, conseqüentemente, na cordialidade, conforme proposta por Buarque de Holanda, como uma característica brasileira. Todavia, ele traz alguns pontos interessantes para nossa análise. Para ele, Buarque de Holanda transforma o “personalismo” em “patrimonialismo”, colocando a relação entre público e privado no centro do debate acerca da emotividade como regente das ações desses sujeitos. Segundo ele:

Buarque reinterpreta o “personalismo” freyriano, ou seja, a noção do brasileiro como um homem emotivo guiado por preferências sentimentais, em “patrimonialismo”. Nesta noção, o Estado e seus agentes passam a agir como age o homem cordial na vida cotidiana: dando tudo aos amigos e reservando aos inimigos a letra dura da Lei. Isso tudo sob o pano de fundo não discutido de que existe um lugar do mundo onde os “privilégios” do acesso a relações de influência e prestígio não acontecem. (SOUZA, 2015, p. 25).

Assim, Jessé Souza enfatiza o caráter negativo dessa relação entre público e privado exposta por Buarque de Holanda. Para ele, essa suposta emotividade colocada por Holanda no cenário administrativo brasileiro faz com que as ações políticas desse homem cordial sejam movidas pelas relações de amizade e inimizade, o que, para ele, seria superficial, visto que a racionalidade de tais ações poderiam ser medidas, por exemplo, pela noção de privilégios obtidos a partir de tais ações. Segundo ele:

No Brasil, como vimos, esse “conto de fadas” assume a forma da oposição mercado/Estado. Sérgio Buarque foi o primeiro a inverter o diagnóstico positivo de Gilberto Freyre acerca das virtudes da cultura brasileira, ao perceber o “brasileiro” como um tipo singular, sem pertencimento de classe – como se o brasileiro do Leblon fosse o mesmo do Complexo do Alemão –, e a chamá-lo de “homem cordial”. O “homem cordial” é emotivo e prefere os amigos à lei nesta leitura. Interessante é que Buarque associará o “homem cordial” ao Estado, supostamente patrimonial e corrupto, e principal obstáculo à modernização brasileira. (SOUZA, 2015, p. 138 - 9).

Dessa maneira, Souza discorre que a cordialidade exposta em Sérgio Buarque é associada negativamente às características brasileiras. E o grande

problema que Souza aponta é que Buarque de Holanda relaciona essa emotividade presente no cidadão brasileiro ao Estado “supostamente patrimonial” e, assim, a coloca com o principal obstáculo à modernização do Brasil. Para ele, as questões sociais do Brasil vão muito além de tal narrativa superficial e esta, desse modo, não passaria de um “conto de fadas”.

A questão, no entanto, não é concordar ou discordar das diferentes narrativas sobre o caráter nacional, muito menos acerca da tese de que somos cordiais - ou que significaria ser cordial em última instância. Não buscamos concluir se a *cordialidade* é uma virtude ou um atraso para o Brasil. Ao contrário, o que buscamos é aprofundar em seu entendimento, compreender como o conceito se complexificou e foi se enraizando neste debate acerca do que é ser brasileiro.

Em suma, a cordialidade age aqui não como um bloco de características fechadas que pretendemos elencar, mas como um meio de se entender a construção desse entendimento acerca do que é ser brasileiro tanto na história da historiografia brasileira quanto no cenário popular. Assim, a figura de Jessé Souza nos mostra como a cordialidade ainda é amplamente revisitada e utilizada em diversos cenários e sob diferentes óticas de análise. Concordemos ou não com seu posicionamento acerca da cordialidade, é inegável que o debate que a envolve ultrapassou os campos historiográficos e intelectuais e chegou até mesmo no singular discurso que temos um “jeitinho brasileiro” único de viver, tornando-se uma espécie de herança comum à sociedade.

### **1.2.2. Cordialidade à brasileira: mito ou realidade? - Uma análise por João Cezar de Castro Rocha**

Ainda no que tange ao debate intelectual recente acerca do conceito de cordialidade, João Cezar de Castro Rocha nos proporciona uma importante análise do conceito, a qual ele fundamenta na exposição e comparação de algumas das diferentes interpretações historiográficas feitas sobre a cordialidade, bem como contexto social que permeava a sociedade brasileira ao longo da década de 1930 e que influenciou a concepção atribuída ao conceito de cordialidade. Em seu texto



intitulado “*As origens e os equívocos da cordialidade brasileira*”<sup>3</sup>, ele se propõe a debater a relação de proximidade e a “miscigenação hermenêutica”<sup>4</sup> ocorrida entre o conceito de cordialidade descrito por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, em uma tentativa de expor alguns dos equívocos gerados acerca das conceitualizações da cordialidade.

Para João Cezar, o conceito de cordialidade é compreendido, em *Raízes do Brasil*, como “uma forma especial de sociabilidade” (CASTRO ROCHA, 2003, p. 207). Em sua concepção, Sérgio Buarque aborda a *cordialidade* como parte integrante da sociedade brasileira. Castro Rocha acredita que, nessa sociedade descrita por Buarque de Holanda, o “homem cordial” seria a corporificação de um impedimento ao modelo de modernização do Brasil, impedimento o qual se representava pela família patriarcal. Ou seja, logo de início Castro Rocha aborda uma importante hipótese acerca do conceito de *cordialidade*: a de que ele se desenvolve intrinsecamente à transformação social do Brasil.

Pautado na etimologia do conceito de cordialidade, Castro Rocha (2003), descreve o *homem cordial* de Buarque de Holanda como aquele que deixa levar-se por impulsos, que vive em função de seus próprios interesses e, por isso, ele “sente-se um estrangeiro ante a moderação exigidas pela regras universais de comportamento.” (2003, p. 208). Para ele, esse *homem cordial* é um homem de extremos, que “odeia e ama com a mesma intensidade; deseja e rejeita ao mesmo tempo; pode ser avaro e generoso na mesma proporção.” (2003, p. 208).

Já no que se refere a obra *Sobrados e mucambos*, Castro Rocha defende que a cordialidade descrita por Gilberto Freyre está mais associada à mestiçagem. Para o autor, Freyre se dedica ao estudo do complexo histórico e social de formação da família patriarcal brasileira, em que se baseia na mestiçagem, que é entendida como uma técnica de convivência. (2003, p. 212). Ou seja, Freyre compreende a cordialidade como um resultado do processo de formação da nossa sociedade e, ao mesmo tempo, como “índice de relações sociais específicas”. Assim, para João Cezar, Freyre constitui a mestiçagem como um traço cultural de nossa sociedade. (2003, p. 212). Segundo João Cezar, a cordialidade descrita por Freyre:

---

<sup>3</sup> O texto em questão corresponde a um capítulo do livro intitulado *Nenhum Brasil Existe*, publicado em 2003, que contou com a colaboração de Valdeci Lopes de Araujo. O capítulo em questão pode ser encontrado nas páginas 71 a 84 da obra.

<sup>4</sup> Expressão utilizada pelo autor, em seu texto “*As origens e os equívocos da cordialidade brasileira*”, de 2003.

torna-se sinônimo de brasilidade tão logo a originalidade do processo histórico brasileiro seja definida como a habilidade em desenvolver meios de convivência harmoniosa. A mestiçagem teria desempenhado esta tarefa em relação ao surgimento do povo brasileiro; a cordialidade teria feito o mesmo no tocante à sociabilidade propriamente dita. (CASTRO ROCHA, 2003, p. 213).

É importante destacarmos que esse processo histórico de brasilidade, descrito por Castro Rocha, refere-se aos acontecimentos ocorridos a partir do cenário da Revolução de 1930 e seus desdobramentos, em que o Brasil passa por uma transformação social onde a elite agrária rural perde espaço para a burguesia industrial. Em meio a estas mudanças, o Estado tenta se firmar e redefinir sua atuação, iniciando um período de reflexão sobre a configuração do Brasil moderno.

Assim, a partir da instabilidade social pela qual o país passou, nos anos 30, houve um crescente debate sobre a nacionalidade e o que poderíamos alcançar enquanto sociedade, problematizando a lógica do desenvolvimento nacional. Tratava-se de um momento de intensas mudanças e uma parte das elites intelectuais e políticas almejava uma transformação eugênica, ou seja, uma suposta melhoria racial da população como condição para a superação do atraso.

Nesse sentido, a sociedade brasileira foi tomada por uma ressignificação no que tange às reflexões sobre o Brasil moderno, da política à economia, da sociedade à cultura, de onde emergiu uma nova atitude de análise e crítica em relação à “realidade brasileira”. Tal processo propiciou um momento de rupturas na historiografia nacional, resultando em uma oposição entre um conjunto supostamente homogêneo, monolítico, de narrativas político-factuais vinculadas à tradição do IHGB e interpretações de temática mais amplas, em que obras como *Raízes do Brasil* e *Sobrados e Mucambos* são escritas, nessa tentativa de se retratar o caráter nacional do Brasil.

Todavia, apesar da grande importância dessas obras, Castro Rocha pontua que, ao longo dos anos, ocorreu um embaraço hermenêutico no que diz respeito à compreensão das interpretações do conceito de *cordialidade* em ambos. Segundo ele, diferentemente de Freyre, Buarque de Holanda coloca como característica da cordialidade emoções tais como o ódio, enquanto Freyre a coloca — quase — como um sinônimo da mestiçagem. Em suas palavras:

Sérgio Buarque nunca associou o fenômeno social da cordialidade ao processo histórico da mestiçagem. Pelo contrário, identificou suas origens na família patriarcal, na “herança rural”, cujos padrões de sociabilidade pressupõem a transposição dos valores da esfera privada para esfera pública. O homem cordial deve ser entendido como um tipo ideal weberiano: formado num contexto caracterizado pela hipertrofia do privado e pelo predomínio das relações pessoais. A cordialidade, portanto, não deveria ser entendida como uma característica exclusivamente brasileira, mas como um traço estrutural que se desenvolve em sociedades cujos espaço público enfrenta sérias dificuldades para afirmar-se em relação à esfera privada. O conceito de cordialidade pode transformar-se em um importante instrumento de análise de grupos sociais fortemente autocentrados e, por isso, resistente a pressões externas. (CASTRO ROCHA, 2003, p. 213).

Ao fazer tal constatação, Castro Rocha, revela — assim como veremos, sob outra perspectiva de análise, no texto de Vicente de Miranda Reis — que a cordialidade como descrita por Sérgio Buarque não seria uma característica exclusiva da sociedade brasileira, mas poderia estar presente em outras sociedades cujos traços socioculturais estivessem dentro desse campo representativo ao qual a cordialidade abarca. Se pensarmos por tal perspectiva, é possível apontarmos então que a definição de cordialidade proposta por Ribeiro Couto, enquanto uma característica ibero-americana, seria melhor que a de Buarque de Holanda?

Nosso objetivo ao analisarmos o conceito de cordialidade, assim como Castro Rocha, não é encontramos a definição exata para o mesmo, ou definir qual sociedade estaria mais propícia a ser cordial — se é que alguma de fato estaria —, mas, evidenciarmos como o conceito de cordialidade foi interpretado e como ele se integra à própria experiência social do que é ser cordial, de quais comportamentos e estados de coisas estão incorporados na realidade que ele integra. Em suma, o que procuramos é refletir como essa experiência se expandiu e ganhou o imaginário social brasileiro a ponto da cordialidade ter se enraizado, em alguma medida, no próprio modo como a sociedade se autodefine e ter se tornado um conceito histórico-social intrinsecamente relacionado à noção de brasilidade.

Nesse sentido, Castro Rocha ainda traz ao debate algumas das principais diferenças historiográficas entre os empregos do conceito de cordialidade. De um lado, ele aponta a tese de Freyre e muitos outros, tais como, em alguma medida, o próprio Ribeiro Couto, de que a “cordialidade é índice de nacionalidade: o homem cordial é o brasileiro por excelência.” (CASTRO ROCHA, 2003, p. 215). De outro,

temos a perspectiva de Buarque de Holanda de que a “cordialidade é apenas um instrumento para a descrição de uma constelação histórica específica, dominada pela família patriarcal: o homem cordial é o sintoma da herança rural.” (ROCHA, 2003, p. 215). Ou seja, para ele, o homem cordial de Freyre seria representado pelos traços culturais supostamente inerentes aos brasileiros, já o homem cordial de Buarque de Holanda se representa como parte integrante da família patriarcal e do nosso passado patriarcal, o qual tenderia a desaparecer com a urbanização.

Ainda de acordo com Castro Rocha (2005), esse “homem cordial” descrito por Sérgio Buarque, que supostamente desapareceria, ainda está presente em nossa sociedade e se apresenta como uma “sobrevivência do passado agrário, um anacronismo vivo, por assim dizer” (p. 9). Para o autor, tal sobrevivência revelaria então que, embora a cordialidade seja um conceito importante para a identidade social brasileira, ela “não poderia definir uma brasilidade atemporal”. (p. 9).

Ademais, ao mostrar como o conceito de cordialidade foi amplamente disseminado fazendo referência a Sérgio Buarque de Holanda, mas partindo da análise feita por Gilberto Freyre, Castro Rocha nos permite analisar não apenas o caráter polissêmico do conceito de cordialidade, mas ainda como a cordialidade foi, e ainda é, um conceito que se destaca nos estudos historiográficos acerca da identidade nacional. É possível observar ainda que Castro Rocha, não almeja ir contra a tese de que a cordialidade ainda é um conceito e que, a despeito do que imaginava Sérgio Buarque, se faz presente na sociedade brasileira. Castro Rocha analisa o conceito de cordialidade sob a lente de interpretação sociológica que busca entender as razões por detrás de tais acontecimentos. Para ele, o conceito se reafirma pelo reconhecimento sociológico dos brasileiros de que “a cordialidade [é uma] maneira adequada de autoafirmação.” (2005, p. 9). Em suas próprias palavras:

o homem cordial ainda é nosso vizinho; nos rituais mais simples do cotidiano, lá está ele. A bem da verdade, ele quer dizer *todos nós*. [...] Buscam[os] compreender as estratégias de sobrevivência do homem cordial, isto é, investigam[os] as razões de sua permanência no universo brasileiro. O nada que é tudo. O espelho que produz a imagem. A cordialidade nossa de cada dia. (CASTRO ROCHA, 2005, p. 9)

Assim, através da análise dos textos de Castro Rocha, conseguimos compreender que apesar de a cordialidade estar presente em nossa sociedade e

também na representação historiográfica do brasileiro, ela não é apenas sinônimo de brasilidade. Podemos observar que a cordialidade é um conceito importante para a representação social do brasileiro, todavia, a palavra por si só (considerando apenas seu significado lexical) não consegue expressar todo estado de coisas que uma sociedade possui e representa. A cordialidade então se torna um conceito à medida que ela extrapola o plano linguístico e sua significação passa a englobar espectros da experiência histórica vivenciada pelos indivíduos. Assim, ela se apresenta, como definido por Castro Rocha, como o nosso nada (a definição de uma sociedade fadada ao desaparecimento) o qual é tudo (essa sensação de representatividade, de pertencimento a uma sociedade, traços socioculturais supostamente singulares que regem nosso modo de se viver).

Em suma, o capítulo apresentou uma análise abrangente e crítica sobre a questão da cordialidade no contexto da história da historiografia brasileira. Com base na reflexão sobre o método e a história lexical da cordialidade, o capítulo ofereceu uma perspectiva crítica sobre as disputas semânticas e sociais que envolvem a caracterização social do homem brasileiro, além de refletir sobre as implicações sociais do conceito de cordialidade e sua influência no imaginário nacional. De maneira geral, o capítulo tenta revelar uma compreensão mais ampla da cordialidade, a qual ela pode ser analisada como um conceito histórico-social que contribuiu para a discussão e o entendimento sobre a formação da identidade brasileira.

## 2. A CORDIALIDADE NO DEBATE INTELECTUAL

O debate em torno da cordialidade é um tema presente na historiografia brasileira há décadas, gerando interpretações diversas e controversas sobre a natureza do povo brasileiro. Neste capítulo, exploraremos as múltiplas facetas do "Homem Cordial", analisando sua trajetória histórica através de uma perspectiva historiográfica. Em particular, examinaremos como alguns intelectuais brasileiros, como Sérgio Buarque de Holanda, Ribeiro Couto e Cassiano Ricardo, contribuíram para moldar o conceito de cordialidade. Além disso, discutiremos a influência de *Raízes do Brasil* para a difusão do conceito de cordialidade e sua consolidação no imaginário popular.

### 2.1. As múltiplas facetas do “Homem Cordial”: Uma análise historiográfica da cordialidade

*[...] esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. Numa palavra, o Homem Cordial.*

*[...]*

*Essa atitude de disponibilidade sentimental é toda nossa, é ibero-americana... Observável nos nadas, nas pequenas insignificâncias da vida de todos os dias, ela toma vulto aos olhos do crítico, pois são índices dessa Civilização Cordial que eu considero a contribuição da América Latina ao mundo. (COUTO, 1932, p. 169)*

Assim definiu Ribeiro Couto a sociedade americana enquanto a responsável pela criação do “homem cordial”. Ribeiro Couto, que aparentemente foi o primeiro autor a utilizar a expressão “Homem Cordial” foi um diplomata, poeta, contista, romancista, magistrado e jornalista brasileiro. Foi o quarto ocupante da cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras, tendo sido escritor de diversos poemas e livros de grande peso intelectual.

“Homem cordial” aparece como expressão, publicamente, em 1932, na revista “*Monterrey: Correo Literario de Alfonso Reyes*”. Segundo Elvia Bezerra<sup>5</sup>, a revista foi fundada na década de 1930, pelo então embaixador do México no Brasil, Alfonso Reyes, visando “estimular o intercâmbio entre artistas” (p. 124). Na época, Ribeiro

<sup>5</sup> Elvia Bezerra é diretora da Reserva Técnica Literária do Instituto Moreira Salles, onde o texto de Ribeiro Couto pode ser lido na íntegra pelo site.

Couto era funcionário do Consulado do Brasil em Marselha e, ao receber de seu amigo Manuel Bandeira os três primeiros números da revista, se entusiasma com a iniciativa do colega e prontamente envia uma carta a Reyes. De acordo com Bezerra (2011):

É nessa carta, datada de 7 de março de 1931, que ele usa, pela primeira vez, a expressão “homem cordial”. Apreciando o assunto, e em reconhecimento à atenção do remetente, Reyes publicou trecho da referida carta com o título de “El Hombre Cordial, producto americano”, na seção “Epistolário” da Monterrey. (BEZERRA, 2011. p. 124).

Assim, o texto de Couto, que surge como uma carta entre colegas, é publicado por Reyes e se torna parte da edição da revista e, alguns anos mais tarde, uma inspiração para Sérgio Buarque de Holanda desenvolver a ideia da cordialidade como uma característica social do brasileiro. Segundo Bezerra, 20 anos após a publicação da sua carta, em 25 de fevereiro de 1952, Ribeiro Couto “Já embaixador em Belgrado, e sabedor do caminho que tomara o seu ‘homem cordial’, escreve a Alfonso Reyes pedindo-lhe cópia da carta de 1931” (2011, p. 125).

Ribeiro Couto, ao empregar tal expressão, buscava caracterizar o americanismo e, a partir de então, analisa a formação identitária do homem americano, onde ele se utiliza da exposição de ações cotidianas destes, para elaborar sua hipótese e assim, fazer uma breve reflexão sobre a formação identitária do homem americano. Couto discorre, inicialmente, que o verdadeiro americanismo afasta a ideia de uma pureza étnica local, assim como do ideal de iberismo como único formador da identidade americana, entretanto, utiliza-se da ideia de que as “raças primitivas” contribuíram com a formação do homem americano. Ou seja, para ele, nem o primitivismo puro, nem o homem ibérico apenas, conseguiriam caracterizar o homem latino.

Para ele, seria da junção entre o homem ibérico, a “terra nova” e as “raças primitivas” que se originaria o “sentido americano” — latino —, produzindo uma raça nova, advinda de “uma cultura e de uma intuição virgem — o Homem Cordial”. (COUTO, 1932. p. 169). Para Couto, o homem europeu, com todas suas imperfeições, com seu egoísmo, com suas crenças religiosas, catástrofes econômicas e com um toque de intolerância, ao se deparar com a inocência das mulheres primitivas, em meio à grandeza e generosidade da terra americana,

adapta-se e transforma-se e, dessas relações, é que advém as raízes desta nossa cordialidade.

De tal modo, o homem cordial, se diferenciaria do resto do mundo por “duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade” (COUTO, 1932. p. 169), ou seja, para Couto, o homem cordial seria aquela figura receptiva, de certa maneira até ingênua, que está sempre com as portas abertas; que a todos recebe e confia. Por conseguinte, ele discorre que a cordialidade formada em terras americanas se afasta das características basilares dos europeus que ajudaram a lhe compor, sendo abordada como “Atitude oposta do europeu: a suspicácia e o egoísmo do lar fechado a quem passa”. (COUTO, 1932. p. 169).

Couto ressalta também que o homem cordial não tem raízes ameríndias apenas. Ele é oriundo das relações conturbadas entre os ibéricos e as índias e negras. Ele representaria essa mistura de culturas, resultando em um indivíduo cujos costumes revelam “essa atitude de disponibilidade sentimental” (COUTO, 1932. p. 169) ibero-americana.

Couto acredita nessa vida movida pelos sentimentos como uma forma leve de se viver, capaz de transformar e de valorizar pequenas ações, pois, para ele:

Somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas, de amar com pudor, de convidar o estrangeiro a entrar para tomar café, de exclamar para o luar em noites claras, à janela: — Mas que luar magnífico! Essa atitude de disponibilidade sentimental toda nossa, é ibero-americana... Observável nos nadas, nas pequeninas insignificâncias da vida de todos os dias. (COUTO, 1932. p. 169).

Desse modo, observa-se que o sentido de cordialidade para Couto está relacionado ao sentimentalismo do homem americano tendendo às virtudes, de modo que ele tem uma perspectiva mais positiva em relação a tais particularidades, quase como se a cordialidade fosse um sinônimo de simpatia e bondade, considerando tais características e vivências, como “a contribuição da América Latina ao mundo” (COUTO, 1932. p. 169).

Contudo, de todas as perspectivas possíveis para abordar esse choque de culturas dado pela conquista e formação das histórias das Américas enquanto



sociedades, Couto opta pelo “discurso do maravilhoso”<sup>6</sup> onde, ao utilizar-se a expressão homem cordial, exalta a geografia e os recursos naturais do território americano e a miscigenação dos povos como formadoras deste homem ibero-americano.

Percebe-se, assim, que Couto, ao fazer tal caracterização, quer enfatizar o lado positivo da América enquanto sociedade. Ele busca, então, romper com o pensamento comum naquela época que, majoritariamente, colocava os americanos em um patamar sempre inferior aos europeus. Couto pontua, ainda, que a América e, principalmente o Brasil, foram sim fundados pela mistura entre a Europa e Novo Mundo, mas, ao contrário do que era predominantemente disseminado, isso não era sinônimo de inferioridade. Para ele, o homem ibero-americano era um resultado aprimorado desses dois mundos tão distintos e, por isso, seria único.

### **2.1.1. Buarque de Holanda e as primeiras mudanças no significado e valor da Cordialidade**

Sérgio Buarque de Holanda foi um historiador, crítico literário, jornalista e professor brasileiro. Buarque de Holanda é nacionalmente conhecido por desenvolver o conceito de cordialidade em seu livro *Raízes do Brasil*. A obra, que teve sua primeira edição publicada em 1936 pela editora José Olympio, tinha como principal objetivo indagar o que alicerçava a história do Brasil, mais especificamente, a história do povo brasileiro e das instituições que nos foram basilares durante o período colonial, como, por exemplo, a família patriarcal.

Como muitos autores brasileiros desse período, Sérgio Buarque foi influenciado decisivamente por Gilberto Freyre nas ideias que desenvolveu em sua obra; assim, três anos após a publicação de *Casa-Grande & Senzala* em 1933, Buarque de Holanda, publicou a primeira edição de *Raízes do Brasil*, onde ele abordava, dentre outras coisas, a definição do cidadão brasileiro como o “homem cordial” cunhado por Couto.

---

<sup>6</sup> Expressão de Stephen Greenblatt usada para referir-se às descrições místicas feitas sobre o Novo Mundo, em seu livro intitulado *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*, publicado em 1996.

Uma diferença primordial entre as ideias de Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda é que Buarque de Holanda é um pouco mais cauteloso no que tange à perspectiva positiva da cordialidade. Holanda, ao contrário do seu antecessor, não vê apenas esse lado auspicioso ao qual a cordialidade estaria inserida. Ele pode até concordar, em determinados momentos, que a cordialidade seria a contribuição da América ao mundo, mas ele também consegue identificar aspectos negativos e falhos presentes nesta caracterização ibero-americana. Em sua primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936), ele caracteriza a cordialidade como qualidade enraizada ao povo brasileiro e aborda essa tensão entre público e privado, presente na sociedade da época.

A primeira edição de *Raízes* mostra como Buarque de Holanda associava a cordialidade ao caráter nacional e a descreve como um “conjunto de costumes” que eram marca da sociedade brasileira no século XX. A definição atribuída por Buarque de Holanda, ao homem cordial, coloca-a como virtude da sociedade brasileira, em que é abordado um Brasil que oscila entre o cordial e o civilizado, marcado por uma transformação social provocada pela urbanização.

No capítulo intitulado “O homem cordial”, Buarque de Holanda discorre que, ao contrário do que muitos teóricos defendem, o estado não é uma extensão do círculo familiar e que este pensamento, enraizado na sociedade brasileira, deveria ser superado, visto que, para ele “Só pela superação da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável ante as leis da Cidade.” (HOLANDA, 1936. p.93).

Na visão do autor, essa forma de governo traz um triunfo do “geral sobre o particular”, do intelectual sobre o material, dado que “a ordem familiar em sua forma pura é abolida por uma transcendência” (HOLANDA, 1936, p. 93–4). Ou seja, Buarque de Holanda descreve um Brasil que passava por uma transformação social, na qual os valores familiares perdiam seu protagonismo e as ações se voltavam para o meio estatal.

Ademais, Buarque de Holanda discorre que essa separação e libertação da esfera familiar “representam as condições primárias e obrigatórias de qualquer adaptação à ‘vida prática’”, visto que, para ele:

[...] onde quer que prospere e assente em bases muito sólidas a ideia de família — e principalmente onde predominam a família de

tipo patriarcal — tende a ser precária e a lutar contra fortes restrições, a formação e a evolução da sociedade segundo os conceitos modernos. (HOLANDA, 1936, p. 97 – 8).

Desse modo, a cordialidade é compreendida como legado colonial brasileiro, onde as relações familiares eram diretrizes da política e vida social, acarretando enorme desequilíbrio social, cujos efeitos ainda permanecem vivos; de modo que os “*detentores das posições públicas de responsabilidade formados por tal ambiente*” (HOLANDA, 1936. p.100) não conseguiram fazer essa distinção entre público e privado. Para o autor, quando estes chegavam ao poder e perpetuavam os velhos hábitos familiares, em muitas ocasiões, tomavam atitudes de cunho particular, deixando de lado o interesse maior do povo. Segundo Buarque de Holanda, na política da época:

A escolha dos homens que irão exercer as funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias. Falta a tudo a ordenação impessoal que caracteriza a vida no Estado burocrático. (HOLANDA, 1936. p.100).

Nessa perspectiva, Buarque de Holanda retorna — talvez propositalmente — à etimologia do conceito de cordialidade para caracterizar essas relações como uma “esfera, por excelência, dos laços de sangue e de coração” (HOLANDA, 1936. p.101) e, para tal, traz à tona o nome de Ribeiro Couto, onde o parabeniza pela “expressão feliz” que seria a contribuição do Brasil ao mundo: ‘O homem cordial’.

Ao longo da primeira edição de *Raízes do Brasil*, Buarque de Holanda, apresentava a cordialidade de forma ambígua, respaldada no sentimentalismo do homem brasileiro, ora tendendo a ser uma virtude, ora analisada como um impasse à modernização do país. Entretanto, diferentemente de seu antecessor, Buarque de Holanda não é tão explícito quando caracteriza virtuosamente a cordialidade. Para ele, esse sentimentalismo se daria pela:

[...] supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar — a esfera, por excelência dos laços de sangue e de coração [...] Seria engano supor que, no caso brasileiro, essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São, antes de tudo, expressões legítimas de um fundo emocional extremamente rico e transbordante. (HOLANDA, 1936. p. 101).

Para além de uma definição, em detrimento desse sistema enraizado em nossa sociedade, este homem cordial caracterizado por Buarque de Holanda, estaria presente em todas as esferas da sociedade brasileira. No comércio, nessa relação de amizade entre vendedor e cliente; na religião, com esse contato íntimo com os santos; na linguística, o emprego do diminutivo para aproximação dos objetos; por exemplo. A cordialidade brasileira estaria, então, tão intrinsecamente presente nos indivíduos que, segundo Buarque de Holanda, muitas vezes nem se dão conta dessa peculiaridade de seu modo de vida.

Essa forma de culto religioso íntimo, formado por um sentimento mais humano e singelo, presente em nossa sociedade, segundo Buarque de Holanda, “a única que consegue florescer entre nós” (HOLANDA, 1936. p.107), representaria uma transposição para o domínio do religioso como “traço mais específico do espírito brasileiro” (HOLANDA, 1936. p.107). Ou seja, para ele, o brasileiro estaria diretamente ligado e influenciado pela religião, entretanto, a cordialidade brasileira transformou esse catolicismo herdado das colonizações europeias em uma religiosidade de superfície, sem tanto rigor quanto à sua prática, ao mesmo tempo, em que ela passa a se impor em todas as bases da sociedade.

Segundo Buarque de Holanda, essa “forma ordinária de convívio social” advinda dessa sociedade ritualista são manifestações espontâneas do “homem cordial”, onde se tem uma polidez que é:

A forma natural e viva, que se converteu em fórmula [...] [ela] é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo servir, quando necessário, como peça de resistência. Equivale a um disfarce, que permitirá a cada um preservar intactas sua sensibilidade e suas emoções. (HOLANDA, 1936, p.102).

Para Buarque de Holanda, todas essas formas de sentimentalidade se perpetuaram na sociedade brasileira devido a uma formação patriarcal nacional. Ou seja, essa relação de submissão e, ao mesmo tempo, aproximação, dada desde os primórdios da colonização, foi o que possibilitou essa cordialidade se sobrepor às “regras” de civilidade.

Ele ainda ressalta, ao final da primeira edição de *Raízes do Brasil*, que qualquer projeto que pretendesse suprimir ou sublimar a cordialidade estaria fadado

ao fracasso e, por outro lado, que ela (cordialidade) não conseguiria estruturar sozinha qualquer ordem política.

Nessa perspectiva, observa-se que Buarque de Holanda aborda, intrinsecamente ligado à conceituação da cordialidade, os aspectos políticos, sociais e culturais da sociedade brasileira. Ele busca, através da obra, entender quais ações eram responsáveis pelo enraizamento da cordialidade em nossa cultura, a qual viria a se esconder por detrás do popular discurso do “*Jeitinho brasileiro*”.

Contudo, ao longo dos anos, novas edições de *Raízes do Brasil* vão sendo escritas e o conceito de cordialidade vai se modelando às perspectivas históricas, políticas e sociais de Buarque de Holanda. A partir de tais mudanças, o autor discorre que a expressão “*cordial*” não significaria apenas bons modos e gentileza e, para tanto, destaca a etimologia da palavra, ressaltando a dualidade nela presente, de modo a amparar sua tese a respeito do temperamento do homem brasileiro.

Já a partir da segunda edição, em 1948, o livro já sofre alterações em pontos fundamentais em relação ao conceito de cordialidade. Nesta, desaparece a nota de Gilberto Freyre, além de ocorrer o afastamento de Buarque de Holanda de suas visões. Segundo a edição crítica de comemoração dos 80 anos de *Raízes do Brasil*, organizada por Pedro Monteiro e Lilia Schwarcz, no que tange ao aspecto estrutural, a obra foi revista e ampliada, acrescentando-se o prefácio do autor (reproduzido também na orelha).

De modo geral, em 1948, Buarque de Holanda se afasta da visão de Freyre e coloca a cordialidade como “herança indesejável” e como impasse à modernidade do país. Desse modo, ele pende para a civilidade como alternativa e as modificações na narrativa transformam-se em uma grande crítica ao passado ibérico brasileiro. Por conseguinte, Buarque de Holanda deixa de considerar a cordialidade como principal ferramenta ao avanço da civilidade e as oscilações entre democracia e cordialidade são corrigidas. Em suma, nessa segunda edição, o fio condutor trazido por Buarque de Holanda propunha uma revolução modernizadora que buscava atenuar a tradição, uma vez que, para o mesmo, os princípios políticos do personalismo herdado dos portugueses, já não tinham mais espaço na sociedade brasileira. Segundo Luiz Feldman:

Nessas duas maneiras de abordar a cordialidade — primeiro enaltecendo, depois criticando — estão as chaves da equação entre

tradicional e moderno em *Raízes do Brasil*. Era o elogio da cordialidade, no quinto capítulo da primeira edição, que levava à defesa de um contraponto entre cordialidade e civilidade no capítulo final. Mais tarde, na segunda edição, o tratamento da cordialidade como uma herança indesejável levaria à defesa, no sétimo capítulo, da revolução em que a civilidade triunfaria sobre a cordialidade. (FELDMAN, 2016, p. 441).

Ou seja, na segunda edição, em vez de se prosseguir com um contraponto irresolvido, a ambiguidade presente na narrativa foi sobreposta pelo destaque em uma revolução cujo caráter “vertical” sugeria a erradicação das velhas raízes para dar lugar a um novo enraizamento cultural e político.

Já em 1956, na publicação da terceira edição, a obra é revista e além do prefácio da segunda edição, é acrescentado novo prefácio. São incluídos, também, nesta terceira edição, dois apêndices: o ensaio “Variações sobre o ‘homem cordial’”, de Cassiano Ricardo, publicado, originalmente, na revista *Colégio* em julho de 1948, a “Carta a Cassiano Ricardo”, de Sérgio Buarque de Holanda, publicada também na revista *Colégio* em setembro de 1948, o índice de assuntos e índice onomástico.

A partir desta terceira edição, com o surgimento de Cassiano Ricardo e suas reflexões a respeito das edições anteriores, o livro toma novos rumos, onde Buarque de Holanda incorpora as perspectivas abordadas por Ricardo e suas respostas a tais críticas, à própria discussão a respeito da cordialidade tratada ao longo da obra.

É então, através desse paradoxo entre a cordialidade como característica da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, impasse à modernização nacional que Sérgio Buarque de Holanda torna-se um clássico da nossa historiografia, trazendo ao seu livro os dilemas sociais presentes no Brasil das décadas de 1930 – 1940 e demonstrando como se consolidou a identidade nacional através do enraizamento sociocultural pelo qual o Brasil passou, desprendendo-se de Portugal e formulando-se uma historiografia definitivamente brasileira, cujo protagonista passa a ser o “homem cordial”.

### **2.1.2. “Variações sobre o ‘homem cordial’” - Uma interpretação da cordialidade por Cassiano Ricardo**

Cassiano Ricardo Leite foi um poeta, jornalista e ensaísta brasileiro. Foi também o quarto ocupante da cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras. Além de ter contribuído amplamente com o jornalismo brasileiro, tendo redigido e até mesmo criado revistas de grande circulação à época. Uma de suas obras mais influentes foi o livro *Marcha para oeste*. Cassiano Ricardo insere-se na discussão à medida que, ao longo das edições de *Raízes do Brasil*, dialoga com Sérgio Buarque a respeito dos diferentes significados que se designam ao conceito de cordialidade.

Segundo o próprio Ricardo em seu texto *Variações sobre o “homem Cordial”*, após ler a primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936) ele faz observações a respeito do conceito de cordialidade desenvolvido por Buarque de Holanda e este, por sua vez, insere na segunda edição de sua obra (1948) uma pequena resposta a essas observações. Nas palavras do próprio Ricardo: “Em suas *Raízes do Brasil* (segunda edição), Sérgio Buarque de Holanda teve ocasião de responder a uma observação por mim feita — e feita sem nenhuma pretensão — a respeito do homem cordial.” (1956, p. 283).

Em seu texto sobre a 1ª edição de *Raízes do Brasil*, Ricardo teria feito uma crítica à definição de cordialidade enquanto bondade, implícita na escrita de Buarque de Holanda. A partir dessas observações feitas por Ricardo, inicia-se uma série de respostas e comentários sobre a definição de cordialidade. Buarque de Holanda rebate tal observação feita por Ricardo e argumenta que:

[...] pela expressão cordialidade, se eliminam aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o sr. C. R., quando prefere falar em bondade ou em homem bom. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha por um lado a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia” (HOLANDA, 1948 *apud* RICARDO, 1956, p. 283).

Em resposta a esse pequeno esclarecimento feito por Holanda sobre suas observações, Cassiano Ricardo escreve um pequeno ensaio intitulado “*Variações sobre o ‘homem cordial’*”, onde discorre sobre sua análise a respeito da cordialidade e sobre as mudanças feitas por Buarque de Holanda na conceptualização da mesma. Este ensaio foi, originalmente, publicado na revista *Colégio*, n.º 2 em São Paulo, em julho de 1948 e, posteriormente, acrescentado na 3ª edição de *Raízes do Brasil*, de 1956.

Em seu ensaio, Ricardo defende que os conceitos deveriam ser usados pelos cientistas da maneira mais precisa possível. Para ele, o constante reexame destes tenderia a modificá-los e, por isso, os autores deveriam ser cautelosos ao fazer tais mudanças, para que o sentido principal de tal conceito não se perca. No que tange ao conceito de cordialidade, Ricardo não a compreende como a melhor palavra para definir o brasileiro, visto que, para ele, Buarque de Holanda, ao utilizar tal conceito, se contradiz:

Com seu próprio conceito, vê-se que ele dava o homem cordial como contrário a polido (fórmula) quando, entre nós, cordial quer dizer justamente polido... Ou melhor: se a nossa forma de convívio social é justamente o contrário da polidez, como defini-la com uma palavra que quer dizer justamente polidez? (RICARDO, 1956, p. 286)

Ou seja, para Ricardo, a definição de cordialidade trazida por Buarque de Holanda não faria jus às características dos brasileiros. Para o autor, o conceito<sup>7</sup>, como foi colocado em *Raízes do Brasil*, não abrangeria todas as particularidades da sociedade brasileira e, desse modo, enquanto Buarque de Holanda se utilizasse de definições como “lhaneza no trato, generosidade, hospitalidade”; para referir-se à cordialidade, esta não seria a melhor palavra para definir o brasileiro, enquanto traço de nosso caráter. Segundo ele: “Caberia aqui uma única hipótese em que cordial se refere a coração; é o de se chamar cordial ao licor. Um cordial, isto é, um tônico para o coração...” (RICARDO. 1956, p. 287).

Observa-se assim que, para Ricardo (1956), a cordialidade empregada por Buarque de Holanda trazia outro significado. Ela seria uma característica de sentimentalismo que se estenderia às ações guiadas pelo coração. Ricardo evidencia ainda que Buarque de Holanda passa toda a primeira edição de *Raízes* referindo-se aos aspectos positivos da cordialidade e, já na sua segunda edição, ele remete à etimologia da palavra para justificar os aspectos negativos que também estariam presentes na mesma. Para Ricardo, ao fazer tal mudança, Buarque de Holanda se contradiz, visto que, para ele, não caberia ao conceito dois significados opostos.

Para além de tal argumento, Ricardo discorre ainda que apenas a etimologia de uma palavra não serve como embasamento conceitual, uma vez que a linguagem

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada por Cassiano Ricardo em seu texto intitulado "Variações sobre 'o homem cordial'", publicado em 1948 e também na 3ª edição de *Raízes do Brasil*, em 1956.



se modifica com o tempo e, com tais mudanças, deveria haver uma interação social e cultural na qual o conceito se atualizaria e se faria compreender perante as necessidades da sociedade. Ou seja, um conceito deveria ser capaz de denotar não estritamente o seu significado etimológico, mas ter a capacidade de expandir-se e atender a outros aspectos além da linguística.

Por fim, Ricardo ainda questiona a mudança na postura de Buarque de Holanda, na qual este passa, de defensor da “ética de fundo emotivo” (presente em sua primeira edição), a “eliminar da expressão cordialidade os juízos éticos e apologéticos” (RICARDO, 1956. p.288), na edição seguinte. Não obstante, Ricardo esclarece que não coloca a inimizade como anticordial, mas discorda da expressão “cordialmente” como representação da bondade típica do brasileiro. Ricardo discorda ainda de Buarque de Holanda em sua justificativa de que na inimizade também há cordialidade. Para ele:

Ao invés de 'a cordialidade não abrange só os sentimentos positivos de concórdia' poderia eu ir mais longe para dizer que o ser inimigo não exclui o sentimento positivo da concórdia. Inimigo cordial poderia ser o inimigo quando benevolente; o homem que, com ser inimigo, ainda é amigo por que não procede com a crueldade que se esperaria dele mas cordialmente. (RICARDO, 1956, p. 289).

O interessante de tal argumentação é que a cordialidade nasce lexicalmente advinda de adjetivos como amizade, afetuosidade e sinceridade, e de tal modo, não estruturaria sentimentos como a inimizade, por exemplo.<sup>8</sup>

Ricardo embasa sua crítica argumentando que a cordialidade, como defende Buarque de Holanda, é aplicável a todas as sociedades, não apenas aos brasileiros, uma vez que não existe sociedade incapaz de desenvolver cordialidade em seu sentido etimológico, ou seja, o sentimentalismo e as atitudes guiadas pelo coração. Desse modo, a cordialidade não deveria ser utilizada como expressão que caracterizasse, especificamente, o povo brasileiro.

Ricardo aprofunda ainda mais sua análise e crítica à cordialidade enquanto característica do brasileiro quando contrapõe as ideias apresentadas pelo próprio Holanda. Segundo ele:

---

<sup>8</sup> Na teoria clássica dos humores, sintetizada por Hipócrates, os sentimentos estariam ligados a quatro órgãos do corpo: coração, pulmão, fígado e baço. É curioso observar que, nesse debate, os sentimentos sejam todos atribuídos exclusivamente ao coração.

Me pareceu, em suma, que cordial quer dizer, para nós, muito mais polido que homem de coração; que ao contrário do que diz Sérgio, para o brasileiro, o coração não significa fonte tanto de ódio como de bondade, mas aquilo a que Bertrand Russell denomina 'soma dos impulsos benévolos'; que a bondade, como traço cultural específico do brasileiro, nada tem com cordialidade. (RICARDO, 1956, p. 292)

Nesta conjuntura, surge a hipótese de que tais traços, característicos aos brasileiros, não teriam relação com a definição de cordialidade trazida por Buarque de Holanda. Assim, evidencia-se ainda, como Ricardo brinca com os argumentos trazidos por Sérgio Buarque de Holanda e nos instiga a indagarmos, por exemplo: se, para Buarque de Holanda, o brasileiro não é simplesmente bom, mas cordial e a cordialidade, por sua vez, remete ao sentimentalismo e às atitudes guiadas pelo coração; e, se toda sociedade é também capaz de agir movida pelo coração, porque seria o brasileiro, exclusivamente, a dar ao mundo o homem cordial?

Para Ricardo, Buarque de Holanda, ao tentar explicar o conceito de cordialidade, alterou e descaracterizou a definição do nosso homem cordial. Para Ricardo, o brasileiro seria realmente bom; se deixa agir pelo coração; é mais emotivo que outros povos e sabe “tirar partido” da própria bondade; essa bondade que, no plano social e político, seria o primeiro fundamento de nossa democracia social. No entanto, para ele, a cordialidade enquanto sinônimo de polidez não é a contribuição exclusiva do Brasil ao mundo, visto que, em sua concepção, o brasileiro seria bom, não cordial, no sentido em que Buarque de Holanda utiliza ao escrever *Raízes do Brasil*.

Com efeito, Ricardo volta à época da nossa conquista buscando entender a origem da bondade brasileira e, para tal, utiliza-se do discurso do “bom selvagem” para fazer uma crítica à teoria da bondade natural, que é, muitas vezes, disseminada pelo senso comum. Ou seja, para Ricardo, a bondade do brasileiro não seria algo natural, inerente a nosso povo. Contudo, apesar de Ricardo discordar de Buarque de Holanda em muitos aspectos, ambos concordam que o brasileiro seria um povo hospitaleiro e que a hospitalidade é traço característico de nossa sociedade. Segundo Ricardo:

“Como se vê, o brasileiro não hospeda apenas; dá o que tem, muitas vezes, e não o faz senão por aquele espírito de desprendimento que seria – como se verá – o melhor corretivo do nosso individualismo

econômico, em confronto com o individualismo burguês que tem feito a infelicidade de tantos povos.” (RICARDO, 1956, p. 297).

Desse modo, observa-se que Ricardo aproxima-se de alguns pontos trazidos por Buarque de Holanda, entretanto, aprofunda mais seus questionamentos, não se contentando apenas com os argumentos trazidos pelo mesmo. Ele analisa a cordialidade sob um novo aspecto e, além disso, busca compreender quais seriam, de fato, as características do povo brasileiro e de onde elas surgiram.

Nessa trajetória, Ricardo busca justificar sua hipótese de que o brasileiro sempre fora menos cruel. Para tal ele retorna, outra vez, aos primórdios da conquista colonial. Dessa vez, utilizando-se dos Bandeirantes como exemplo, Ricardo alega que estes eram “soldados pacificadores do gentio”, ou seja, para ele, nossa conquista foi muito mais branda do que poderia ter sido, levando-se em consideração os padrões europeus.

Para Ricardo, assim como no caso dos Bandeirantes, tudo se fez através de mediação, no Brasil. Como exemplo, ele utiliza-se do negro enquanto mediador civilizatório; dos jesuítas enquanto mediadores religiosos; do judeu como mediador do capital com a produção de açúcar e com a mineração do ouro. Assim, esta nossa mediação está:

[...] nas leis e até na arbitragem para solução pacífica de qualquer rusga internacional. Mesmo na época dos capitães-generais, quando ocorrem pleitos entre pessoas pobres, promove-se a conciliação. Os juízes de paz e a Lei recente que mandou o juiz de paz ser mediador nos casos de injúria e de calúnia são outros pormenores bem expressivos, não se falando nos que interessam à própria família. (RICARDO, 1956, p. 301).

Retomando esta tese de Ricardo, do brasileiro mediador, aprofundamos ainda mais a discussão sobre esta nossa “bondade”. Em sua concepção, muito além de uma simples característica nossa, a bondade utiliza-se da mediação como técnica de resolução de conflitos. Segundo Ricardo:

Transposta para um plano cultural, poderíamos mesmo falar numa técnica de bondade, em contraposição à técnica da violência. É a técnica de quem, pela bondade, consegue desarmar antagonismos, ou melhor, desfazer os tais *equilíbrios de antagonismos* a que aludem os sociólogos. Ao invés de cultivar antagonismos para conseguir o equilíbrio e, através desse equilíbrio, a harmonia social, o brasileiro é o mediador necessário, o conciliador plástico entre

todos os conflitos sociais, ideológicos, étnicos, econômicos.  
(RICARDO, 1956, p. 302)

Dessa forma, explicita-se, mais uma vez, que a “bondade” trazida por Ricardo não se refere a uma simplificação do conceito de cordialidade, mas trata-se de uma “bondade” adquirida como uma espécie de escudo presente em nossas relações sociais. Para ele, o brasileiro utiliza-se de sua “bondade” para conquistar aliados, para evitar conflitos. Seríamos possuidores de uma bondade magnética, mais política; a qual estamos tão acostumados que a utilizamos quase despercebidamente em nossas relações cotidianas. Segundo Ricardo:

Poder-se-ia dizer que se trata, em nosso caso, de uma bondade que se defende sempre, mesmo quando parece submeter-se. E que cria raízes afetivas de solidariedade no jogo múltiplo e promíscuo dos interesses rivais. A função desse material afetivo não é a simples polidez. É mais uma função biológica, social. Diferente da que cabe à bondade em sua acepção liberal, filosófica ou lírica. Ou àquela outra bondade do *faça o favor de entrar* a que se poderia chamar bondade de sala de visitas. (RICARDO, 1956, p. 303).

De tal forma, surge, na fala de Ricardo, o argumento de uma suposta técnica da bondade. Segundo o autor, tal técnica estaria presente em nossa sociedade desde o início de sua formação. Esta técnica, além de uma simples característica, é usada a nosso favor no dia a dia, para fins sociais, comerciais e políticos.

Um exemplo dado por Ricardo de um emprego da bondade, enquanto técnica, foi a catequese. Tal discurso, bem claro e um tanto quanto provocativo, reflete algumas nuances sociais e políticas da formação brasileira. Nesse aspecto, Ricardo, ao abordar o tema da religiosidade em contato com a política, expõe uma de nossas características trazidas por Buarque de Holanda: “a religiosidade de superfície”, a qual o autor pontua como uma aquela que cultuamos, mas nos damos liberdade para modificá-la e, às vezes, até mesmo usá-la da forma que for mais conveniente para o interesse individual.

Outra técnica de bondade exposta por Ricardo é a de oferecer presentes para se conquistar favores e a confiança de alguém. Segundo ele, tal costume se dá desde a conquista, quando os colonizadores trocavam alguns de seus pertences pelas riquezas americanas com os indígenas. Para além do processo de conquista, segundo o autor, tal técnica se vê presente em nossa sociedade em vários momentos. No processo de escravização, por exemplo, aparece na promessa da

liberdade, nas pequenas concessões cotidianas que amenizavam a tensão da relação escravos-proprietário.

Desde grandes problemas sociais até mesmo em pequenas discussões, a técnica da bondade se faz valer, entretanto, segundo Ricardo, esta é empregada com sabedoria. Ela pode ser usada como forma (específica) de convívio social e até mesmo como arma política. Diante disto, esta bondade adentra o cenário político, na qual adquiriu características próprias devido às peculiaridades do povo brasileiro. Por esta razão, segundo Ricardo:

Todo governante, pois, que quiser reduzir o brasileiro à solidariedade e à obediência terá que fazer uso dessa técnica que constitui a arma do homem bom governando homens bons. O Brasil nasceu sob esse signo social e político. Talvez seja agora o único país do mundo em condições de opor, à técnica da violência, a técnica da bondade. (RICARDO, 1956, p. 305).

Ricardo ainda completa que o brasileiro, em sua forma política, se utiliza dos individualismos e coletivismos como mediação que resultaria em nossa democracia social; e que esta forma só é possível “num país em que se encontram todas as idades do mundo social”. (RICARDO, 1956, p.308). Para ele: “o que identifica o brasileiro não é o inimigo cordial. É não ter capacidade para ser inimigo, cordial ou não”. (RICARDO, 1956, p. 309). Dessa maneira, evidencia-se, mais uma vez, que, para o autor, o brasileiro seria um povo marcado pela ausência do ódio. Em sua concepção, temos vocação para a fraternidade e tais características surgiram de hábitos singelos, os quais não nos foram impostos.

O interessante de tal argumento é que ele vai ao encontro do campo lexical da *cordialidade* que se relaciona à amizade e afabilidade, o qual revela que essa relação figurativa da *cordialidade* com o coração e os sentimentos não seria, como expôs Buarque de Holanda, aberta a todos os sentimentos, mas àqueles considerados bons. Conforme veremos em nossa análise dicionarística e condensado em nossa nuvem de palavras, desde o início, a *cordialidade* surge quase — para além da acepção médica — como um sinônimo de amizade. Assim, tal constatação nos revela ainda uma proximidade entre a fala de Ricardo e o imaginário popular sobre a *cordialidade* brasileira, o qual está intrinsecamente relacionado a atitudes como a simpatia, amizade, intimidade, sinceridade e acolhimento.

Todavia, a grande chave para entendermos o posicionamento de Ricardo em relação à *cordialidade* é perceber que, para ele, a sua expressão “homem bom” não é trazida para substituir o “homem cordial” de Buarque de Holanda. A questão para ele é que, a *cordialidade*, como trazida por Holanda, não seria ideal para definir o povo brasileiro, visto que esta ou refere-se aos atos do coração — e estes podem referir-se a muitas outras sociedades; ou, significaria polidez; que seria justamente o oposto do que o brasileiro é.

### 2.1.3. “Carta a Cassiano Ricardo”

A “Carta a Cassiano Ricardo”, como mostra o próprio título, foi uma carta escrita por Sérgio Buarque de Holanda em resposta ao texto de Cassiano Ricardo “Variações sobre o Homem Cordial”. Buarque de Holanda inicia sua carta dizendo entender as colocações trazidas na réplica do mesmo como uma simples questão de palavras e que, como tal, ele não se agarrava com unhas e dentes à expressão “cordial”. Buarque de Holanda ainda explica que a utilizou, apenas, por falta de palavra melhor.

Para Buarque de Holanda, Ricardo só conseguiria fugir ao sentido ético da bondade presente na expressão “cordialidade” redefinindo ou “imprecisando” o conceito, o que, para ele, seria ilegítimo. Para justificar seu argumento, Buarque de Holanda refuta a colocação de Ricardo de que o ódio seria a antítese à bondade. Segundo o autor, a bondade seria antítese da maldade e o ódio, ao amor e; desse modo, a cordialidade não estaria isenta da bondade.

Para além de uma questão semântica, Buarque de Holanda também se contrapõe ao argumento de Ricardo quanto à “técnica da bondade”. Segundo ele, a bondade não poderia ser “[...] empregada com sabedoria e até mesmo com um certo maquiavelismo...” (RICARDO, 1948, apud HOLANDA, 1956, p. 312), uma vez que, para ele, “Bondade maquiavélica é maquiavelismo — ou é fraqueza — não é bondade”. (Holanda, 1956, p. 312).

Tal argumento evidencia como Buarque de Holanda, implicitamente, retoma seu argumento do brasileiro naturalmente bom. Para ele, esta bondade é inerente à nossa sociedade. Ele não acreditava que esta poderia ser premeditada, ser usada como técnica; ou ainda, ser fria e maquiavélica. Já no que diz respeito ao conceito

de cordialidade enquanto uma característica da “polidez” brasileira, Buarque de Holanda rebate as interpretações feitas por Ricardo e afirma:

Aliás, você mesmo lembra, agora, como na primeira edição se dava o homem cordial como o contrário de polido. [...] mas na mesma primeira edição eu também já tratava de apresentar as manifestações de polidez como 'espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no homem cordial'. (HOLANDA, 1956. p. 312).

Tal argumentação de Buarque de Holanda explicita ainda mais a ambiguidade presente em sua escrita, uma vez que ele reforça que, já em sua primeira edição, colocara o homem cordial como contrário de polido e, ao mesmo tempo, definiria a cordialidade justamente com os mesmos elementos da polidez, a qual estaria presente nas manifestações cotidianas do brasileiro.

Em uma tentativa de validar seus argumentos, Buarque de Holanda pontua que os conceitos deveriam ser analisados pelo seu “verdadeiro sentido”, não apenas no sentido etimológico e tampouco a partir de interpretações soltas. Contudo, em sua argumentação, ele discorre que o verdadeiro sentido da palavra cordial, não apenas o etimológico, também está relacionado com o coração e, como se acredita que este é o responsável pelos sentimentos, caberia a tal conceito tanto a bondade quanto a inimizade e que ele, portanto, havia feito uma ampliação da conceituação, e não uma retratação ou mudança em seu significado.

Buarque de Holanda prossegue ainda, dizendo a Ricardo que, ao contrário do que este pensa, não modificou ou distorceu o significado de cordialidade ao longo das edições de *Raízes*. Para ele, ambos os sentidos que ele apresentou sempre coexistiram desde o início. Para tal, Buarque de Holanda se justifica indo além, ao dizer que tais sentidos estão presentes também na maneira como a cordialidade é retratada em vários outros idiomas, sem que haja um “prejuízo notório” ao seu real significado.

Ou seja, para o autor, ao contrário do que sugeriu Ricardo, ele sempre utilizou o conceito de cordialidade embasado em seu “real” significado, o qual estaria presente não apenas na palavra em português; bem como não modificou o sentido do conceito, visto que ambas perspectivas abordadas por ele caberiam dentro deste.

Apesar de tal argumento ter um fundamento lógico, ele foge do que se espera em uma conceituação. A História dos Conceitos passa pelos aspectos políticos

presente por detrás dos mesmos; não se restringindo a uma mera definição semântica. Por conseguinte, mesmo que Buarque de Holanda alegue que ambos os sentidos cabem na palavra cordialidade, ele foge de um posicionamento, de uma exposição clara do que ele entende como cordial.

Ademais, Buarque de Holanda revela que não crê muito na “tal bondade fundamental” dos brasileiros, uma vez que, para ele, não havia como afirmar que somos melhores ou piores que outros povos, já que este tipo de análise é extremamente subjetiva e não traria resultados plausíveis.

Ele ainda vai além e, para finalizar sua carta, frisa que, em sua concepção, a cordialidade não é uma virtude “definitiva e cabal” (1956, p. 313) que precise sempre existir em nossa sociedade. Ao contrário, ele associa-a:

[...] antes as condições particulares de nossa vida rural e colonial, que vamos rapidamente superando. Com a progressiva urbanização, que não consiste apenas no desenvolvimento das metrópoles, mas ainda e sobretudo na incorporação de áreas cada vez mais extensas à esfera de influência metropolitana, o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. (HOLANDA, 1956. p. 313-14).

Ou seja, Buarque de Holanda retoma seu discurso de que a cordialidade não seria uma característica definitiva e que, como tal, tenderia a desaparecer com a urbanização, uma vez que esta teria sido uma característica herdada de nosso passado colonial, rural.

## **2.2. Raízes do Brasil e seu impacto na difusão do conceito de cordialidade**

Conforme visto anteriormente, para Ribeiro Couto, a cordialidade — descrita como “atitude de disponibilidade sentimental” (COUTO, 1932. p. 169) — estaria relacionada ao sentimentalismo como forma virtuosa de se viver do homem americano.

É então a partir de tal inspiração que Sérgio Buarque de Holanda traz ao seu livro *Raízes do Brasil* a discussão a respeito do homem cordial para se tentar entender mais a fundo as “raízes” ibéricas que tornaram a aventura europeia nos



trópicos supostamente singular” (MONTEIRO, p. 258, 2021), ou seja, é a partir do texto de Ribeiro Couto que Buarque de Holanda apropria-se do homem cordial como forma de representação do “caráter nacional”.

Com sua primeira edição publicada em 1936 pela editora José Olympio, *Raízes do Brasil* foi amplamente disseminada na historiografia brasileira, sendo considerada uma obra de referência para o entendimento social e cultural do Brasil. A repercussão da obra de Buarque de Holanda foi tão extensa que mesmo hoje, após mais de 80 anos de sua primeira edição, *Raízes* ainda é uma obra imensamente revisitada e estudada. E, mesmo que lida por perspectivas diferentes, é inegável o impacto representado pela discussão sobre a cordialidade trazida no decorrer da obra para a história da historiografia brasileira.

Todavia, assim como escreveu Luiz Feldman (2013), “*Raízes do Brasil* não foi um ‘clássico de nascença’. Tornou-se clássico, na verdade, após mais de uma década de amadurecimento.” (p.120). Nesse sentido, assim como Feldman expõe, *Raízes do Brasil* não possuía, ao longo da primeira década de seu lançamento, a relevância intelectual e social a qual foi adquirindo no decorrer dos anos.

Ao contrário, quando analisamos artigos publicados na imprensa brasileira ao longo da década de 1930, acerca de *Raízes do Brasil*, vislumbramos como essa ideia cordialidade enquanto característica do brasileiro foi inicialmente recebida e o seu processo de expansão na intelectualidade brasileira, além de conseguimos ter uma pequena percepção de como — e a que nível — a publicação dos textos de Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda influenciaram o entendimento sobre o que é ser cordial.

Os primeiros exemplos a serem trazidos aqui são, na verdade, pequenas notícias sobre a publicação de *Raízes do Brasil* e, de tal modo, não dão aos leitores muitas informações sobre o conteúdo da obra, todavia contribuem para uma análise geral da sua recepção. No Jornal do Comércio (RJ) de novembro de 1936, em uma coluna intitulada: “Bibliographia”, *Raízes* aparece dentre outros lançamentos literários da época e apenas são evocados os títulos dos capítulos do livro.

Já no jornal Diário de Pernambuco (PE), também de novembro de 1936, *Raízes do Brasil* é anunciada como uma obra que aborda a: “apreciação da origem e formação social [do Brasil], não só do ponto de vista histórico, mas também antropológico, folclórico e sociológico” (p. 259). Assim, tal nota traz, além do sumário

do livro, um pequeno esboço do que a obra pretendia abordar: a formação social do brasileiro.

Para além de tais notícias sobre o lançamento da obra, havia também artigos mais desenvolvidos, nos quais os autores expunham suas interpretações e comentários sobre o conteúdo de *Raízes do Brasil*. Um destes textos foi a crítica feita pelo padre Hélder Câmara.

Dom Hélder Pessoa Câmara foi um importante religioso brasileiro, tendo, décadas depois, exercido o cargo de arcebispo de Olinda e Recife. Além da atuação religiosa, Câmara também participou ativamente na política brasileira. Com uma trajetória complexa, Câmara apoiou o integralismo durante a década de 1930, convidado pelo escritor Plínio Salgado a integrar o conselho supremo da Ação Integralista Brasileira e, a partir da década de 1960, aproximou-se da esquerda e foi, inclusive, “acusado de [ser] ‘Arcebispo Vermelho’ e apelidado de ‘pombo-correio das esquerdas internacionais’ pela imprensa nacional.” (JÚNIOR, 2016, p. 104).

Seu texto intitulado: “*Raízes do Brasil?*”, publicado no jornal *A Razão: Independente, Político e Noticioso* (CE), inicia comentando a publicação da coleção *Documentos Brasileiros* e destacando a direção de Gilberto Freyre. O artigo de Câmara, datado em janeiro de 1936, faz duras críticas a *Raízes do Brasil*. O autor caracteriza-o como um livro inautêntico, sugerindo que as ideias de Buarque de Holanda, além de serem inspiradas em outros autores, eram contraditórias. Câmara evidencia, de início, os argumentos e termos os quais estavam presentes em *Raízes do Brasil*, mas que, em sua concepção, foram inspirados em textos de outros intelectuais. Ele expõe que: “é de Ribeiro Couto a descoberta do homem cordial”. Assim, sua pequena resenha destaca-se da maioria dos textos retratados aqui acerca do homem cordial, que não fazem menção às origens desta expressão que resultaria na cordialidade desenvolvida por Buarque de Holanda.

Para fundamentar seu argumento, o padre contrapõe diversos trechos de *Raízes do Brasil* nos quais, para ele, Buarque de Holanda se contradiz. Em suas próprias palavras: “Não ter ideias originais não é pecado grave. Sério é incidir em contradições.” (CÂMARA, 1936, p. 5). Câmara ainda faz críticas às posições de Buarque de Holanda quanto a alguns temas centrais do livro, tais como a noção de personalidade entre as nações ibéricas, a família, o ruralismo e urbanismo, e a religiosidade, além de indagar o público:

Que poderá ser este homem que ataca a pessoa humana, a família, a religião e o integralismo? [...] O certo é que se perdeu um formoso título com o livro pernicioso, contraditório e falho que se chamou de *Raízes do Brasil*. Seria mais justo dizer: *Desenraizamento do Brasil*. (CAMARA, 1936, p.5).

A fala de Câmara aborda, mais que apenas uma crítica literária, uma crítica política às ideias desenvolvidas por Buarque de Holanda. Guiado pelo lema integralista “Deus, pátria e família”, Câmara vê, ao longo das páginas de *Raízes do Brasil*, uma inversão dos valores que acreditava serem essenciais à nação. Em suas próprias palavras: “são duas raízes positivas [a família e o Estado] que nos surgem como negativas e prejudiciais”. (CÂMARA, 1936, p. 5). O que sugere uma enorme discordância entre o modelo de organização social e a concepção de ser brasileiro trazida por Buarque de Holanda e a compreendida por Câmara.

Tal trecho nos revela ainda que *Raízes do Brasil* não foi tão amplamente aceita na época de seu lançamento. Ao contrário, alguns posicionamentos de Buarque de Holanda eram tidos como polêmicos e sofreram críticas de vários setores da sociedade. Esse texto nos ajuda, assim, a desconstruir um pouco a ideia a qual expõe Antonio Candido (1967) em seu conhecido prefácio de que *Raízes do Brasil* obteve um: “êxito de qualidade imediato e se tornou um clássico de nascença”, o qual fora amplamente disseminado e discutido no campo intelectual.

No entanto, outros artigos seguem o lado oposto. Muitos dos textos publicados à época têm uma conotação mais positiva em relação à obra de Buarque de Holanda e levam suas resenhas para um patamar elogioso, em que os autores não medem esforços para enaltecer a figura de Sérgio Buarque de Holanda e seu livro. Um exemplo desse posicionamento se deu, nas colunas do *Diário de Notícias* (RJ).

Intitulado “‘Raízes do Brasil’, de Landa, Livraria José Olympio”, o texto datado de 1º de novembro de 1936, inicia noticiando a publicação e elogiando a influência do “extraordinário sociólogo de ‘Casa Grande e Senzala’” (p. 2) na obra. Para o autor do pequeno artigo, o qual identifica-se apenas com as iniciais de seu nome: “N. L.”, *Raízes do Brasil*:

Tem como poucos, um caráter de investigação cuidadosa, de pesquisa erudita, para a interpretação nacional, dos mais diversos fenômenos formadores da nossa realidade atual. Possuindo o autor uma extraordinária capacidade de analista, e um poderoso senso de

interpretação das causas e efeitos, entre o emaranhado dos atalhos que se abrem para o pesquisador [...] conseguiu também, partindo dos remotos fatos do nosso descobrimento e da nossa colonização, fazer um estudo lógico da nossa evolução social, e uma explicação muito clara, da nossa psicologia de povo, como produto dos mais diversos e por vezes contrários fatores. (N. L., 1936, p. 2)

A passagem demonstra como parte desta elite erudita estava interligada aos pensamentos freyrianos. Ademais, é possível constatar também certa negligência em relação aos processos de violência que foram basilares na fundação do Brasil, uma vez que o autor em questão descreve a nossa formação simplesmente como fruto da mistura entre colonizadores europeus, escravos e indígenas, sem revelar mais profundamente a brutalidade que estava por detrás de tais acontecimentos.

O texto, no entanto, não se aprofunda muito no conteúdo de *Raízes do Brasil*. Após os elogios iniciais, o autor prossegue elencando os títulos dos capítulos e finaliza sua pequena nota parabenizando a editora José Olympio pelo êxito ao publicar o livro.

Nesta mesma perspectiva, muitos outros artigos trouxeram resenhas bastante elogiosas a *Raízes do Brasil*. A nota publicada nas páginas do O Jornal (RJ) seguiu o mesmo percurso. Datado de novembro de 1936, o texto escrito pelo historiador Octavio Tarquinio de Sousa se inicia contextualizando a situação social do Brasil, elogiando o surgimento da coleção “Documentos Brasileiros” e da publicação da obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Tarquinio, que se dedicava mais a crítica literária e a escrita de textos para a imprensa, passava, ao longo da década 1930, por uma transição e, a partir de 1937, restringe-se a trabalhar apenas com os estudos históricos. Tarquinio dirigiu a coleção Documentos Brasileiros de 1939 até 1959; a Revista do Brasil de 1938 a 1943; a Revista do Comércio com Afonso Arinos de Melo Franco de 1946 a 1948; além de dirigir também, na Sociedade Felipe D’Oliveira, o boletim Lanterna Verde (1934-1944).

Em sua resenha, Tarquinio de Sousa evoca o nome de Gilberto Freyre e suas ideias como meio de elogiar a obra. Além de destacar algumas passagens de *Raízes do Brasil*, as quais revelavam aspectos do passado agrário/colonial brasileiro, o Sousa tende a concordar com a premissa de que o poder no Brasil ainda estava muito relacionado ao meio rural e que tal mudança não ocorreria tão rapidamente.

A partir dessa premissa, o autor caminha para uma análise mais detalhada do capítulo intitulado “homem cordial”, em que retoma uma das passagens mais emblemáticas de Sérgio Buarque de Holanda sobre a cordialidade, revelando que esta advém de “um fundo emocional extremamente rico e transbordante” (HOLANDA, 1936, p. 101). Contudo, logo que expõe tal trecho, Sousa descreve que estas características, por sua vez, nada teriam de polidez, nem de civilidade, compreendendo a cordialidade como um atributo danoso a nossa sociedade. Além de fazer críticas a algumas características do povo brasileiro, as quais ele entendia como frutos dessa cordialidade.

Em suas próprias palavras, seríamos um povo que: “queremos fugir de nós, mas não suportamos disciplinas. Não aceitamos hierarquias, nenhum princípio super-individual de organização e controle” (SOUSA, 1936, p. 3), o que pode revelar, em última instância, a proximidade a um pensamento difundido, principalmente, a partir da segunda edição da obra de Buarque de Holanda de que a cordialidade era compreendida de forma mais negativa, quase como se esta fosse uma característica prejudicial ao avanço da sociedade brasileira.

Nesse mesmo sentido, o artigo intitulado “Raízes do Brasil”, publicado nas páginas do *Boletim de Ariel* (RJ) traz, ao longo de suas duas páginas, uma resenha mais detalhada e salpicada de argumentações de seu escritor. Escrito por Vicente de Miranda Reis<sup>9</sup>, o texto inicia-se, assim como muitos outros que analisamos aqui, elogiando o surgimento da coleção Documentos Brasileiros e trazendo à discussão o nome de Gilberto Freyre.

Miranda Reis foi um importante intelectual brasileiro. Estudioso de Línguas e Sociologia, ele atuou como professor de francês, inglês e sociologia no Colégio Paula Freitas, no Distrito Federal e como professor de sociologia do Colégio Pedro II<sup>10</sup>, além de ter sido também escritor do livro: “Ensaio de Synthese Sociologica”, publicado em 1935 pela editora Ariel do Rio de Janeiro.

---

<sup>9</sup> Assinado apenas como V. de Miranda Reis, posteriormente foi identificado que se tratava, na verdade, de Vicente de Miranda Reis.

<sup>10</sup> Reis foi professor de francês, inglês e sociologia no Colégio Paula Freitas, no Distrito Federal, cuja nomeação para o cargo encontra-se presente na página 12 da Seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 5 de julho de 1932, e professor de sociologia do Colégio Pedro II, cuja nomeação para o cargo encontra-se presente na página 16 da Seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 20 de junho de 1950. Além disso, foi escritor do livro “Ensaio de Synthese Sociologica”, publicado em 1935 pela editora Ariel do Rio de Janeiro.

Diferentemente dos outros autores, Miranda Reis faz uma análise mais profunda e, além de uma crítica ao conteúdo do livro, nos dá uma boa indicação de como é a escrita de Buarque de Holanda e o que poderíamos esperar de *Raízes do Brasil*. Para ele, Sérgio Buarque possuía:

Um espírito amadurecido no trato da ciência e da filosofia, como um pensador que não tem pressa de concluir, de encontrar logo uma solução no estudo dos nossos problemas nacionais, como uma inteligência enriquecida por uma erudição que não falha no momento oportuno e só nesse momento se revela, a talho de foice, sem filáucia, nem alarde. (REIS, 1937, p. 129)

Assim, além dos elogios ao escritor de *Raízes do Brasil*, o texto faz uma analogia ao título do livro, utilizando a palavra raízes para compor metáforas que se referiam a momentos específicos do texto. Segundo Reis (1937), a obra possui raízes agri doces e algumas até difíceis de roer, as quais ele exemplifica como as ideias presentes nos capítulos “O Homem Cordial”, “Tempos Novos” e “Nossa Revolução”.

O artigo traz trechos importantes de *Raízes do Brasil* e vai revelando ao leitor algumas das argumentações de Holanda ao longo de sua obra. A análise de *Raízes* começa evidenciando o papel da cultura europeia na formação social do Brasil. De acordo com Reis (1937): “o que distingue dos europeus centrais dos nossos avós portugueses e, com eles, os seus irmãos espanhóis, é a sobranceria, ou seja, o culto da personalidade” (p. 129), características que, em sua concepção, resultam em uma “míngua do espírito coletivo, de organização, de solidariedade e, de outro, a oposição a toda e qualquer hierarquia, a todo e qualquer privilégio hereditário” (REIS, 1937, p. 129) e que, de tal modo, teríamos antipatia a toda moral fundamentada no culto ao trabalho.

Assim, Reis caracteriza a formação brasileira bem como do seu povo como frutos de “portugueses e espanhóis [que] tendiam antes para a aventura [...] adaptando-se a novos meios, novos climas e novas raças [...] ajudados, nisso tudo, como hoje se sabe, por uma já então acentuada mestiçagem”, (REIS, 1937, p.129). Afirmação esta que traz consigo elementos do argumento já anteriormente exposto por Ribeiro Couto de que seríamos um povo oriundo “da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, [de onde] deve sair o ‘sentido americano’ (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem — o Homem

Cordial”. (COUTO, 1932, p. 169). Estas seriam então, para ele, nossas raízes. Nas palavras do próprio colonista: as “Raízes adventícias”<sup>11</sup> do Brasil, das quais seríamos herdeiros diretos.

Miranda Reis analisa ainda traços de nossa vida social a qual, em sua perspectiva, não teriam coesão e qual nos foi herdada dos portugueses, por isso, seríamos uma sociedade desordenada e cuja solução para nossos problemas estaria, de acordo com Buarque Holanda, ligada a importação dos sistemas de povos modernos ou de criarmos nós mesmos um substituto capaz de superar essa desordem (HOLANDA, 1936). Segundo Reis, foi dos portugueses também que herdamos o predomínio do campo sobre a cidade, o qual perdurou em nossa sociedade e que explicaria a então monopolização dos fazendeiros nas posições de comando do Brasil. Em suas palavras, os fazendeiros foram: “na colônia e no império, os únicos verdadeiros cidadãos do Brasil”. (REIS, 1937, p.129).

Ainda sobre a influência dos portugueses em nosso processo de formação, Reis expõe que foram eles que nos trouxeram esse patriarcalismo romano, a qual, de acordo com Buarque de Holanda, constituiu: “uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família” (HOLANDA, apud REIS, 1947, p. 130), da qual proveria a evolução política do Brasil. Em tal trecho Miranda Reis chega ao auge de sua análise, explicitando ao leitor a definição do homem cordial e suas diferenças ao homem polido. Segundo o autor: “Ele [o homem cordial] é, ao contrário, avesso a todo ritualismo, a todas as referências, a todas as cerimônias, só se sentindo bem no convívio familiar” (REIS, 1937, p. 130).

No entanto, logo em seguida ele se utiliza da retórica — até um pouco de sátira, talvez — para indagar alguns dos argumentos de Buarque de Holanda. De tal modo, Miranda Reis pergunta aos leitores: “Bichadas, já, as 'Raízes do Brasil'? Onde está, aí, esse culto da personalidade, característico dos portugueses e de que somos herdeiros?” (REIS, 1937, p. 130). E, assim, se inicia uma série de contraposições aos raciocínios trazidos por Buarque de Holanda, chamando a atenção do público para uma leitura mais crítica da obra. O primeiro deles foi a respeito da utilização dos diminutivos, a qual Sérgio Buarque descrevia como uma

---

<sup>11</sup> No campo da flora, o termo Raízes Adventícias refere-se às raízes com origem a partir do caule, das folhas ou de qualquer outra parte do vegetal, que não seja a raiz primária ou suas ramificações. Já isoladamente, a palavra adventícia é definida como aquela “que vem de fora; estranho, forasteiro, peregrino”; o que representa, no texto em questão, a ideia de que a nossa cultura é em algum nível herança dos ibéricos.

característica dos brasileiros que era utilizada como ferramenta linguística para aproximação e intimidade. Segundo Reis:

Quanto aos diminutivos, não nos parece que os brasileiros que os empreguem com mais frequência que os outros povos. A sua variedade entre nós afigura-se-nos, até, menor, senão nenhuma: é o inho ou o zinho para todos os casos, enquanto os portugueses usam constantemente o ito, o ote, o oila e outros. É interessante observar que os ingleses, ritualistas por excelência, inimigos da intimidade, os aplicam justamente às pessoas: Charlie, Johnnie, Willy, Willie, Billie, Tommy, Eddie, etc. Os alemães não lhe ficaram atrás, com os seus chen elein. E a língua russa riquíssima em diminutivos, sê-lo-á em consequência de certas semelhanças entre a psique russa e a psique brasileira? Não cremos. Todas as línguas apresentam essas formas, sem que seja preciso um “homem cordial” para explicá-las. E não basta, como argumento, que os portugueses zombem dos nossos diminutivos. (REIS, 1937, p. 130).

Nota-se, de tal modo, a composição precisa e altamente erudita trazida para contrapor as definições de homem cordial e suas características “exclusivamente” brasileiras expostas por Buarque de Holanda. Além da utilização dos diminutivos, Reis também desconstrói outras técnicas ditas brasileiras de se estabelecer uma relação de intimidade, tais como a utilização da próclise nominal dos imperativos e a anteposição dos pronomes aos verbos. Ele aborda a discussão entre o uso de tais técnicas e, ao mesmo tempo, a hipótese de que nosso modo de falar advinha de um estado psicológico, em que, dentre outras coisas, a entonação de nossa voz resultaria em tal característica. Após expor as possíveis justificativas de tal modo de fala, Reis as desconstrói argumentando que:

Não é psicológico o fenômeno e sempre quiséramos ver, então, a humildade, a doçura, a submissão pedinchona de uma frase vociferada, tonitorada, deste jeito: “Me traga já o dinheiro, seu isso! Senão parto-lhe a cara!” — ou o que distingue tais coisas é o tom de voz, reflexo de um estado psíquico e, neste caso, a faculdade de pedir, que na primeira hipótese, seria incrivelmente privativa dos brasileiros, deixa aqui de o ser, para a terem também portugueses, franceses, ingleses, alemães, russos, etc., que, todos, empregam encliticamente o pronome nos imperativos. (REIS, 1937, p. 130).

Assim, sua escrita apimenta a discussão sobre as raízes sociais do Brasil e esta desconstrução da linguística é utilizada para se reintroduzir a questão da personalidade ao texto e, de tal modo, chegamos à análise do capítulo “Tempos Novos”. Segundo Reis, a personalidade seria responsável pelo “carácter accidental



de nossas atividades profissionais” (1937, p. 130), o qual para ele seria a justificativa das origens do nosso bacharelismo. Ou seja, para Miranda Reis seria justamente essas características personalísticas que nos fazem preferir as formas fixas, as ideias gerais, claras; o que nos faz ter horror ao vago e, ao mesmo tempo, nos permite ter estabilidade com o mínimo de esforço pessoal utilizando ferramentas desta personalidade.

Miranda Reis resume ainda, de forma bem ponderada, o sentimento de muitos ao ler *Raízes do Brasil*: a noção de que não se é possível discutir todas as ideias presentes no livro de Buarque de Holanda em um simples artigo e que *Raízes do Brasil* “não é, evidentemente e felizmente, um livro perfeito. Porque o livro perfeito seria, por definição, aquele que contivesse ‘a verdadeira essência da sabedoria’ e favorecesse, assim, ‘uma espécie de atonia da inteligência...’” (1937, p. 130). E, de tal modo, finaliza seu artigo, instigando o leitor a conhecer e a problematizar algumas das discussões trazidas na obra de Buarque de Holanda.

Assim, a análise de tais textos revela que a concepção da cordialidade, quando analisadas a partir da obra de Buarque de Holanda, não era tão diversificada como estamos acostumados atualmente. Percebe-se que muitos dos textos escritos sobre *Raízes do Brasil* em seus primórdios, seja criticando ou elogiando a argumentação e a escrita de Sérgio Buarque, não trazem problematizações acerca da definição de cordialidade propriamente dita.

De tal modo, é possível analisar *Raízes do Brasil* como uma obra plural, a qual dividiu — e ainda divide — opiniões da população e também da elite historiográfica a respeito de sua interpretação acerca do caráter nacional. Em suma, é possível dizer, após tais leituras, como, assim como descrito em seu título, o livro possui inúmeras raízes, as quais tomam distintas direções, tornando-a uma obra complexa e repleta de possibilidades de análise.

Todavia, é inegável que *Raízes do Brasil* se tornou um marco divisor na interpretação da cordialidade. Foi através das ideias desenvolvidas pela obra que o conceito se complexifica, ganha conotações coletivas e incorpora questões sociais, políticas e historiográficas, e passa a representar uma realidade social do Brasil.

Assim, é possível dizer que *Raízes do Brasil* ao desenvolver a ideia de Ribeiro Couto de que seríamos um povo cordial, atribuiu à cordialidade alguns de nossos costumes, colocando-a tanto como uma característica de nossa sociedade enquanto uma forma de se entender e de representar a realidade social do brasileiro.

Podemos dizer, assim, que foi através da disseminação das ideias de Couto e Buarque de Holanda que a cordialidade foi se enraizando em nossa sociedade e passou também a abordar uma discussão a respeito do que é ser brasileiro.

### 3. DE PALAVRA A CONCEITO HISTÓRICO-SOCIAL

O capítulo se dedica a explorar a evolução da cordialidade de uma simples palavra a um conceito histórico-social de grande relevância para a história da historiografia, bem como ao imaginário coletivo brasileiro. A partir de uma análise etimológica e cronológica do uso da palavra 'cordialidade', examinaremos como seu significado e valor foram gradualmente alterados e ampliados ao longo do tempo. Além disso, buscaremos entender o que é ser cordial, explorando os diversos usos da palavra no debate público e as tentativas de encontrar uma identificação nacional através dela. Por fim, realizaremos uma análise quantitativa da presença da cordialidade na imprensa periódica no século XX, oferecendo uma visão abrangente sobre a disseminação do conceito na sociedade brasileira.

#### 3.1. Etimologia e cronologia dicionarística da cordialidade

Linguisticamente, a cordialidade pode ser classificada como um substantivo que deriva de cordial. Ela surge a partir das transformações ocorridas no termo que, ao incorporar o sufixo *-idade* ao seu radical (*cordial*), passa a designar uma nova palavra. Essa transformação ocorre no começo do século XIX, em simultâneo com o processo de modernização e inovação lexical de novos substantivos que foram formados com a inclusão do sufixo *-dade*, como nacionalidade, civilidade, religiosidade, etc. Assim, a cordialidade se introduz em nosso vocabulário como forma de se definir uma “qualidade do que é cordial”<sup>12</sup>. Desse modo, para conseguirmos fazer uma análise mais profunda da construção semântica da cordialidade precisamos compreender, inicialmente, as origens e os significados atribuídos à palavra cordial, bem como as palavras que fazem parte do seu campo lexical.

Historicamente, *cordial* tem sido usado comumente para descrever sentimentos relacionados à afabilidade e à sinceridade. No entanto, quando investigamos sua raiz etimológica, percebemos que essa é uma definição muito simplificada e restrita. Ao investigarmos sua construção semântica em diferentes

---

<sup>12</sup> Definição retirada do dicionário Aurélio. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª Ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

dicionários etimológicos e de Língua Portuguesa publicados entre 1712 a 1986 buscamos explorar seu campo lexical, bem como as mudanças ocorridas com ela ao longo dos anos. Para tal, trouxemos uma pequena tabela com os significados atribuídos a *cordial*, *cordialidade* e seus derivados para facilitar essa análise semântica das definições encontradas.

**TABELA I - As definições de cordial e seus derivados em alguns dos principais dicionários de Língua Portuguesa publicados entre 1712 e 1986**

ANO	AUTOR	DEFINIÇÃO	CIDADE / EDITORA
1712	Rafael Bluteau	<b>CORDIAL:</b> Remédio para o coração; Cordial. Adjetivo.(como quando se diz) dito-lhe coisa cordial.  <b>CORDIAL:</b> Adjetivo. Cordial amigo. O que ama de coração. Cordial amizade	Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus
1789	Antonio de Moraes Silva  Rafael Bluteau	<b>CORDIAL:</b> adj. De coração: v. g. amigo, amor cordial: remédio cordial. Arte de furtar protestaço.  <b>CORDIAL:</b> s. m. remédio, que conforta o coração.  <b>CORDIALMENTE:</b> adv. de coração: v. g. amar — . Arraes, 4. 17. era cordialmente devoto da Santa Virgem. Luc. V. do Are, 3. 9.	Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira
1813	Antonio de Moraes Silva	<b>CORDIAL:</b> adj. De coração: v. g. amigo, amor cordial: remédio cordial. Arte de furtar protestaço. CORDIAL: s. m. remédio, que conforta o coração.  <b>CORDIALMENTE:</b> adv. de coração: v. g. amar — . Arraes, 4. 17. era cordialmente devoto da Santa Virgem. Luc. V. do Are, 3. 9.	Lisboa: Typographia Lacerdina

1817	Autor não mencionado	<p><b>CORDIAL:</b> adj. Do coração ( T. Médico). Diz-se de remédio, que fortalece o coração.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> r. f. Afeição de coração.</p> <p><b>CORDIALMENTE:</b> adv. De coração.</p>	Lisboa: typographia Rollandiana
1818	Por três literatos nacionais <sup>13</sup>	<p><b>CORDIAL:</b> adj. bom para o coração, que o conforta. Amigo fiel: ' s. m. ( Med.) remédio confortativo: fig, consolação contra as aflições do espírito.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> s. f. sinceridade de afeto.</p> <p><b>CORDIALMENTE:</b> adv. de coração: v. g. amar</p>	Lisboa: Impressão Regia
1823	Antonio de Moraes Silva	<p><b>CORDIAL:</b> adj. de coração: v.g. amigo, amor cordial; remédio cordial. Arte de furtar protestaçoão.</p> <p><b>CORDIAL:</b> s. m. Remédio, que conforta o coração.</p> <p><b>CORDIALISSIMAMENTE:</b> adv. superl. de cordialmente, muito cordialmente, muito afetosamente.</p> <p><b>*CORDIALÍSSIMO:</b> superl. de cordial. Afetosíssimo, muito cordial.</p> <p><b>CORDIALMENTE:</b> adv. de coração: v. g. amar — Arraes, 4. 17. era cordialmente devoto da Santa Virgem. Luc. V. do Are. 3. 9.</p>	Lisboa: Impressão Regia
1836	José da Fonseca	<p><b>CORDIAL:</b> confortativo, corroborativo, estomacal - afetuoso, amigo, fiel, sincero.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> afeição, amizade, ternura - franqueza, sinceridade.</p>	Paris: J. P. Ailluad

<sup>13</sup> O dicionário foi escrito por autores não identificados, conforme consta na ficha de digitalização. Embora tenha sido escrito por três literatos nacionais (Lisboa), a identidade deles não foi encontrada.

1836	Francisco Solano Constâncio	<p><b>CORDIAL:</b> adj. 2. (do Lat. cordis, genitivo de cor, coração, des. adj. al), de coração, do coração, v. g. amigo, amizade, amor, afeto —; it. que conforta o coração; que vigora, anima, v. g. remédio, licor cordial. Usa-se subst. Os cordiais; hum bom cordial.</p> <p>Flores cordiais, t. med., são as de rosas, violas, borragens, e língua de vaca. É denominação absurda, e deveria ser banida.</p> <p><b>CORDIAL:</b> s. m. (subst. do precedente), remédio ou bebida que conforta o coração, que reanima, dá calor e vigor ao estômago; fig. conforto. Cordiais para a alma.</p> <p><b>CORDIALÍSSIMAMENTE:</b> adv. superl. de cordialmente, com summo affecto, com summa cordialidade.</p> <p><b>CORDIALÍSSIMO:</b> A, adj. superl. de cordial, afetuosíssimo, muito cordial.</p> <p><b>CORDIALMENTE:</b> adv. ( mente suff. ) de coração, com afeto sincero. Amar, desejar.</p>	Paris: Carneiro
1843	José da Fonseca	<p><b>CORDIAL:</b> adj. de coração (t. med.) remédio.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> s.f. afeição terna e cordial.</p>	Paris: J. P. Ailluad
1856	José da Fonseca J.I. Roquette	<p><b>CORDIAL:</b> confortativo, corroborativo, estomacal - afetuoso, amigo, fiel, sincero.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> afeição, amizade, ternura - franqueza, sinceridade.</p>	Paris: J. P. Ailluad, Monlon e Cia.
1859	Eduardo de Faria	<p><b>CORDIAL:</b> s. m. (med,) porção cordial, remédio ou bebida que conforta o coração, que reanima, dá calor e vigor ao estômago; (fig.) conforto; x. g. cordiais para a alma.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> s. f. (cordial, des. idade) afeição sincera e terna, cordial afeto.</p> <p><b>CORDIALÍSSIMAMENTE:</b> adv. superl. de</p>	Typographia imperial e constitucion al de J. Villeneuve

		<p>cordialmente, com sumo afeto, com suma cordialidade.</p> <p><b>CORDIALÍSSIMO (A):</b> adj. de cordial, afetuosíssimo, muito cordial.</p> <p><b>CORDIALMENTE:</b> adv. afetosamente, de todo o coração, sinceramente (amar alguém — ; falar —).</p> <p><b>CORDIAL:</b> confortativo, corroborativo, estomacal — afetuoso, amigo, fiel, sincero.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> afeição, amizade, ternura — franqueza, sinceridade.</p>	
1873	Domingo Vieira	<p><b>CORDIAL:</b> adj. 2 gen. (Do latim cor, cordis, coração, com o sufixo &lt;&lt;al&gt;&gt;). De coração. - Amigo cordial.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> s. f. ( De cordial, com sufixo “idade”) Afeição sincera e terna, cordial afeto.</p> <p><b>CORDIALÍSSIMO:</b> adj. superl. de Cordial</p> <p><b>CORDIALMENTE:</b> adv. ( De cordial, com sufixo “mente”). De coração, francamente, com afeto. — “Porque o era o Padre muy cordialmente”. (Lucena, Vida de S. Francisco Xavier, fol. 456, 2.)</p>	Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes
1890	Antonio de Moraes Silva	<p><b>CORDIAL:</b> adj. 2 g. (neste e der v. etym. de Cordiaca) De coração: v. g. amigo, amor cordial; remédio cordial: que conforta o coração. Luc. 3. 2. “consolação cordial” § Arte de Furt. Protest. “flores cordiais” (t. pharm.) são as de rosas, violas, borragens, e língua de vaca.</p> <p><b>CORDIAL:</b> s. m. Remédio que conforta o coração § Qualquer bebida que restaura as forças. § fig. Conforto: “cordiais para a alma” Ined. 2. 190.</p> <p><b>CORDIALIDADE:</b> s. f. Afeição sincera e terna; cordial afeto.</p> <p><b>CORDIALÍSSIMO(A):</b> superl. de Cordial. V. do Arc. 5. 21.</p>	Rio de Janeiro: Empreza Literária Fluminense

		<b>CORDIALMENTE:</b> adv. De coração afetosamente; com cordialidade: v. g. amar cordialmente. Arr. 4. 17. "era cordialmente devoto da Santa Virgem" Luc. 7. 18. V. do Arc. 3. 9.	
1913	Cândido de Figueiredo	<b>CORDIAL:</b> adj. Relativo ao coração. Afetuoso. Sincero, franco: agradecimento cordial. M. Bebida ou medicamento, que conforta ou fortalece. (Do lat. cor, cordis) <b>CORDIALIDADE:</b> f. Afeição sincera. Amenidade e franqueza de trato. Sinceridade. (De cordial) <b>CORDIALMENTE:</b> adv. De modo cordial	Lisboa: Livreria Clássica
1955	Atenor Nascentes	<b>CORDIAL:</b> Do lat. * <i>Cordiale</i> , de cor, coração.	Rio de Janeiro: Francisco Alves
1958	Caldas Aulete Hamilcar de Garcia Atenor Nascentes	<b>CORDIAL:</b> adj do coração.    Afetuoso, íntimo: Era... interesse de amigo cordial e ingénuo? (Ferreira de Castro, Selva, c. 11, p. 246, ed. bras.).    Peitoral, béquico; que robustece: remédio cordial.    —, s. m. qualquer bebida que restaura as forças: vinho velho é um bom cordial.    F. lat. Cor, cordis. <b>CORDIALIDADE:</b> s. f. afeição do íntimo da alma, modos afetuosos e francos de tratar alguma pessoa: "Maria Eugênia abraçou e beijou Teresinha com tensíssima cordialidade" (Alberto Pimentel, Lobo da Madragoa, II, c. 24, p. 331, ed. 1904 ).    F. Cordial. <b>CORDIALMENTE:</b> adv. afetosamente, com franqueza e cordialidade: "levantando-se foi apertar-lhe cordialmente a mão. ( Bern. Guimarães, Lendas, p. 78, 1 ed.).	Rio de Janeiro: Editora Delta S. A.
1967	José Pedro Machado	<b>CORDIAL:</b> adj. do lat. * <i>Cordiãle</i> -, "relativo ao coração". Séc. XV: "...grande embargo se segue a pureza da confissão e oração e a cordial limpeza", L.Cons., Cap. 47, p. 196.	Lisboa / Rio de Janeiro: Editorial Confluência



1986	Antônio Geraldo da Cunha	<p><b>CORDIAL:</b> adj. 2g. 'orig. relativo ao coração' 'ext. afetuoso, afável' XV. Do lat. med. <i>cordiālis</i>, de <i>cordis</i> 'coração'</p> <p><b>CORDIALidade:</b> Do lat. med. <i>cordiālitās</i> -ātis. Cp. <b>CORAÇÃO.</b></p>	Editora Nova Fronteira
------	--------------------------------	--	------------------------------

Ao analisarmos os dados expostos acima, percebe-se que a *cordialidade* foi regida por dois principais eixos semânticos, os quais estão ligados ao coração. O primeiro se referiria a um termo médico, a uma bebida, licor ou remédio que se usava para fortalecer o coração. Já o segundo eixo lexical se relaciona ao coração de uma forma figurativa, fazendo uma aproximação a bons sentimentos como afetuosidade, sinceridade e amizade, como se estes fossem guiados pelo coração.

Ao contrário do que se poderia imaginar, os verbetes *cordial* e *cordialidade* não sofreram grandes alterações de sentido ao longo dos anos. Desde o mais antigo dicionário de língua portuguesa<sup>14</sup>, o “Vocabulario Portuguez e Latino”, de autoria do padre Raphael Bluteau, publicado em 1712, o termo *cordial* já era descrito duplamente como: “Remédio para o coração” e “Amigo; O que ama de coração; Cordial amizade” (BLUTEAU, 1712, p. 547). Já na primeira aparição do termo *cordialidade* encontrada em nossa pesquisa, de 1817, ela é definida como “afeição de coração”.

Entretanto, ocorre, ao longo dos anos, uma gradual inserção de novos substantivos na definição dos verbetes *cordial* e *cordialidade*. Tal constatação mostra uma evolução e complexificação semântica ocorrida com a *cordialidade* com o passar das décadas. Ao longo das análises nos dicionários conseguimos ainda encontrar outra vertente para análise: o campo lexical que se relaciona com *cordial*. Mesmo que pertencentes a um mesmo eixo semântico amplo, é possível identificar diferentes sinônimos atribuídos ao verboete *cordial*, os quais possibilitam que novos sentidos sejam atribuídos a ele.

Nessa conjuntura, construímos uma nuvem de palavras, uma espécie de mapa que nos mostra o percentual de aparições de determinados significados e sinônimos encontrados no decorrer da análise etimológica e dicionarística dos verbetes *cordial* e *cordialidade*. Utilizando sites próprios para a criação desses

<sup>14</sup> De acordo com informações disponíveis no site da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, acessado em 28 jun. 2022. Fonte: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/008349.shtml>>.

mapas<sup>15</sup>, as palavras ganham destaque à medida que a frequência de aparições é mais acentuada, assim, quanto maior visualmente uma palavra, mais vezes foi utilizada. Para tal, estabeleceu-se numericamente quantas vezes cada palavra apareceu em nossa pesquisa e foi-se atribuindo uma escala percentual. Assim, conseguimos transpor visual e graficamente o que foi encontrado nos dicionários.

**Figura I - Nuvem de Palavras relacionadas a *Cordial***



Fonte: Infogram - (<https://www.infogram.com/>)

Fica evidente, desse modo, que, para além das definições médicas, a cordialidade se encontra inserida em um espectro de sentimentos, emoções e adjetivos que estão intrinsecamente relacionados à amizade e à sinceridade. Foi constatado, em nossa pesquisa, que os termos mais utilizados para se definir o que era ser *cordial* nos dicionários foi “remédio/licor para o coração” com 16 menções, seguido de “amigo” com 12 menções (sem contar as 4 menções à “amizade”) e “afeição” e seus derivados dos quais se dividiram em 9 menções a “afeição”, 4 a “afetosamente”, 3 para “afetuossíssimo” e 1 a “afeição terna”. Assim, é possível dizer que, etimológica e dicionaristicamente, a cordialidade buscava definir uma pessoa amiga, afetuosa e sincera.

<sup>15</sup> Nuvem de palavras criada a partir da contagem das menções dos significados encontrados nos dicionários de Língua Portuguesa. A ferramenta utilizada para a criação dessa nuvem de palavras foi o *Infogram*, um *software* de infográficos.

Mas se adotarmos outro modo de organizarmos esses dados, veremos que as transformações talvez tenham sido maiores do que à primeira vista. Vejamos o que se revela quando agrupamos cronologicamente a emergência de novos adjetivos na caracterização da cordialidade com base nos dados da tabela acima:

1712 - amigo, amor
1817 - primeira ocorrência do substantivo cordialidade: "afeição de coração"
1818 - sinceridade de afeto, consolação
1836 - desejar
1843 - "afeição terna e cordial"
1856 - fiel, ternura, franqueza
1873 - "afeição sincera e terna"
1890 - "afeição sincera e terna"
1913 - amenidade
1958 - íntimo, ingênuo "afeição do íntimo da alma, modos afetuosos e francos de tratar uma pessoa"
1967 - pureza, limpeza

É possível apontar, após essa análise mais cuidadosa, que a cordialidade na segunda metade do XIX torna-se um conceito que ajudava as pessoas a compreender as forças e virtudes que mantinham os indivíduos em sociedade, ou seja, sinceridade, afetuosidade e acolhimento. Embora mantenha-se relacionado a sua raiz etimológica central ao coração, os dicionários traduzem um trabalho delicado de refinamento conceitual em busca dos objetivos e valores mais adequados. A "afeição de coração" de 1817 foi sendo analisada, tornando-se afeição sincera, terna, amena, íntima e pura ao longo do século XX. Assim, a cordialidade é colocada como um sentimento que descreve favoravelmente a relação entre os indivíduos, sendo a ideia de sinceridade/verdade um dos seus pontos centrais, junto a ideia de afetuosidade/amor.

Já em 1958, quando surge a fórmula "afeição do íntimo da alma", talvez tenhamos o registro mais próximo da ambivalência introduzida no conceito por Sérgio Buarque de Holanda. Sendo a cordialidade uma "afeição do íntimo da alma", ela poderia também comportar afetos negativos, mesmo essa possibilidade de

leitura sendo ainda muito sutil. A cordialidade não é entendida aqui como sinônimo de sentimento em oposição à razão como sugerido por Holanda. Ao contrário, Cordialidade nos dicionários permanece como uma modalidade de sentimento dominada pela sinceridade e afetuosidade nas relações.

Nesse sentido, é possível apontar que o significado da cordialidade, assim como de outras palavras, é dinâmico e evolui com o tempo, de acordo com as transformações as quais a sociedade passa. Segundo Meillet (2016), o sentido de uma palavra advém do resultado da interação constante entre as pessoas e seus ambientes sociais, culturais e históricos. Segundo o autor:

Todas as mudanças de forma ou de emprego que as palavras sofrem contribuem indiretamente para a mudança do sentido. Quanto mais tempo uma palavra permanece associada a um grupo definido de formações, mais ela é determinada pelo valor geral do tipo, e seu significado guarda conseqüentemente certa constância. Ainda assim, se o grupo se desloca por qualquer razão, os diversos elementos que a constituem, não estando mais sustentados uns pelos outros, ficam expostos a sofrer a ação de influências diversas que tendem a modificar-lhe o sentido (MEILLET, 2016, p. 41).

Assim, como acabamos de ver na análise acima, no caso da cordialidade, essa constância de sentido se caracteriza principalmente pela noção de que ela está relacionada ao coração e às emoções como a sinceridade e afetuosidade. Ademais, Meillet afirma ainda que a língua é uma ferramenta social que os indivíduos usam para se comunicar e compartilhar seus pensamentos e ideias. Portanto, o significado das palavras muda com o ambiente social e cultural e com a forma como as pessoas usam e interpretam as palavras. Assim, para ele, a evolução dos significados das palavras é influenciada por fatores como língua, cultura, política, tecnologia e história. Em suas próprias palavras:

[...] vê-se que o valor geral das palavras é, em grande medida, um fato social, e que a generalidade do sentido de uma palavra tem, com frequência, a possibilidade de ser proporcionada pela dimensão do grupo. [...] Torna-se assim claro que o princípio essencial da mudança de sentido está na existência de grupos sociais no interior do meio em que se fala uma língua, ou seja, em um fato de estrutura social. (MEILLET, 2016, p. 75)

De tal forma, vemos que assim como descreve Meillet, a cordialidade enquanto palavra se modifica a partir das mudanças sociais que ocorrem na sociedade brasileira, as quais levaram a uma descontinuidade da transmissão do seu sentido original. Assim, o verbete que surge — quase — como um sinônimo de amizade, passa a incorporar a ideia de verdade e sinceridade, as quais, foram se tornando fundamentais para descrever e fundamentar as relações de sociabilidade.

Nesse sentido, é interessante ressaltar, todavia, que uma palavra não se torna conceito apenas com base em seus significados dicionarísticos. Na perspectiva de Koselleck, em um conceito seus significados se misturam e se integram à própria realidade e ao próprio uso prático que o conceito passa a integrar. Ou seja, um conceito se estrutura e se mistura aos usos que o acontecer histórico faz dele, sendo imprescindível para representar aquele estado de coisas que ele o integra, tornando-se indissociáveis. Nas palavras do próprio Koselleck:

Las significaciones de las palabras y lo mentado pueden pensarse de forma separada. En el concepto, la significación y lo mentado coinciden en tanto que la diversidad de la realidad histórica pasa a formar parte de la polisemia de una palabra de tal forma que aquélla sólo recibe su sentido, es comprendida, en esa palabra. Una palabra contiene posibilidades significativas, el concepto unifica en sí el conjunto de significados. Por consiguiente, un concepto puede ser claro, pero tiene que ser polisémico. (KOSELLECK, 2009, p. 102).

Podemos apontar que no caso da cordialidade, ela foi interpretada de distintas maneiras ao longo dos anos, partindo, de forma geral, dessa noção de que ela estava relacionada ao coração e, assim, à emotividade e também à saúde cardíaca. De tal maneira, sua pluralidade semântica permitiu que se criasse uma ambiguidade interpretativa e que ela fosse apropriada pelo discurso do “homem cordial”, dessa figura regida pelas emoções, a qual supostamente estaria presente nas relações sociais brasileiras e, por conseguinte, ela fosse se tornando parte desse imaginário do homem brasileiro singular.

Assim, ao ser empregada historiograficamente como uma característica exclusiva do brasileiro, a cordialidade possibilitou que um grande debate historiográfico fosse desenvolvido acerca do que é ser cordial. Afinal, ser cordial significaria ser bom, ser amigo? Ou ser cordial seria agir com o coração, se guiar pelas emoções tanto boas quanto negativas? Ou ainda — e principalmente — o

brasileiro conseguiria ser cordial? A nossa sociedade poderia ser resumida à cordialidade?

Independente de qual exatamente seja a resposta para tais questões, a cordialidade, caracterizada por sua pluralidade semântica, se complexificou e ganhou caráter histórico-social à medida que sua definição relacionada aos sentimentos foi se sobrepondo à definição médica e, de tal modo, passou a ser utilizada para se caracterizar o brasileiro. Assim, a cordialidade foi se constituindo enquanto conceito a partir dessa indissociação entre as interpretações que buscavam representar linguística e socialmente o brasileiro e, ao mesmo tempo, estruturar essa “atitude de disponibilidade sentimental” (COUTO, 1932, p. 169) supostamente inerente à nossa brasilidade, que passou a ser representada através do conceito de cordialidade.

### **3.2. O que é ser cordial? Usos da palavra 'cordialidade' no debate público e buscas por uma identificação nacional**

Muito além das definições dicionarísticas, a cordialidade se disseminou e se enraizou no vocabulário brasileiro, utilizada tanto para retratar socialmente o homem brasileiro, quanto em situações mais cotidianas como, por exemplo, uma forma de saudação e/ou se fazer um elogio.

Partindo de tal pluralidade semântica, se faz necessário identificarmos também como a cordialidade era empregada pelos meios de comunicação para podermos, assim, compreender como ela foi apresentada à população e como esse processo de caracterização social foi sendo construído, bem como as transformações ocorridas com o conceito. Assim, quando analisamos artigos publicados na imprensa brasileira ao longo da década de 1930, conseguimos fazer uma espécie de mapa da cordialidade, contrapondo seus usos corriqueiros com as mudanças ocorridas com o conceito após seu uso historiográfico e sociológico. Além de conseguirmos ter um breve panorama das questões identitárias que permeavam a sociedade brasileira daquela época.

Ao se comparar com as duas décadas anteriores (1920 e 1910), percebemos que ocorreu um aumento de 271% no número de aparições em jornais da expressão “homem cordial” ao longo da década de 1930. Em 1910 e 1920, foram

respectivamente encontradas 6 e 1 aparições, já em 1930, essas aparições chegaram a 26. Já em relação à cordialidade, houve um aumento de 39% das aparições se compararmos a década de 1930 (que contava com 51.775 aparições) com a década de 1920 (que contava com 28.567 aparições). O que nos indica um visível crescimento na utilização dos termos. Além do aumento numérico ocorrido a partir de 1930, conseguimos perceber ainda uma mudança no sentido dado ao homem cordial. Nos jornais publicados nas décadas de 1910 e 1920 “homem cordial” não era, majoritariamente, utilizado como uma expressão única, mas utilizado quase como palavras separadas, em que cordial era tratado como um adjetivo utilizado junto a outros para se referir a boas características de determinado sujeito.

Vale esclarecer, no entanto, que, ao fazermos essa análise da expressão “homem cordial”, não pretendemos tratá-la como um sinônimo de cordialidade. Todavia, é inegável que a categoria homem cordial se apresenta fundamental para a compreensão do conceito, visto que ele foi se tornando uma espécie de personificação da cordialidade, emergindo dotado de características as quais fazem parte do campo lexical e que são atribuídas ao conceito de cordialidade. Assim, nos auxilia a entender como foi sendo construída a ideia da cordialidade enquanto conceito histórico social que passou a ser utilizado como uma das formas de representar socialmente o brasileiro.

Nesse sentido, dos 21 textos encontrados nos jornais brasileiros ao longo da década de 1930 e que traziam em suas páginas a expressão “homem cordial”, 2 estavam repetidos, 6 tratavam-se de usos da expressão para se caracterizar a sociedade brasileira, 8 referiam-se a resenhas ou comentários sobre Raízes do Brasil, e o último grupo, com 5 textos, utilizava cordialidade como característica individual de uma pessoa. O interessante de tal constatação é que conseguimos perceber como a cordialidade já se apresenta, desde o início da década de 1930, de forma plural, abarcando desde uma caracterização individual até uma representação social do brasileiro.

No texto encontrado na revista Boletim de Ariel (RJ) de 1939, “homem cordial” aparece não como expressão historiográfica a qual designa às características do povo brasileiro, assim como habitamos a lê-la na historiografia brasileira. Aqui, diferentemente, cordial é utilizado como um adjetivo que descrevia positiva e exclusivamente o protagonista do enredo da coluna do jornal.

Com uma manchete intitulada: “Notícia de Gastão Cruls”, o artigo datado de janeiro de 1939 traz ao público uma pequena resenha do novo livro de Gastão Cruls: “História puxa História”. A referida resenha, trazidas às páginas do Boletim de Ariel, foi supostamente escrita por um grande amigo do escritor (como o próprio autor se intitula) e este, de tal maneira, não mede elogios tanto ao enredo da história resenhada quanto a Cruls que, dentre outros adjetivos, é retratado como “homem cordial”.

Assim, ao descrever Cruls como “homem cordial que sabe dar de si todos os requintes de gentileza” (1939, p.102), é possível identificarmos uma aproximação no que tange ao entendimento do que é ser cordial e ser gentil, além de conseguirmos perceber também certa semelhança entre a caracterização atribuída a Cruls com a descrição de Ribeiro Couto acerca do homem cordial como aquele possuidor de uma “atitude de disponibilidade sentimental” (COUTO, 1932, p. 169). Contudo, diferentemente de Couto, sua utilização aqui não se referia a uma característica social do brasileiro, mas, ao contrário, à individualidade de Cruls.

Para além deste, não era incomum essa utilização da cordialidade ou até mesmo a expressão “homem cordial” para se designar a aspectos positivos de determinado sujeito. Ao contrário, ao longo da imersão no estudo do conceito de cordialidade, conseguimos evidenciar inúmeros exemplos semelhantes.

No pequeno artigo publicado no Jornal “Diário Carioca” (RJ), a expressão “homem cordial” aparece como forma de se elogiar a figura de Raphael Xavier, em uma notícia acerca da instauração e das mudanças ocorridas no Departamento Administrativo do Serviço Público — D.A.S.P. O artigo, datado de 4 de dezembro de 1938 inicia-se noticiando — e criticando — o funcionamento do então recente Departamento Administrativo do Serviço Público, criado durante o governo Getúlio Vargas com o intuito de se fazer uma reforma administrativa no país.

O autor deixa claro sua insatisfação com o novo órgão público, sua burocracia e, principalmente, com o seu comando. Em sua concepção, o cargo deveria ficar à disposição de Raphael Xavier que, segundo ele, era um “homem cordial e sem vaidades, que a todos acolhe e ouve atenciosamente” (1938, p. 6). Em tal trecho fica, mais uma vez, nítida a conotação benéfica designada à cordialidade.

Conseguimos perceber, em tal descrição, alguns espectros do conceito em seu uso corriqueiro, ao qual a palavra é empregada levando-se em consideração seu significado lexical, não alargando sua carga interpretativa para campos



historiográficos, sociais, e/ou políticos, além de indicar uma possível dificuldade da população em adaptar-se a uma administração pública moderna, que se oriente por procedimentos burocráticos e racionais e não mais por “relações pessoais”. Pode-se evidenciar, também, que a concepção virtuosa atribuída à cordialidade se reforça pela insinuação de que o sujeito cordial não teria vaidades e seria receptivo e acolhedor.

Já no jornal *Gazeta de Paraopeba* (MG), cordialidade surge em uma notícia sobre o aniversário do então presidente da república Getúlio Vargas. O texto datado de 3 de maio de 1936 aborda de forma simples a expressão homem cordial; onde ela é utilizada, novamente, como meio de demonstrar virtude. O texto se desenrola elogiando a postura de Getúlio Vargas ao chegar à presidência da república que, segundo o autor da notícia, “permanece o mesmo homem cordial e simples que brilhantemente se distinguira na Câmara Federal e se afirmara na governação do Rio Grande do sul.” (1936, p.1) A simplicidade aqui parece remeter a valores como verdade, ingenuidade, intimidade, sinceridade e franqueza, os quais apontamos no campos semântico da cordialidade, sendo, de certo modo, oposto à artificioso, superficial e falso. Assim, a simplicidade do presidente seria um símbolo da sinceridade de suas intenções; da transparência de seu interior que se deixa ver em seus gestos.

Tal trecho revela ainda outro aspecto da utilização da expressão que, diferentemente do que trouxe Ribeiro Couto em seu pioneiro texto, não é empregada aqui para referir-se ao cidadão simples com suas “pequeninas insignificâncias da vida de todos os dias” (COUTO, 1932, p.169), mas, ao contrário, é utilizada para caracterizar o então presidente da república. O que indica também um traço desse modo de vida que supostamente aceita a aproximação, visto que apesar de presidente, Vargas continuava próximo, disponível.

Para além dos usos cotidianos como forma de caracterização individual dos sujeitos, encontramos o “homem cordial” representado também de outras formas. O primeiro deles deu-se através do formato de poema. Intitulado: “Versos à Paz”, o poema publicado nas páginas do jornal “*Gazeta de Notícias* (RJ)” faz uma espécie de oração à paz.

No texto datado a 21 de maio de 1939, a autora, que assina apenas como “Maria Isabel”, faz uma descrição da formação da América e expõe, de forma sutil, como a sociedade entende a noção de progresso e futuro. Ela discorre que há

também uma ideia de que encontraremos a paz [na América] quando o “novo edifício de civilização” for concluído e, desse modo, a América se tornará “ímpar, suprema, a mole gigantesca do sereno torrão do ‘Homem Cordial’”. (ISABEL, 1939, p. 10)<sup>16</sup>

É possível apontarmos que em seu poema Maria Isabel se utiliza da expressão como uma referência ao texto de 1932 de Ribeiro Couto por dois principais motivos: pelas aspas utilizadas referindo-se a uma expressão emprestada e pela utilização de homem cordial como o típico cidadão americano. Além destes, a data de publicação de seu texto, sete anos após a publicação de Couto, também permitiria que ela, provavelmente, tivesse tido acesso ao seu escrito.

O interessante desse poema é que ele faz uma ligação entre o “homem cordial” e a noção de civilização na América. Mas, diferentemente do que estamos habituados pelas leituras de Sérgio Buarque de Holanda, aqui é possível dizer que Maria Isabel coloca a América como a capaz de traçar uma civilização baseada na paz, uma vez que seríamos a terra do homem cordial. Em um contexto de tensão de guerra, esses “Versos à paz” podem ser interpretados como uma comparação feita pela autora entre a civilização americana e europeia, em que o homem cordial nos daria uma vantagem nessa busca pela paz.

Assim, a noção de cordialidade presente no poema se mostra tanto próxima ao seu significado etimológico, quanto se aproxima desse imaginário do homem latino-americano como possuidor de características singulares, as quais nos diferenciariam do restante do mundo: acolhedor, pacífico e sincero.

Já outro caso encontrado nesta breve investigação dos usos mais cotidianos da expressão “homem cordial”, se deu no texto de Rodrigo Octavio intitulado: “Voando pelo Amazonas: sobre um livro de Luis Eduardo Nieto Cabalero”. No texto publicado no “Jornal do Comércio” (RJ) em 20 de maio de 1934, o autor faz uma pequena indicação de leitura e elenca alguns dos motivos pelos quais, para ele, os leitores deveriam conhecer o livro de Cabalero, o qual narra uma viagem feita pelo escritor ao Amazonas.

Em seu texto, a expressão “homem cordial” surge, em uma passagem do próprio livro de Cabalero e refere-se ao Comandante Lemos Bastos, o qual era membro brasileiro em uma pequena comissão formada entre representantes brasileiro, colombiano e peruano que tinha como objetivo, segundo o site da

---

<sup>16</sup> O texto completo pode ser encontrado nos anexos da dissertação.

Fundação Getúlio Vargas, resolver o conflito que disputava o território da cidade de Letícia, fronteira entre os três países.

Caracterizado como: “homem cordial, bravo, de fina cultura, [e] discreto como qualquer bom diplomata da terra de Rio Branco...” (OCTAVIO, 1934, p. 5), vemos novamente como a expressão era usualmente relacionada a características positivas, o que pode revelar — talvez — uma aproximação maior ao significado da palavra “cordial” trazido pelos dicionários, o que nos revela ainda uma grande predominância das estruturas lexicais, onde o conceito se apresenta mais próximo a sua etimologia do que a outros fatores extraconceituais.

Vale ressaltar que, neste período, o Brasil atravessava um processo de transformação social que vinha decorrente do “projeto estético e do projeto ideológico do modernismo” (PEREIRA, et. al. 2018), cujo objetivo era constituir uma identidade brasileira; numa busca pela consolidação de uma coesão social que representasse o Brasil enquanto nação.

No Brasil, a busca por uma identidade nacional teve início no período colonial, quando os portugueses estabeleceram um sistema que explorava tanto economicamente quanto culturalmente o país, deixando marcas profundas na sociedade brasileira. A diversidade étnica e cultural do Brasil, resultado da miscigenação entre europeus, africanos e indígenas, tornou ainda mais complexa a definição da identidade nacional.

Com a independência do Brasil em 1822, durante o século XIX, intensificou-se a busca pela identidade nacional. Um dos principais objetivos dos intelectuais da época era criar uma cultura nacional que pudesse unificar o país e torná-lo independente da influência estrangeira. Movimentos como o Romantismo, que valorizou a cultura brasileira e a natureza exuberante do país, e o Indianismo, que retratou os povos indígenas como símbolos da brasilidade, surgiram nesse período.

Ao longo do século XX, a busca pela identidade nacional continuou sendo um tema importante na cultura brasileira, influenciando movimentos artísticos como o Modernismo, que valorizou a diversidade cultural do país e questionou as tradições estabelecidas, e a Tropicália, que fundiu elementos da cultura brasileira com a música pop e a cultura de massa.

Assim, no campo da literatura, o século XX foi marcado por tentativas de unificação de elementos culturais os quais pudessem representar uma suposta brasilidade que unisse a essência brasileira em toda extensão do território nacional e

suas diferentes formas de ocupação, resultando em uma diversidade de manifestações culturais regionais. Segundo Eduardo Jardim (2017), “a introdução da questão da brasilidade no modernismo, em 1924, suscitou um intenso debate sobre como conceber a entidade nacional.” O que estimulou uma disputa por narrativas que consolidassem tal pensamento. Ainda conforme Jardim, na literatura:

Duas principais vertentes se opuseram. A primeira, representada por Mário de Andrade, defendia uma apreensão analítica da brasilidade. Esta, por sua vez, era identificada à “coisa folclórica”. Para se chegar à definição da brasilidade era preciso fazer o levantamento e a análise dos elementos contidos na cultura popular. [...] Em outra direção estão o grupo verde-amarelista, liderado por Plínio Salgado, e a Antropofagia de Oswald de Andrade. (JARDIM, 2017, p. 7)

Assim, impulsionados pelo movimento modernista, ganhava força, tanto no âmbito intelectual e historiográfico, quanto nos meios de comunicação e nos usos corriqueiros, uma busca e ênfase em determinadas características as quais supostamente representariam o povo brasileiro. Em meio a este cenário, o conceito de cordialidade se introduz no debate, como uma possível forma de representar essa brasilidade, disputando espaço na esfera lexical, interpretativa e representativa de tal nacionalidade, seja através de obras como *Raízes do Brasil*, ou até mesmo, em suas aparições corriqueiras em textos de jornais.

Todavia, a questão aqui não é fazer uma diferenciação entre usos eruditos e corriqueiros, tão pouco enumerar, ranquear ou hierarquizar a utilização da cordialidade e seus derivados. O que buscamos, foi mostrar outra faceta em que se é possível fazer uma análise que abarque as definições atribuídas a cordialidade para além daquelas contidas nos textos historiográficos e eruditos em geral e mostrar essa diversidade de experiências e “realidades” que estão presentes e tentam ser retratadas por ela.

Assim, a partir de tais leituras, evidenciamos que a cordialidade é utilizada aqui, majoritariamente, seguindo a definição dicionarística que se refere ao coração enquanto aquele relacionado a sentimentos como a amizade, afabilidade, sinceridade e verdade, deixando de lado sua acepção médica. Todavia, mesmo que apresentada de tal forma, é possível identificarmos sua pluralidade semântica e sua capacidade de se adaptar às diferentes representações.

A ideia, ao trazer alguns destes casos, foi mostrar o quão abrangente foi a construção do conceito de *cordialidade*. Conseguimos evidenciar, ao longo destas passagens, que, assim como a definição intelectual dada a cordialidade, seu uso corriqueiro também não era algo fechado em si. E, acima de tudo, conseguimos vislumbrar outra perspectiva que atravessava o uso da palavra cordialidade a qual estava presente na sociedade brasileira e que não estava necessariamente embasada nas discussões acadêmicas.

Em suma, evidenciamos que a cordialidade nem sempre foi utilizada para se fazer uma caracterização social do brasileiro. Ao contrário, esse aspecto histórico social foi lhe sendo atribuído à medida que a sociedade se transformou e a historiografia a deu novos sentidos, fazendo com que ela representasse, dentro de seu campo lexical, características que eram tidas como traços da cultura brasileira. Assim, a cordialidade passou a estruturar linguisticamente a experiência do que é ser esse “homem cordial” latino-americano.

### **3.3. Análise quantitativa da cordialidade na imprensa periódica no século XX**

Um fator importante, quando analisamos a emergência de um conceito, é sua capacidade de se expandir e de se enraizar no vocabulário de determinada sociedade. Vimos que no caso da cordialidade o conceito passou não só por uma expansão lexical, como também por uma disputa por significados. Quando analisamos esta expansão a partir de textos publicados na imprensa periódica ao longo do século XX, conseguimos evidenciar que o verbete *cordialidade* cresce à medida que seus significados vão sendo incorporados pela sociedade para se fazer uma caracterização do homem brasileiro, até se complexificar e chegar ao patamar de conceito histórico-social.

De tal maneira, se faz necessário investigarmos esse processo de expansão e enraizamento do verbete cordialidade no vocabulário cotidiano brasileiro. Assim, é possível, através de uma análise quantitativa, mapearmos a linha de tendência<sup>17</sup> de

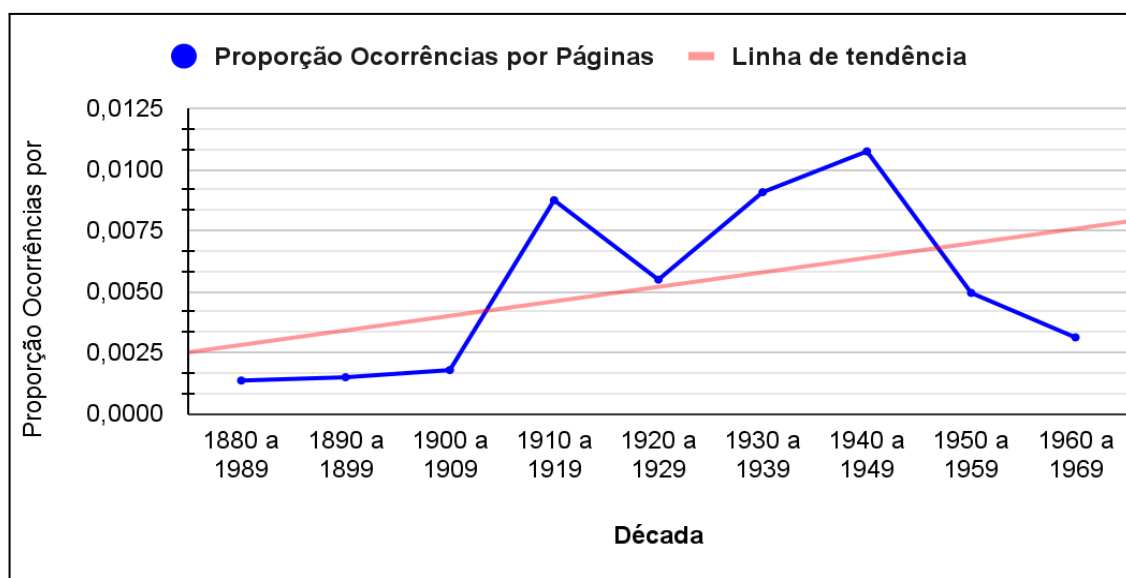
---

<sup>17</sup> Uma linha de tendência é uma ferramenta bastante utilizada para identificar a direção geral de um conjunto de dados ao longo do tempo. Essa técnica consiste em conectar os pontos de dados com uma linha, de acordo com a tendência geral dos dados, permitindo visualizar a tendência de crescimento ou queda de determinado dado. A linha de tendência é especialmente útil para analisar conjuntos de dados com muita variação e também para visualizar a direção e a força da tendência do

crescimento da *cordialidade* por meio de artigos em jornais que circularam entre 1880 a 1969. Para fazermos tal mapeamento, foi necessário, primeiramente, identificarmos a quantidade de ocorrências dos termos nos artigos em cada década e depois dividi-los pelo número de páginas de jornais totais, para que consigamos chegar assim, na proporção de ocorrências por páginas do verbete. O que faremos, em última instância, é analisar quantas vezes *cordialidade* aparece em determinada década e depois dividir esse número de ocorrências pela quantidade de páginas de jornais disponíveis nessa mesma década. Assim, repetindo o processo em todas os períodos, conseguimos mapear sua evolução ao longo dos anos. Para isso, utilizamos novamente o acervo da Hemeroteca Digital para verificarmos os jornais disponíveis, bem como o número de ocorrências de *cordialidade* e o número de páginas de cada um<sup>18</sup>.

Dessa forma, inicialmente chegamos aos seguintes dados:

**GRÁFICO I - Proporção de Ocorrências por Páginas de Cordialidade nos Jornais Brasileiros Entre 1880 a 1969**



conjunto de dados. Assim, através dela também é possível fazermos previsões futuras com base na média de comportamento dos dados, facilitando a análise e interpretação dos resultados.

Ao aplicar a técnica de linha de tendência, é importante considerar que, em alguns casos, mesmo que os dados estejam caindo, a linha de tendência pode continuar subindo se as quedas forem menores do que as subidas anteriores. Nesse caso, a tendência geral ainda é de alta, mesmo que haja variações pontuais no conjunto de dados. É por isso que é importante analisar a tendência geral e não se basear apenas em pontos isolados do conjunto de dados.

<sup>18</sup> Os números de páginas dos jornais de cada década estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - RJ, junto aos demais dados analisados.

A partir dos dados representados no gráfico acima, conseguimos fazer algumas observações. A primeira delas é que entre as décadas de 1910 a 1940 houve o maior crescimento proporcional do verbete *cordialidade*. Isso nos sugere, de acordo com o que vimos sobre a evolução das palavras segundo Meillet (2016), que o uso de uma palavra é influenciado por fatores como o contexto histórico, cultural e social em que são usadas. Assim, vale ressaltar que, neste período, o Brasil passava por uma transformação social e por uma busca por identidade nacional. De tal forma, a palavra *cordialidade* (que surge — quase — como um sinônimo de sentimentos do coração) passa também por mudanças e incorpora em sua definição a caracterização de uma suposta essência brasileira. É neste período ainda que os textos de Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda são escritos, dando força a essa tendência e influenciando essa caracterização brasileira através da *cordialidade*.

Além disso, Meillet argumenta que o crescimento do uso de uma palavra pode resultar em sua diversificação semântica, com diferentes sentidos adquiridos ao longo do tempo. Ele acredita que esse processo é uma parte natural da evolução das línguas, e que é fundamental para compreender a dinâmica da linguagem e da sociedade. Assim, podemos sugerir que, no caso do verbete *cordialidade*, tal crescimento se deve à mudança de sentido e aos novos significados atribuídos a sua definição que ocorreram — principalmente — entre 1910 a 1940.

É possível identificarmos ainda que, mesmo que a partir da década de 1950 ocorra uma queda — a qual uma das razões possíveis seria a diminuição do número de acervos disponíveis, bem como a falta do acervo de importantes jornais — de forma geral, a linha de tendência do gráfico nos mostra claramente como o verbete teve um crescimento contínuo e, assim, foi se expandindo com o passar das décadas.

Para além do crescimento em números absolutos, evidenciamos ainda que essa tendência de crescimento do verbete *cordialidade* se manteve quando analisamos a proporção de ocorrências por páginas. Observamos, por exemplo, que da década de 1910 a década de 1920, houve um aumento de 66,67% das ocorrências. Já se compararmos esse número com a década de 1940, esse

crescimento chega a 114,84%. Com a tabela abaixo conseguimos visualizar melhor esses dados.

**TABELA II - Proporção de Ocorrências por Páginas de *Cordialidade* nos Jornais Brasileiros entre 1880 a 1969**

<b>Cordialidade</b>					
<b>Década</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Número de Páginas Totais Consultadas</b>	<b>Número de acervos consultados</b>	<b>Número de Periódicos que aparecem</b>	<b>Proporção Ocorrências por Páginas</b>
<b>1880 a 1889</b>	3.556	2.635.130	1.589	261	0,00134945904
<b>1890 a 1899</b>	4.485	3.023.240	1.365	254	0,00148350776
<b>1900 a 1909</b>	6.931	3.897.436	903	240	0,00177834863
<b>1910 a 1919</b>	37.248	4.262.003	905	373	0,00873955274
<b>1920 a 1929</b>	28.567	5.208.654	780	361	0,00548452632
<b>1930 a 1939</b>	51.775	5.709.915	647	324	0,00906756055
<b>1940 a 1949</b>	64.297	5.985.472	393	306	0,01074217706
<b>1950 a 1959</b>	33.089	6.698.281	380	240	0,00493992413
<b>1960 a 1969</b>	17.545	5.628.847	268	159	0,003116979374

A partir de tais dados, conseguimos evidenciar ainda o quão presente a palavra cordialidade estava na sociedade brasileira, principalmente, durante a década de 1940, onde observamos que de 393 jornais disponíveis, em 306 destes havia ao menos uma menção à *Cordialidade*. É interessante notarmos também que o maior crescimento proporcional, ocorre entre a década de 1900 à década de 1910, passando de 6 mil ocorrências à 37 mil, o que nos revela ainda, que esse



crescimento da palavra cordialidade já estava ocorrendo socialmente, mesmo antes de seus usos intelectuais e historiográficos.

Assim, é possível apontarmos, a partir das análises semânticas e quantitativas, que a *cordialidade* sempre esteve presente no vocabulário brasileiro. Entretanto, em seus primórdios ela surge como uma palavra e, ao decorrer das décadas, passa por um processo dinâmico de expansão e de mudanças de sentido, os quais estavam diretamente relacionados às diversas transformações ocorridas com a sociedade brasileira, tais como a linguagem, a cultura, a política e a economia. De tal forma, a cordialidade, que surge popularmente como uma descrição informal de uma característica positiva, como a gentileza ou a simpatia; em determinado momento, a partir de seu uso para representar socialmente a identidade brasileira, ganha conotações sociopolíticas, se tornando parte de uma discussão mais ampla sobre as normas sociais e os valores culturais do Brasil.

Em suma, o que tentamos mostrar com tais dados foi como ocorreu esse processo de evolução semântica e os índices de utilização da palavra, abrindo possibilidades para a compreensão da cordialidade para além do seu estigma de ser uma mera palavra utilizada por Sérgio Buarque de Holanda, a qual teve destaque no cenário social brasileiro apenas entre meados do século XX. Ao contrário, o que almejamos foi explorar a diversidade de significados, bem como o alargamento semântico e do emprego da cordialidade ao longo dos anos, os quais foram fundamentais para que ela se expandisse ainda mais e se consolidasse como conceito histórico-social, que foi usado para entender e explicar tendências sociais, mudanças culturais e relações interpessoais da história e da sociedade brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da imersão no estudo da História dos Conceitos, conseguimos compreender que a principal característica de um conceito é conseguir, a partir de sua pluralidade semântica, extrapolar o campo linguístico e estruturar um conjunto de experiências sociais e que não podem ser compreendidas senão através daquele conceito que o descreve. Ou seja, um conceito é, ao mesmo tempo, a descrição de uma experiência e também a própria realidade experienciada por aquele fenômeno que ele estrutura. Um conceito se torna mais que uma simples definição, ele faz parte da própria realidade.

Um conceito pode ser definido como a representação do acontecer que se estabelece para além da língua, em uma relação entre fato linguístico e realidade concreta. Segundo Koselleck (2020), um conceito precisaria ainda, para ser caracterizado como tal, ser fundamental para a percepção da realidade histórica. Para ele, um conceito é imprescindível para a compreensão dos estados das coisas, sob o qual as estruturas baseariam nossas ações. Assim, é possível apontar que um conceito histórico-social é utilizado para representar linguisticamente e estruturar o acontecer histórico, o qual se modifica e se amplia conforme a realidade em que estão inseridos, se adaptando às novas realidades e aos novos significados sociais.

Diante disso, quando adentramos no estudo do debate historiográfico no Brasil a partir da década de 1930, nos deparamos com essa forma de representar e estruturar os acontecimentos históricos através do conceito de cordialidade, quando este passa a representar a experiência do que seria — em alguma medida — ser brasileiro.

Ao longo desta pesquisa, trabalhamos com a hipótese de que a emergência do conceito de cordialidade nos anos 30 condensou um conjunto de experiências históricas que se enraizaram em nossa sociedade e passou a ser uma das estruturas de experiência e representação do ser brasileiro. Evidenciamos, ao longo do percurso, como a palavra cordialidade deixa de pertencer apenas ao vocabulário das boas maneiras e da sociabilidade e se torna um conceito de amplitude sociológica de caracterização do homem brasileiro e, em alguma medida, do homem latino-americano.

Pode-se concluir que a cordialidade enquanto conceito está embasada em uma significação histórico-social cujo objetivo era caracterizar o homem americano,

o qual se tornou primordial para a compreensão da historiografia brasileira. Além de ter-se amplamente disseminado no vocabulário cotidiano brasileiro, ganhando múltiplas significações e se tornando herança comum à sociedade e ocupando o imaginário intelectual acerca da identidade nacional.

Todavia, ao longo do nosso mapeamento, vimos que em seus primórdios, a cordialidade não pode ser tomada como um conceito histórico-social. Desde os mais antigos dicionários de Língua Portuguesa, a cordialidade foi regida por dois principais eixos semânticos, os quais estavam ligados à noção de coração, mas estes não extrapolavam o campo linguístico. O primeiro se referiria a um termo médico, a uma bebida, licor ou remédio que se usava para fortalecer o coração. Já o segundo se relacionava ao coração de forma figurativa, fazendo uma aproximação a bons sentimentos como afetuosidade, sinceridade e amizade, como se estes fossem guiados pelo coração. Nesse sentido, a cordialidade era, ainda, apenas uma palavra que descrevia uma bebida para o coração ou uma pessoa afetuosa.

Já em meados do século XIX, o sentido figurado parece ter se consolidado como o principal na lexicografia, uma vez que se estabiliza uma fórmula para sua definição, onde a palavra original "cordial" perde espaço para o neologismo "cordialidade", claramente situado no campo da descrição das relações humanas. Nesse sentido, a partir da noção de finitude, trabalhada por Koselleck, em que ele propõe quatro pares conceituais que revelariam a estrutura que possibilitaria o acontecer histórico: amigo/inimigo, homem/mulher, mestre/escravo e dentro/fora, é possível apontar que a centralidade da amizade e da sinceridade na definição de cordialidade a coloca decididamente no campo ético-político, uma vez que esta passa a delinear um "espaço histórico" no qual as experiências humanas se desenvolvem e as relações entre os indivíduos acontecem.

Algumas décadas depois a cordialidade adentrou o debate social e historiográfico e foi utilizada, a partir de sua pluralidade semântica, como uma forma de representação histórico-social do brasileiro enquanto aquele regido pelos sentimentos — movido pelas ações guiadas pelo coração. Desse modo, o deslocamento semântico que ocorreu em meados do século XIX tem sua estabilização lexical e a cordialidade torna-se então um conceito em disputa, marcado por polêmicas sobre o seu real significado.

A princípio, no texto de Ribeiro Couto e ao longo da 1.<sup>a</sup> edição de *Raízes do Brasil*, a cordialidade era compreendida — quase — como um adjetivo usado para

se fazer uma caracterização virtuosa dos indivíduos. Assim, ela se apresentava mais próxima à etimologia do que aos fatores extraconceituais aos quais ela passaria a representar a partir de então.

Posteriormente, a cordialidade se disseminou no debate público e já na segunda edição de *Raízes do Brasil*, em 1948, passou a englobar também aspectos mais negativos, vista como “herança indesejável” e como impasse à modernização do país. Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1948), a cordialidade não significaria apenas bons modos e, para ele, a inimizade, por exemplo, poderia ser tão cordial quanto a amizade, dado que ambas seriam frutos dos atos do coração. Entretanto, como já vimos em nossa análise da história lexical do conceito, a ideia de amizade estava no centro de sua acepção semântica. Assim, diferentemente do que defende Holanda, a cordialidade não englobaria todo e qualquer sentimento. Ao contrário, a tradição reservava ao coração os sentimentos profundos e verdadeiros, característicos da intimidade, sentimentos os quais solidificam a solidariedade humana.

Para além dos debates intelectuais e sociais acerca da cordialidade que se intensificaram a partir da década de 1930, vimos que ainda hoje o conceito de cordialidade é amplamente revisitado e utilizado em diversos cenários e sob diferentes óticas de análise. Concordemos ou não com a premissa de que o brasileiro é cordial, é inegável que o debate que o envolve ultrapassou os campos meramente linguísticos e chegou até mesmo no singular discurso que temos um “jeitinho brasileiro” único de viver, tornando-se uma espécie de herança comum à sociedade.

Assim, a cordialidade, como todo conceito histórico-social, possui caráter polissêmico, o qual extrapola o campo linguístico, se enraizando à realidade social a qual faz parte. De tal modo, ela foi, ao longo dos anos, interpretada de inúmeras formas, entendida tanto como uma característica positiva do brasileiro, quanto como um empecilho à modernização do país. Todavia, é consenso que a cordialidade brasileira está relacionada aos sentimentos, às ações guiadas pela amizade e intimidade, seja esta uma característica positiva ou negativa, utilizada tanto para enaltecer as virtudes, quanto para justificar as imperfeições do “homem brasileiro”. Nessa perspectiva, ao analisarmos tal dualidade, nos deparamos com a importante tese de Koselleck de que mesmo que cada conceito possa ter uma multiplicidade de significados em si mesmo que se adequem à realidade [mutável], existe ainda a

utilização da semântica como método científico de compreendê-las. Isto é, o caráter polissêmico dos conceitos ampliam suas possibilidades de análise, ultrapassando o campo de estudo dos conteúdos históricos empíricos.

Vimos ainda que, para Sérgio Buarque de Holanda (1936), para além de uma definição, em detrimento de um sistema enraizado em nossa sociedade, a cordialidade estaria presente em todas as esferas da sociedade brasileira. No comércio, na relação de amizade entre vendedor e cliente; na religião, no contato íntimo com os santos; na linguística, o emprego do diminutivo como forma de aproximação dos objetos; por exemplo. A cordialidade brasileira estaria, então, tão intrinsecamente presente nos indivíduos que não seria possível dissociar a realidade experienciada pelo conceito e a forma como ele define essa experiência do que seria ser brasileiro. De tal forma, a cordialidade se mostraria presente na sociedade brasileira e se torna fundamental não apenas para descrevê-la, mas também para experienciá-la socialmente.

Nesse sentido é preciso que entendamos que a principal diferença entre uma palavra é um conceito, segundo o próprio Koselleck é que:

El significado de una palabra está referido siempre a lo significado, sea un pensamiento o una cosa. De este modo es verdad que el significado está unido a la palabra, pero también se alimenta del pensamiento, del contexto escrito o hablado, de la situación social. Una palabra puede llegar a ser unívoca porque es polisémica. Por el contrario, un concepto debe conservar su equivocidad a fin de poder ser concepto. Es verdad que el concepto está unido a la palabra, pero al mismo tiempo es más que la palabra. Una palabra se convierte en concepto — según nuestro método — cuando el conjunto de un contexto de significados sociopolítico en el que, y para el que, se utiliza una palabra entra todo él a formar parte de esa palabra. (KOSELLECK, 2009, p. 101).

Assim, é possível dizer que a cordialidade não nasce como um conceito, mas passa por um processo de ampliação da expressão “homem cordial” de um simples termo presente no vocabulário cotidiano brasileiro para se definir um indivíduo até sua consolidação enquanto conceito histórico-social, a medida em que foi se tornando um instrumento de experimentação e descrição da realidade social brasileira. Ao longo do seu percurso, o conceito de cordialidade buscou representar, em alguma medida, linguística e socialmente o que é ser brasileiro; a cordialidade engloba — quase — uma questão de pertencimento.

Ao analisarmos a construção linguística da cordialidade, conseguimos ter ainda uma breve percepção da amplitude de significados que foram designados a ela e como este conceito marcou a historiografia brasileira desde a primeira metade do século XX. Assim, a história dos conceitos se tornou ferramenta indispensável para analisar a construção histórica da cordialidade, onde foi possível evidenciar essa diversidade de experiências e “realidades” que estão presentes e que tentam ser retratadas no conceito. Foi também através da história dos conceitos que se tornou possível compreender as mudanças históricas do conceito de cordialidade no plano da linguagem, através de um aprofundamento semântico.

Desse modo, é importante ressaltar também que o emprego do léxico enquanto ferramenta de investigação se torna primordial no estudo da cordialidade, dado que ela é analisada aqui como um conceito repleto de significados, os quais se transformaram e se adaptaram aos diferentes contextos políticos e sociais. Mas, para além da polissemia e da adaptação à realidade ao qual faz parte, o conceito de cordialidade buscou ainda expressar linguisticamente o que era ser brasileiro, tornando-se assim um conceito histórico fundamental para a representação historiográfica da realidade social brasileira.

Em suma, ao investigar a história conceitual da cordialidade, conseguimos vislumbrar como sua representação linguística foi construída a partir de um conjunto de significações distintas as quais foram atribuídas ao cidadão brasileiro e que, simultaneamente, estavam presentes na definição da cordialidade em si e, neste percurso, foi incorporando aspectos sociais e políticos, evoluindo para o patamar de conceito histórico-social. Assim, pode-se dizer que a cordialidade se tornou um conceito à medida que circunstâncias político-sociais se agregaram a ela e sua significação extrapolou os planos linguísticos e ela retratou a realidade no decorrer deste processo de caracterização social.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

- **Fontes:**

BIBLIOGRAPHIA. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, Ano 1936, Edição 28, 1 de Novembro de 1936;

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário português e latino**. 8 vols. Lisboa, Portugal: Oficina da Música, Coimbra, Portugal: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, Lisboa, Portugal: Oficina de José António da Silva, Lisboa, Portugal: Oficina de Pascoal da Silva, 1712-1728;

BLUTEAU, Rafael. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Acrescentado por Antonio de Moraes Silva, 1ª ed. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789;

CAMARA, Helder. Raízes do Brasil?. **A Razão: Independente, Politico e Noticioso (CE)**, Fortaleza, ano 1937, nº 198, 19 jan. 1936. p.5;

CONSTÂNCIO, Francisco Solano: **Novo Diccionario critico e etymologico da Lingua Portugueza**. Paris: Carneiro, 1836;

COUTO, Ribeiro. Epistolário: III. El hombre cordial, producto americano. **Monterrey: Correo Literario de Alfonso Reyes**, Rio de Janeiro, no. 8, Março de 1932, p. 169;

DEIXANDO “o contra”... **Diário Carioca (RJ)**, Rio de Janeiro, ano 1938, nº 3.218, 4 Dez. 1938, p. 6;

DR. GETÚLIO Vargas. **Gazeta de Paraopeba**, Villa Paraopeba, ano 1936, nº 1.410, 3 de maio de 1936;

FIGUEIREDO, Cândido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica, 1913;

FONSECA, José da. **Novo Diccionario da Língua Portugueza - Seguido de um Diccionario completo de Synonymos Portuguezes**. Paris: J. P. Ailluad, 1836;

FONSECA, José da. **Novo Diccionario da Língua Portugueza - Seguido de um Diccionario completo de Synonymos Portuguezes**. Paris: J. P. Ailluad, 1843;

FONSECA, José da; ROQUETTE, JJ. **Diccionario da Língua Portugueza de José da Fonseca, feito inteiramente de novo e consideravelmente argumentado por J. J. Roquette**. Paris: J. P. Ailluad, Monlon e Cia, 1856;

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1936;

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1948;

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956;

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Edição crítica e comemorativa de 80 anos. Pedro Meira Monteiro e Lília Moritz Schwarcz (org.); estabelecimento de texto e notas: Maurício Acuña e Marcelo Diego - São Paulo: Companhia das Letras, 2016;

ISABEL, Maria. Versos a Paz. **Gazeta de Notícias (RJ)**, Rio de Janeiro, Ano 1939, Edição 120, 21 de maio de 1939;

MORAES SILVA, Antonio de. **Diccionario da Língua Portugueza** - recopilado de todos os impressos até o presente. 3º ed. Lisboa: Imp. Regia. 1823;

MORAES SILVA, Antonio de. **Diccionario da Lingua Portugueza** - recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado. 2º ed. Lisboa: Typographia Lacerdina 1813;

N. L. Raízes do Brasil, de Landa, Livraria José Olympio. **Diário de Notícias (RJ)**, Rio de Janeiro, ano 1936, nº 3.029, 1 de novembro de 1936. p. 2;

NASCENTES, Atenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2ª tiragem da 1ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955;

NOTÍCIA de Gastão Cruis. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, ano 1939, nº 04, Jan de 1939, p.102;

OCTAVIO, Rodrigo. Voando pelo Amazonas: sobre um livro de Luis Eduardo Nieto Cabalero. **Jornal do Commercio (RJ)**, ano 1934, Edição 196, p. 5;

PINTO, Luís Maria da Silva. **Diccionario da língua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832;

REIS, V. de Miranda. Raízes do Brasil. **Boletim de Ariel (RJ)**, Rio de Janeiro, ano 1937, nº 5, Fev. 1937;

RICARDO, Cassiano. **Variações sobre “o homem cordial”**. [1948]. In: *Raízes do Brasil*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956, p. 283-310;

SESSÃO Letras e Artes. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco. Ano 1936. Edição 259. 1 de novembro de 1936;

SOUSA, Octavio Tarquinio de. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano 1936, nº 5.362, 6 Dez. 1936;

VIEIRA, Domingo. **Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza**. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Vol.2: C - D, 1873.



- **Referências bibliográficas:**

ADVENTÍCIO. In.: **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/adventicio/>>. Acesso em: 10/06/2021;

ALMEIDA, Marcílio de; ALMEIDA Cristina Vieira de. **Morfologia da raiz de plantas com sementes**. Piracicaba: ESALQ/USP, 2014. Coleção Botânica, 1. Disponível em: <[http://www.esalq.usp.br/biblioteca/EBOOK/morfologia\\_raiz.html](http://www.esalq.usp.br/biblioteca/EBOOK/morfologia_raiz.html)>. Acesso em: 10/07/2021;

ASSIS, Arthur Alfaix; DA MATA, Sérgio Ricardo. **O conceito de história e o lugar dos Geschichtliche Grundbegriffe na história da história dos conceitos**. In: KOSELLECK, Reinhart...[et al.]. *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. P. 9-34;

AZIZI, Diego dos Anjos. Cordialidade e banalidade do mal no Brasil autoritário. **Guairacá - Revista de Filosofia**, v. 37, n. 1, p. 223–240, 2021;

BENTIVOGLIO, Júlio César. A história conceitual de Reinhart Koselleck. **Revista Dimensões**, Vitória. Vol. 24, 2010, p. 114-134. 03/2010. ISSN: 1517-2120;

BEZERRA, Elvia. **Ribeiro Couto e o homem cordial**. 2011. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>>. Acesso em 27 jun. 2022;

CÂNDIDO, Antônio. **O Significado de Raízes do Brasil**. São Paulo, dezembro de 1967. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio. Coleção Documentos Brasileiros, 1969;

CASTRO ROCHA, João Cezar de. **As origens e equívocos da cordialidade brasileira**. in: CASTRO ROCHA, João Cezar de; ARAUJO, Valdeci Lopes de. *Nenhum Brasil Existe*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2003. p. 71-84;

CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Cordialidade à brasileira: mito ou realidade?**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005;

CORDIAL. **Infogram**. Disponível em: <<https://infogram.com/app/#edit/9b738c08-8e24-4010-a8e4-545a6eeea113/theme>>. Acesso em: 25 mai. 2022;

DOSSIÊ: Sérgio Buarque De Holanda: 80 Anos De Raízes Do Brasil. **Revista Brasileira de História**, Volume: 36, Número: 73, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/i/2016.v36n73/>>. Acesso em: 19 jan. 2022;

FELDMAN, Luíz. **Contraponto e Revolução em Raízes do Brasil**. In: *Raízes do Brasil*. Edição crítica e comemorativa de 80 anos. Pedro Meira Monteiro e Lília Moritz Schwarcz (org.); estabelecimento de texto e notas: Maurício Acuña e Marcelo Diego - São Paulo: Companhia das Letras, 2016;

FELDMAN, Luíz. Um clássico por amadurecimento: Raízes do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - VOL. 28 N° 82, 2013;

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3.ed. totalmente revista e ampliada. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. ISBN: 85-209-1010-6;

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008;

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996;

JÚNIOR, Edvaldo Vieira de Souza. **Dom Avelar Brandão versus Dom Helder Camara: Apontamentos Sobre Eclesialidade e Política no Discurso e Prática das CEBs em Salvador e Recife (1964 a 1985)**. UFBA-Universidade Federal da Bahia, PPGH-Programa De Pós-Graduação Em História Social;

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto (PUC-Rio), 2006;

KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de Conceitos: Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social**. Tradução: Markus Hediger. Revisão técnica: Arthur Alfaix Assis e Bernardo Ferreira. 1º edição - Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2020;

KOSELLECK, Reinhart; Luis Fernández Torres (trad.) Un texto fundacional de Reinhart Koselleck. introducción al "Diccionario" histórico y conceptos político-sociales básicos en lengua alemana. **Revista anthropos: Huellas del conocimiento**, ISSN 1137-3636, N° 223, 2009, págs. 92-105;

KRAMER, Paulo. Conflito de Letícia. **Fundação Getúlio Vargas - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/leticia-conflito-de>>. Acesso em: 05/04/2021;

MAIA, E. C. . A brasilidade modernista e sua dimensão filosófica | Entrevista com Eduardo Jardim. **Revista Café Colombo**. Recife - Pernambuco, pág. 4-7, 01 fev. 2017;

MEILLET, Antoine. **Como as palavras mudam de sentido**. (Edição bilíngue e crítica). São Paulo: EDUSP, 2016. Org.: Rafael Faraco Ben-thien e Marcos Soares Palmeira;

MEILLET, Antoine. **A evolução das formas gramaticais**. Seleção, tradução e notas: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2020;

MONTEIRO, Pedro Meira. **A Queda do Aventureiro - Aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil**. 2º edição - Belo Horizonte: Relicário, 2021;

MURADAS, Daniela; BOSON, Victor Hugo Criscuolo. E essa mancha da “cordialidade”? o mito e sua circulação no direito do trabalho brasileiro. **revista Culturas Jurídicas**. Vol. 9, Ahead of Print, 2022;

NOGUEIRA, Vasco. Como usar linhas de tendência para previsão de dados - **Portal Gestão**. Disponível em: <<https://www.portal-gestao.com/blog/789800-como-usar-linhas-de-tend%C3%Aancia-para-previs%C3%A3o-de-dados.html#:~:text=As%20linhas%20de%20tend%C3%Aancia%20s%C3%A3o%20usadas%20para%20exibir%20graficamente%20tend%C3%Aancias.reais%20para%20prever%20valores%20futuros>>. Acesso em: 25 jan. 2023;

ORIGEM do conceito do homem cordial. **Correio IMS**. São Paulo. Disponível em: <<https://www.correioims.com.br/carta/origem-do-conceito-de-homem-cordial/>>. Acesso em: 20/06/2021;

PEREIRA, Mateus; NICODEMO, Thiago; SANTOS, Pedro dos. **Uma introdução à história da historiografia brasileira (1870-1970)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018;

PRIMEIRO dicionário da língua portuguesa, publicado no século 18, está disponível on-line - **Notícias da UFMG**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/008349.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2022;

REDAÇÃO PSICANÁLISE CLÍNICA. **Teoria dos Humores de Hipócrates: história, tipos e funções**. Disponível em: <<https://www.psicanaliseclinica.com/teoria-dos-humores/>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

SENRA, Iara Andrade. E daremos ao mundo o homem cordial: A apropriação e a utilização do termo cordialidade pelo ideólogo do Estado Novo Almir de Andrade. **Contemporâneos**. Disponível em: <<https://revistacontemporaneos.com.br/e-daremos-ao-mundo-o-homem-cordial-a-apropriacao-e-a-utilizacao-do-termo-cordialidade-pelo-ideologo-do-estado-novo-almir-de-andrade/>>. Acesso em: 12 jan. 2023;

SOUSA AQUINO, J. K. O que Hegel diria da nossa cordialidade?. **Perspectivas**, v. 6, n. 1, p. 74–95, 16 jul. 2021;

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015;

SOUZA, W. **Substantivo primitivo: o que é, exemplos, exercícios**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/substantivo-primitivo.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2022;

UFSC-INE UFSC-NUPIILL. **Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos**. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=5962>>. Acesso em: 6 jan. 2022.

## ANEXOS

ANEXO I - *El Hombre Cordial, producto americano* - Ribeiro Couto

## Epistolario

I.— *La inconexión de América.*

"...O acaso me fez descobrir o seu nome em revistas européas, como sempre se dá em relação aos escritores americanos de língua espanhola, que só indiretamente transpõem as nossas fronteiras. Foi lendo VALÉRY-LARBAUD que eu soube da existência de RICARDO GÜIRALDES, cujo admirável *Don Segundo Sombra* considero uma das maiores, direi mesmo a maior realização literária do espírito sul-americano. Foi, se não me engano, em *La Gaceta Literaria* que encontrei a primeira referência a MARIANO AZUELA, a VILLAU-RRUTIA, a TORRES BODET. E excepcionalmente pude conseguir aqui um exemplar de *Los de Abajo*. Mas dos dois poetas até hoje não conheço mais do que o que vi transcrito no citado periódico. Livros mexicanos, argentinos, e dos demais países hispano-americanos, não aparecem aqui excepcionalmente, depois do sucesso na Europa (*Don Segundo, Los de Abajo*) ou então por um desses mistérios só acessíveis aos ibero-americanistas profissionais. Ao passo que em quinze ou vinte dias posso receber os livros e revistas mais recentes de qualquer país da Europa, levei meses, tres ou quatro meses, para conseguir alguns livros de JORGE LUIS BORGES, GIRONDO, BERNÁRDEZ, NORAH LANGE, GONZÁLEZ-TUÑÓN, OLIVARI, PIÑERO, em suma os argentinos de *Proa* e *Marlín Fierro*. Até hoje tenho me esforçado em vão por obter os primeiros livros de GÜIRALDES. Recentemente soube, por *Les Nouvelles Littéraires*, que se publicou uma coleção póstuma de contos dele, com prefácio do senhor. E agora mesmo acabo de ler em francês que a Sra. VICTORIA OCAMPO está publicando em Buenos Aires uma revista que deve ser interessantíssima."

II.— *Espacio y tiempo en el alma americana.*

"...Julgo vêr no pouco que me foi dado conhecer da obra de X., uma fusão entre os dois elementos que a todos nós, da América, mais ou menos nos disputam. Si o crítico e humanista não pôde negar a procedência européa, o poeta é atraído pelo espectáculo da terra e do meio-social, a cujo serviço, aliás, sempre se colóca a sua cultura. Nesse terreno qualquer explicação teórica é necessariamente arbitrária e incompleta, mas julgo incontestável que as nossas ligações com a Europa se acentuam no plano do temporal, enquanto que a América élas processam no espaço. História e geografia. Tradição e realidade. A questão, no fundo, é de direito internacional; ha que conciliar em nós o "jus sanguinis"

com o "jus soli". O espirito americano surgiu para cada um dos nossos países, com o primeiro filho de europeu nacido na América: enquanto para o pai, a América representava um estágio, um sonho, bom ou máu, de que êle esperava acordar algum dia, com a volta á patria e á realidade da vida daquê tempo, para o filho a realidade era precisamente o mundo circunstante, a vida insegura e sem conforto, mas livre, única que êle conhecia. A Europa não podia têr para êle sinão o prestígio lendário que lhe conferisse a sua imaginação. Tinha de pertencer ao domínio da fantasia. E ainda hoje é talvez esse o problema que se decide no fundo de todos nós.

"O progresso material, a lenta adaptação do homem á terra, as múltiplas mestiçagens, sem dúvida terão modificado o problema. Mas são essas certamente as duas grandes forças que atúam sobre nós. E somos feitos de tal modo, que para muitos ainda hoje é Europa a verdadeira realidade. Creio que era o nosso Joaquim Nabuco que dizia que nos não vamos á Europa: voltamos a éla. E por outro lado a maior parte dos que entre nós se dedicam a questões intellectuais ou artisticas comportam-se diante da América como simples viajantes. Daí a criação de uma arte e de uma literatura esóticas, embóra nascidas aqui, o que vem agravar singularmente o mal-entendido que o senhor tão lucidamente denunciou, pelo qual o europeu só nos péde um esotismo que, si aos milhores já não interessa, entretanto continúa ainda a ser obstinadamente cultivado..

"O que desejamos é a coesistência, num só individuo, de um espirito crítico á altura dos milhores da Europa—o que constituiria uma reminiscência da cultura clássica acentuando-a ao lado latino da nossa civilização — e de uma extrema sensibilidade poética, em cuja origem se visse um reflexo do espanto que ainda nos causa a nossa propria terra, o nosso modo natural de reagir diante do meio físico."

Rio, 28-IV-931.

PRUDENTE DE MORAES, NETO.

III.— *El Hombre Cordial, producto americano.*

"O verdadeiro americanismo repelle a idéa de um indianismo, de um purismo ethnico local, de um primitivismo, mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem iberico; de modo que o homem iberico puro seria um erro (classicismo) tão grande como o primitivismo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espirito humano em outras idades e outros continentes). E'

da fusão do homem iberico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sahir o "sentido americano" (latino), a raça nova producto de uma cultura e de uma intuição virgem—o Homem Cordial. Nossa America, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial. O egoismo europeu, batido de perseguições religiosas e de catastrophes economicas, tocado pela intolerancia e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas e em toda a vastidão generosa daquela terra, a Familia dos Homens Cordiaes, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espirito hospitaleiro e a tendencia á credulidade. Numa palavra, o Homem Cordial. (Attitude opposta do europeu: a suspicacia e o egoismo do lar fechado a quem passa). (Como é bom, nos pueblos e aldeias da nossa America, no seu Mexico como no meu Brasil, mandar entrar o caixeiro-viajante francez que vende peças de linho, ou o engenheiro allemão que está estudando a geologia local, e convidal-o para almoçar! A gente grita logo lá para dentro: — O' Fulana, manda matar uma gallinha!).

"O facto, porém, é que si não somos latinos, nós, oriundos da aventura peninsular celtiberica em terras americanas (alimentada pelas rédes nupcias de indias bravias e pela sensualidade dócil de negras faceis), si não somos latinos, somos *qualquer coisa* de muito diferente pelo espirito e pelo senso da vida quotidiana. Somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas, de amar com pudor, de convidar o estrangeiro a entrar para tomar café, de exclaimar para o luar em noites claras, á janella:— Mas que luar magnifico! Essa attitude de disponibilidade sentimental é toda nossa, é iberoamericana... Observavel nos nadas, nas pequeninas insignificancias da vida de todos os dias, ella toma vulto aos olhos do critico, pois são indices dessa Civilização Cordial que eu considero a contribuição da America Latina ao mundo."

Marselha, 7-III-931.

RIBEIRO COUTO.

## Vida Literaria

## Homenaje a Varona

(V. MONTERREY, N.º 5)

Dado el carácter continental del homenaje al maestro cubano ENRIQUE JOSÉ VARONA, y la dificultad de reunir las colaboraciones de todos los puntos de América, los recopiladores han prorrogado nuevamente el plazo para la recepción de los trabajos hasta el día último de abril del año en curso. — Dirigirse a José M. Chacón y Calvo, General Pardiñas, 32, Madrid.

constante das vontades particulares, que encontram seu ambiente proprio em circulos fechados e pouco accessiveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses circulos, foi sem duvida o da familia aquelle que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos effeitos decisivos da supremacia incontestavel, absorvente, do nucleo familiar — a esphera, por excellencia dos laços de sangue e de coração —, está em que as relações que se cream na vida domestica sempre forneceram o modelo obrigatorio de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democraticas, fundadas em principios neutros e abstractos, pretendam assentar a sociedade em normas anti-particularistas.

O escriptor Ribeiro Couto teve uma expressão feliz, quando disse que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas pelos estrangeiros que nos visitam, formam um aspecto bem definido do character nacional. Seria engano suppor que, no caso brasileiro, essas virtudes possam significar “bôas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legitimas de um fundo emocional extremamente rico e transbordante. [Na civilidade ha qualquer coisa de coercitivo,] — ella pode exprimir-se em mandamentos e em sentençaçs. Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinarios do convivio social, chega ao ponto de confundir-se, por vezes, com a reverencia religiosa. Já houve quem no-

## ANEXO IV - Verbete Cordial - Rafael Bluteau, 1712

**C**ORDIAL. Remedio para o coração. *Remedium cordi utile, cordi conveniens, cordi auxilians, tis. Plin. Hist.* Cordial. Adjectivo. (com o quando se diz) Isto he coufa cordial. *Hoc est ruendo cordi validum.*  
 Cordial. Adjectivo. Cordial amigo. O que ama de coração. *Ex animo amicus, Verèque benevolus. Alicui, ou alicujus intimus. Qui ex animo amat, ou diligit aliquem. Cic. Qui ex animo bene vult alicui. Terent.* Cordial amizade. *Amor verus, non fictus, singularis, summus in aliquè, ou erga aliquem. Amor ex intimis visceribus, ou ex inus præcordijs.*  
 Tom. II.

## ANEXO V - Verbetes Cordial e Cordialidade - Novo Dicionario da língua Portuguesa - 1817

**Cordial**, adj. Do coração (T. Medico)  
 Diz-se do remedio, que fortalece o coração.  
 Cordialidade, s. f. Afeição de coração.  
 Cordialmente, adv. De coração.

## ANEXO VI - Verbetes Cordial e Cordialidade - Francisco S. Constâncio - 1836

**CORDIAL**, adj. 2. (do Lat. *cordis*, genitivo de *cor*, coração, des. adj. *al*), de coração, do coração, v. g. *amigo, amizade, amor, affecto* —; it. que conforta o coração; que vigora, anima, v. g. *remedio, licor cordial*. Usa-se subst. *Os cordiaes; hum bom cordial*.  
*Flores cordiaes*, t. med., são as de rosas, violas, borragens, e lingua de vacca. He denominação absurda, e devêra ser bannida.  
**CORDIAL**, s. m. (subst. do precedente), remedio ou bebida que conforta o coração, que reanima, dá calor e vigor ao estomago; *fig.* conforto. *Cordiaes para a alma*.  
**CORDIALIDADE**, s. f. (*cordial*, des. *idade*), affecto *cordial*, afeição sincera e terna.  
**CORDIALISSIMAMENTE**, adv. superl. de Cordialmente, com summo affecto, com summa cordialidade.  
**CORDIALISSIMO**, A, adj. superl. de **Cordial**, affectuosissimo, muito *cordial*.  
**CORDIALMENTE**, adv. (*mente suff.*) de coração, com affecto sincero. *Amar, desejar* —.

## ANEXO VII - Poema Versos á Paz

## Versos á Paz

Divindade sem rumo, oh! sim, serás bemvinda  
 E um altar possuirás na successão infinda  
 Destas plagas de soll  
 A America te chama, oh! Paz ambicionada!  
 Divindade do Amor, rudemente ultrajada,  
 Vem viver entre-nós!

Entre os nossos humbraes,  
 Sacode da sandalia a poeira dos millenios  
 Em que perambulaste no universo  
 Sem refugio encontrar;  
 Em nossas cachoeiras,  
 Banha o teu pobre corpo ensanguentado  
 Do rolar nas escarpas do Passado;  
 Tu que és da Humanidade o intimo desejo,  
 O mais logico anhelado,  
 A quem a carne chama, em mudo desespero,  
 Na voz do instincto de conservação,  
 Nunca serás aqui ludibriada!  
 E a glorificação das epicas grandezas  
 E a apothese ancestral da bravura guerreira;  
 E as legendas da força e os bellicos clamores  
 Jamais te alcançarão!

A America constróe o seu futuro  
 Ouves?  
 São pedreiras que explodem e serras que sibillam,  
 São guindastes gemendo, são andaimes,  
 São escolas e fabricas, hospitaes.  
 Sob o céu tropical o trabalho fervilha.  
 Relampejam metaes. Rendilham-se montanhas.  
 De marmore e granito;  
 Escancaram-se minas,  
 Marcando a joven carnacão da gleba  
 De chagas refulgentes.  
 Será monumental o novel edificio  
 Da Civillização!  
 Será impar, suprema, a molle gigantesca  
 Do sereno torrão do "Homem Cordial!"  
 Precisamos de tí! Vem trabalhar connosco  
 Na obra formidanda!  
 Verás: quando o edificio, concluido,  
 Todo inteiro se abrir em flôres luminosas,  
 Todo inteiro falsear do fogo de mil sóes,  
 A Humanidade que, tão servilmente,  
 Sempre a face entregou ao escarro dos canhões  
 Ha-de os joelhos dobrar.  
 Ha-de os braços abrir, alvorocadamente,  
 Para a Era-Nova da Serenidade.  
 Para a Gloria da Paz em todas as nações!

Maria Isabel